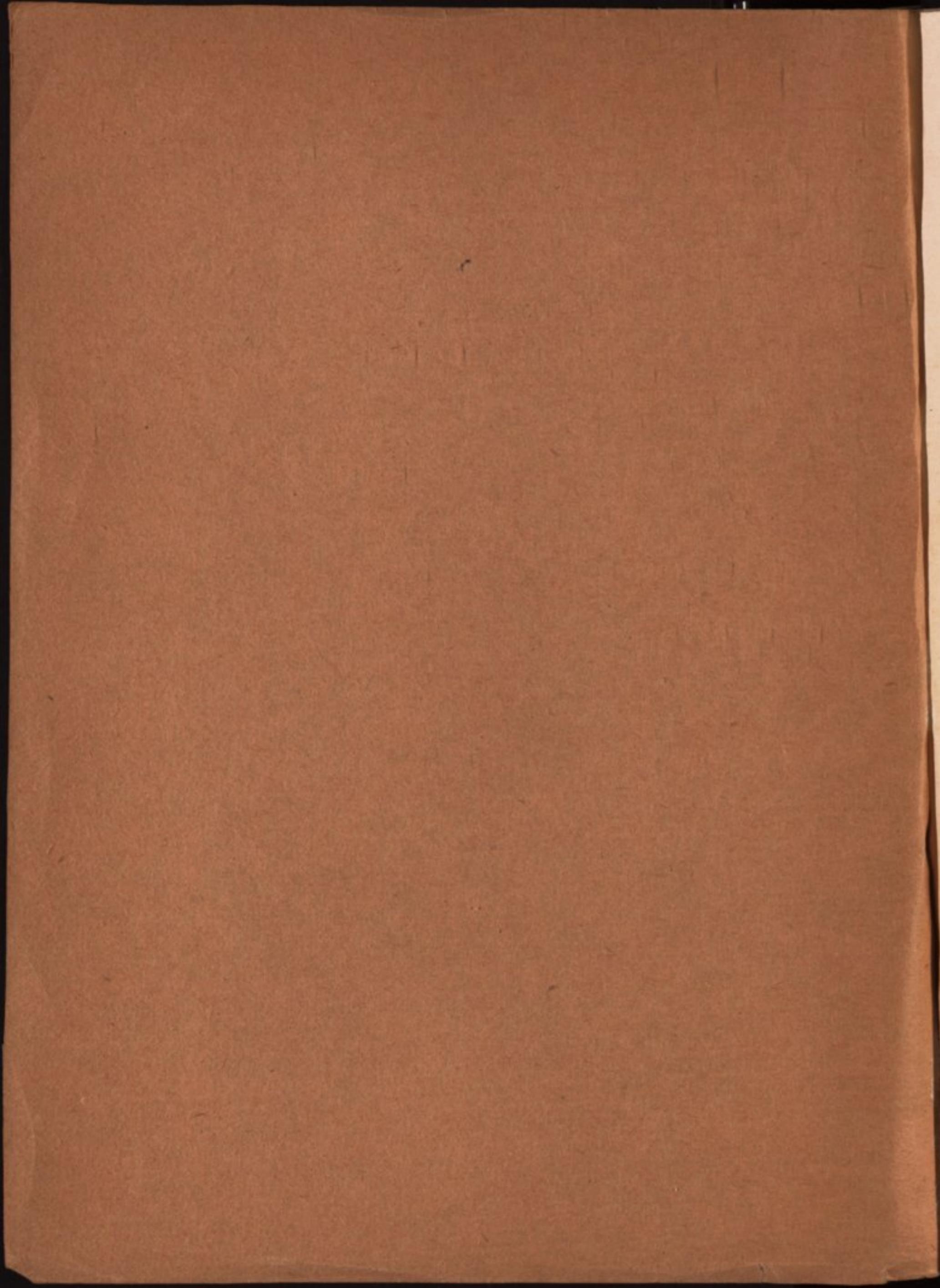
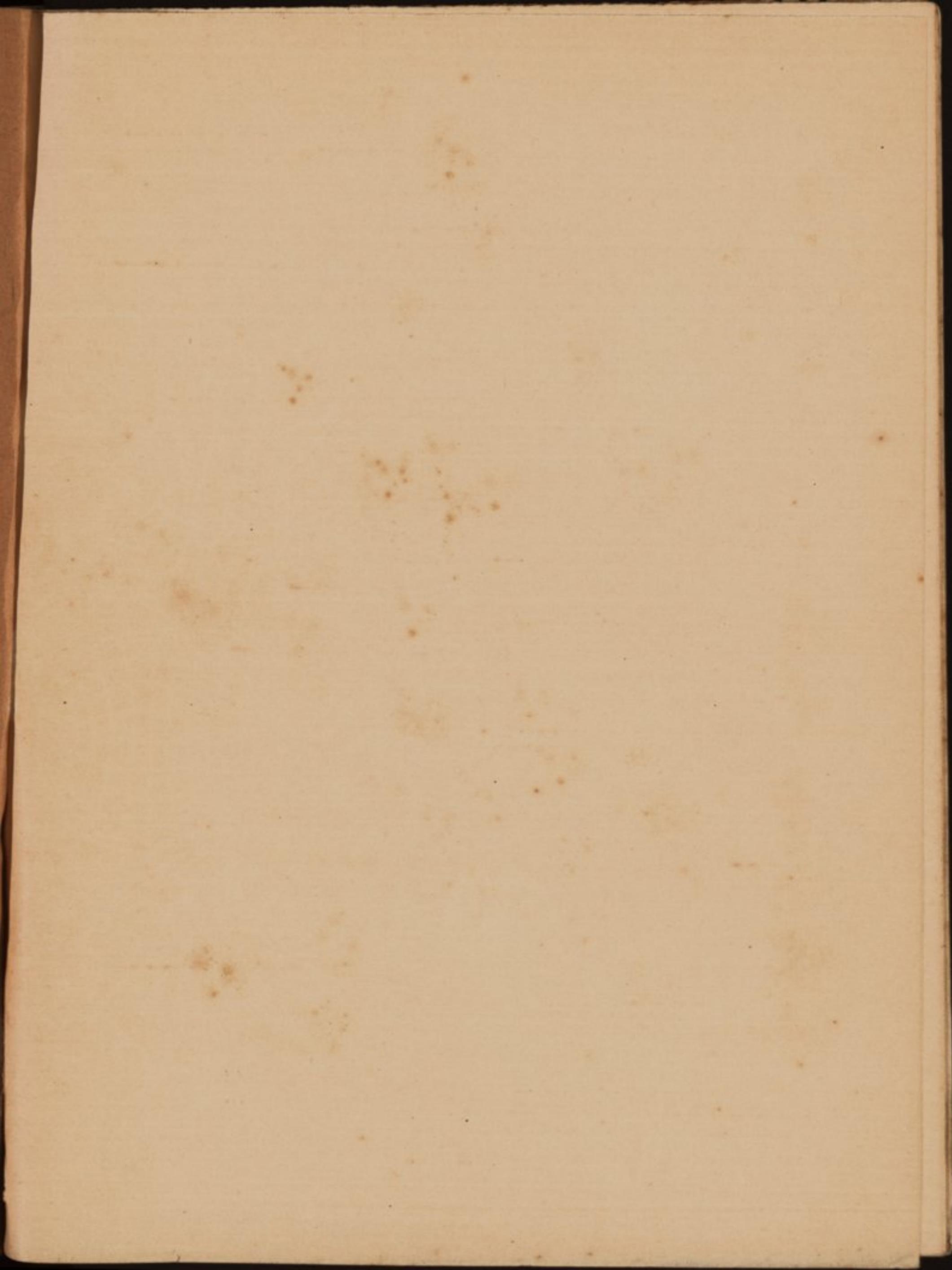
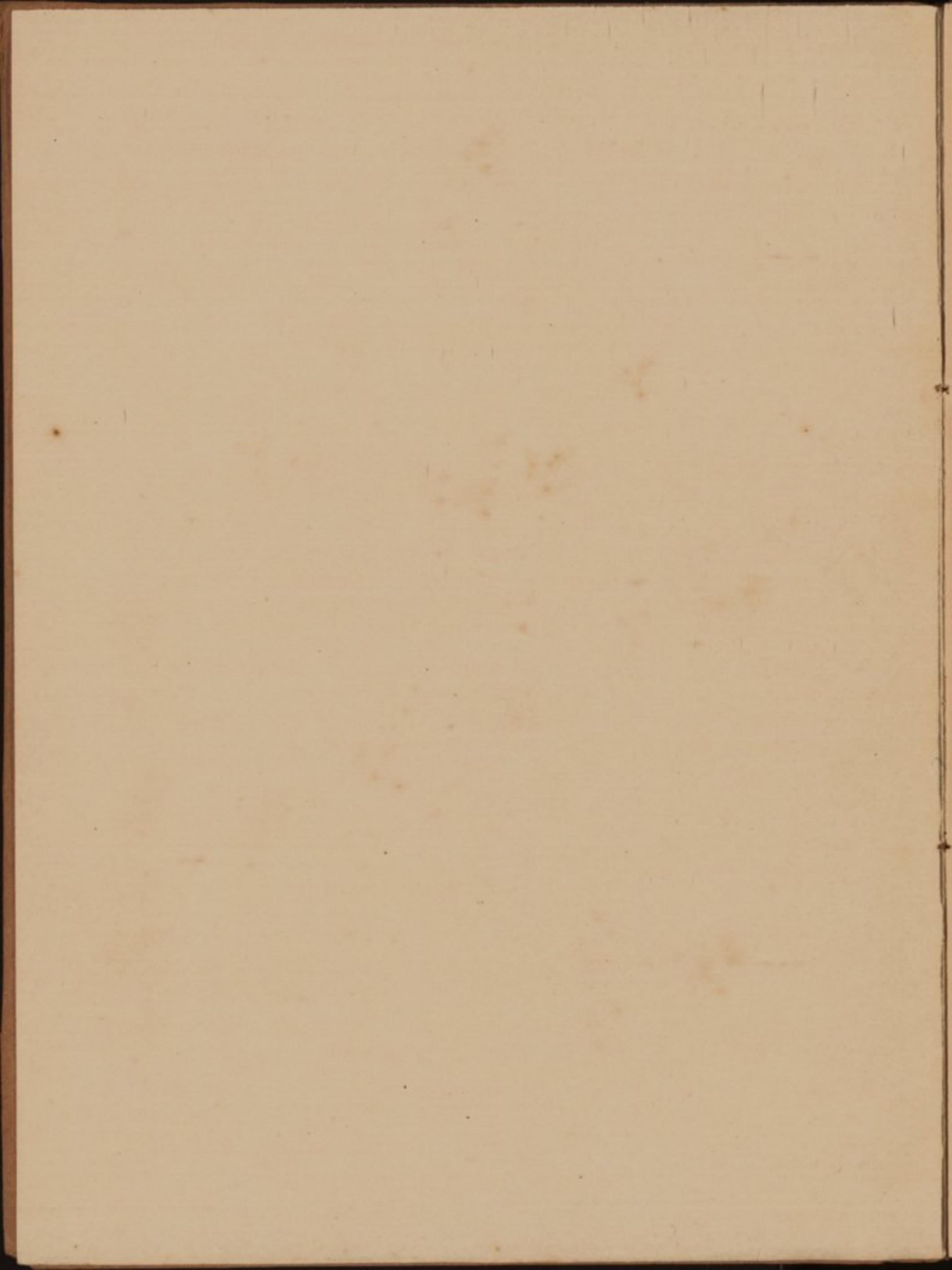
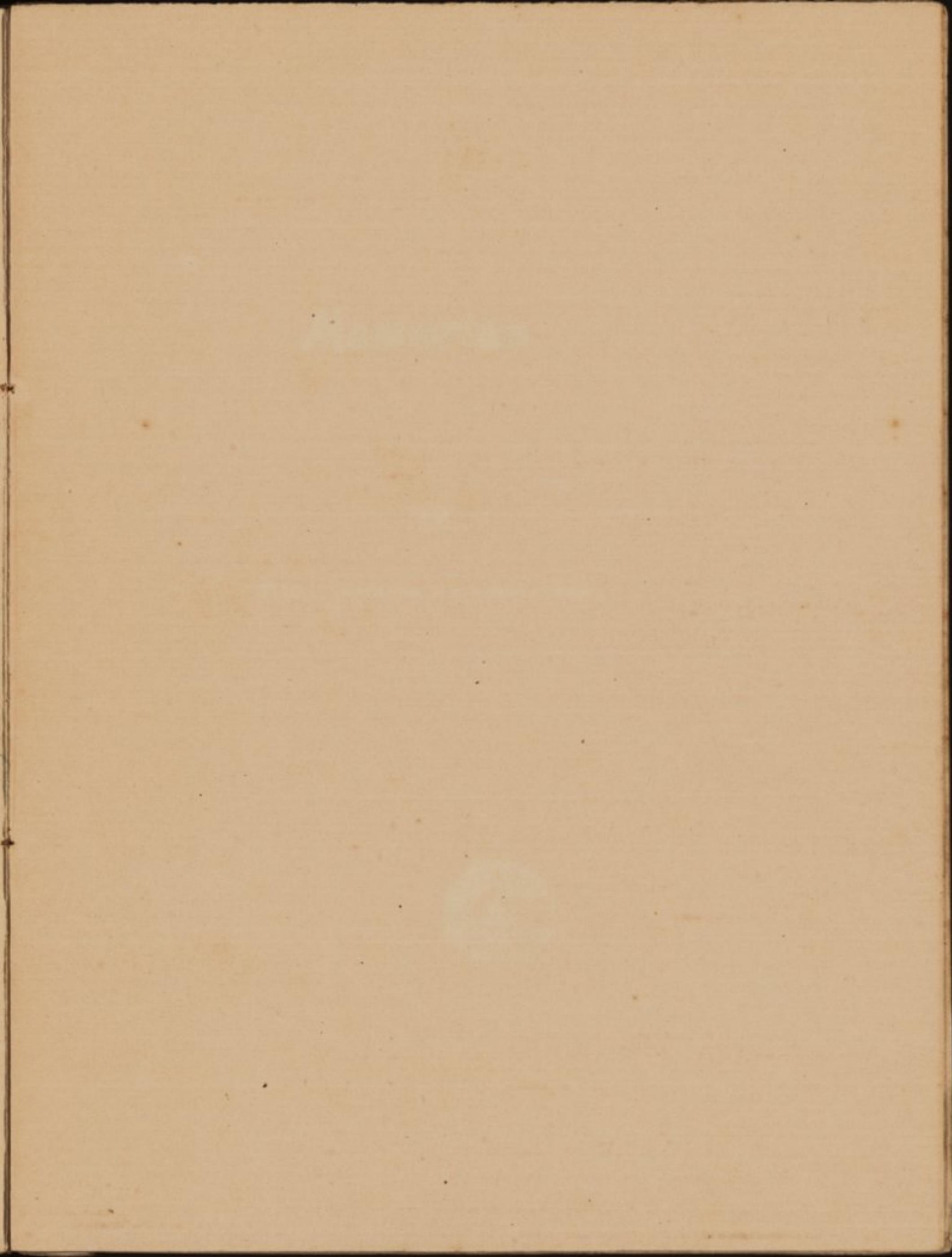


3









MEMORANDUM

Memorias

IV

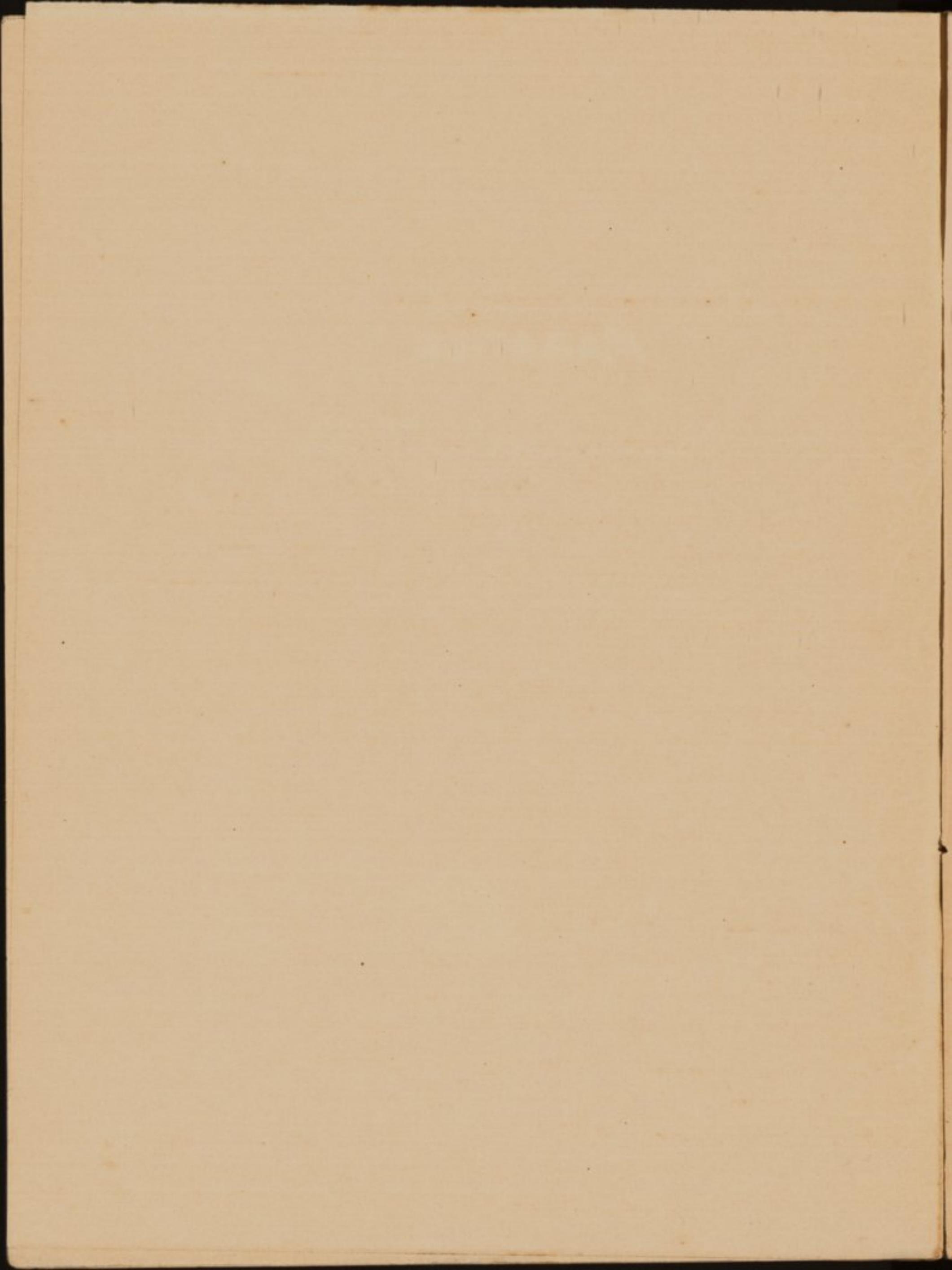
1910 = janeiro - a - dezembro.



25170 R3A

«..... explicando
« Puras verdades já por mim passadas.

Camoês: Canção X.



Janeiro:

Coimbra = 1 de janeiro (sabado) =

Aqui começo um outro anno, um outro volume de memorias, indeciso se isto servirá para alguma coisa... Servirá? Ou não!

É uma coisa tão vaga, tão mysteriosa, etc...

Mas lá vou começar outro volume, procurando deixar nestas paginas qualquer coisa que sirva um dia para eu reconstruir a minha vida, quando eu — quem sabe! — me isolar do mundo, desiludido e desenganado, e me enfiar mysteriosamente á gelada netta...

Creio que ainda hei-de ter esse destino...

Mas hoje, dia de anno bom — boas festas! boas festas! — não é dia de prophcias nem lamentações. O sol estive alegre e quente; a paisagem ris, ris, scaniciante, quasi meiga; e eu andei gelado mas, sudoroso, ridiculo, meio vendido, em cumprimentos protocolares...

Aí, as reuniões convencionaes!...

Como meio mundo anda sugando outro
meio, e como meio mundo se frija sugando
gela outra metade!...

Os reuniões convencionaes! a hygerisia
de nós todos!...

*

Ainda hoje...

Enfuchados, encharlatados, endormiçados,
peris meio dia, enbrãmas no gabinete do com-
mandante do 23, o Inuus celebre e de bem
triste memoria.

(Isto bem viãra á ordem que áquelle hora ali
deveriamos estar.)

O tenente-coronel, com um sorriso, apresen-
tôu a conferação que exfambosamente ali ia pres-
tar homenagem ás altas qualidades, etc, etc, de
sua Excellencia...

Sua Excellencia agradeceu, resum á vontade
forçado, e grôus do amizade e consideração; dis-
se cousas varias que no dizem todos os annos n'
este dia, e fizou a vanboagem de, no caso de al-
guem official ter um conflito com elle, que elle
(coronel) não ficar mal colocado, o official q'dis
a sua transferencia com haubridade e dignida-
de...

O gulto! quando houver um conflito não se de-
ve procurar saber quem tem razão: o inferior que se
vá logo embora para o não colocar mal!

Houve depois o agente de missões da guerra e d'ahi a
goico, sua filha, meu magote engalanado, chama-
do a attenção curiosa e recardoz de todos, lá foram
elles, casuista do quartel-general.

Eu fiquei-me para ir com o capitão Alfredo de
Braz e o tenente de administração militar; fomos
um goico star, partimos á rua Martins de Souza
Lima e chegamos ao mesmo tempo que elles, depois
de terem ido dar bando pelo balçada e mais viscau-
de de Luz.

O general agradeceu, notando, polgando como
de costume... O Tenente avançou, deu dois dedos
de manbeiga em nome de todos e elle, tomando
attitude, começou então um ineberrante discurs-
pata...

Agradeia o terem lá ido cumprimental-o;
só o subir a rua do Suelho-costão ~~da~~ que elle
chamou "um Calvario" dava direito a ser o funda-
dor de uma religião, quanto mais não fosse a reli-
gião do estólado... Depois elogiou a caridade do
23, principalmente quanto a instrução, e a está
respeito não havia modo que observar; já quanto a
disciplina...

E aqui começou elle a encaraçãõ das cousas ao
 Juens, com dignidade e firmeza...

A disciplina é uma cousa muito complexa;
 hoje não se faz nada com brutalidades... já se não
 está em tempo em que as reclamações não são in-
 tendidas, antes pelo contrario; o castigo já hoje
 não consegue muito, só o exemplo provoca o bom
 comportamento; é necessario ter cuidado com o
 que se diz porque ha sempre quem ouve, e com
 o que se escreve porque ha sempre quem lê, e
 mal... só o pensar é que é livre e felizmente
 que é livre!... É necessario cuidado com a applica-
 ção dos castigos para evitar reclamações...

Eu sei!... cousas assim, ditas com firmeza
 e habilidade, encaraçãõs todas para o Juens
 que lá estava, disciplinado, e regular em seus...

Como elle ali estava submisso, com ar de
 quem ouvia tudo como verdades reveladas...

O grito!

Terminando, ia principiar o agito de mão de
 graxe, quando o coronel lhe diz que d'ali iam as
 biço...

— Ah não as biço?... tubão também eu
 vou, se me dão licença...

E entrou dentro a buscar a escada. Voltando
 pelo mesmo, seguiu escada abaixo, seguido

de toda a gente fardada, que certamente ia contra
a sua consciencia.

Mas foram.

Eu, chegando-me ao capitão Alfredo de Bruy dis-
se em surdina:

— Eu não vou...

Resposta immediata:

— Também eu não...

E quando todos seguiam nos baixos, para a Sa-
velha, eu e o capitão, estando á direita, seguimos nos
de Ilho acima, enfiados, eucharisteados, mas
com ar de quem se escondia...

E elles lá foram, solenes e submissos, beijam a
mão ao bispo-cede.

Não! eu hei-de sempre protestar contra aquillo,
contra aquella submissão obsequiosa ao poder ecclesiás-
tico! Não o posso fazer ás claras, faço-o assim, sub-
sternamente, como quem não quer e corre...

Mas elles... contrariados, é certo, iam todos com
uma zozze!...

Coitados d'elles.

Coimbra = 2 de janeiro (domingo) =

Estou de greves, no quartel. E logo ao apresen-
tar-me é fardado, que ~~me~~ bellas novidades recebi!...

Fui hantem agalhado, agarrado, catrefilado, me

minha gazeta ao beija mãos aljiscosol, assim como o Alfredo Cruz.

O capitão Almeida, o Motta, o Tago, e outros, amavelmente me agradeceram de que eu fôra agarrado...

Logo no pulido do reus das bôvas, o Inuus zergueitou por mim... Dentro do Paço do bispo foi uma othadella enobante e descarada para todos os officiaes, como quem procura alqueem; depois elle e o Tenente-coronel cochicharam uns joucos e logo, com resolução, o Inuus foi direito ao general e zargueitou-lhe que dois officiaes não tinham accitado o comite de sus Ex^{ta}...

Nós, não accitamos o comite do general...
Qual comite?

Inuus nos disse que iam ao bispo?

Digam antes que todos são uma "canseirada" obscena e que não atiaz uno dos outros, indiferentes e submissos. Mas que nós não accitamos comite é falso!

O general zergueitou pelos nomes dos dois que faltaram; e os nossos nomes lá foram ditos com enthusiasmo... catholico e com ardimento de disciplina...

Depois, veio o bispo; troca de cumprimentos, amaveis galanuras, e no fim o beija-mãos

7
geral com o coronel ao pé para ver se alguma
faltava ao dever de bom catholico.

Ah! como se não ha-de a gente revoltar con-
tra a hygerisia, contra a vilania de quem man-
da na classe militar, que parece congregar-se
em cada vez mais aviltar e rebaixar aos olhos
dos outros!

E não ~~se~~ hei-de ~~me~~ revoltar-me contra is-
to?

Ciimbra = 4 de janeiro (3º feira) =

Reina a intriga, continua a intriga... E zar-
que não?... Não faltai eu ao beija-anel do bis-
po-conde?

A causa! !

Toda a officialidade foi cambriada; toda ella
resumegou... Mas, se a vissem protestar contra
a falta de nós dois!...

Os tenentes... os laudos!

*
Recibi hoje um officio da "Comissão de inveni-
rimento ao ensino", nomeada na camera dos delib-
tados, enviando-me um extenso questionario
sobre instrução e um outro especial para des-
ponder como membro da "comissão" da escolas
municipaes.

Confesso que me acho com boa pouca competência para responder...

Ah! se eu fosse a responder, sem me preocupar com a rubrica de tenente de infantaria!...
Vereemos.⁽¹⁾

Boimera = 17 de janeiro [2ª feira] =
Realizou-se hontem, finalmente, a conferencia do João de Deus, como no volume anterior ficou projectado.

Mas como custa a realizar uma coisa destas! Afinal, tudo correu muito bem, do que eu pensava; mas... o trabalho que dá!

De porta em porta, andei eu, procurando gente influente nas varias associações de Boimera, especialmente nas democraticas.

— O João de Deus, a comitê do Proleganda nem ali fez uma conferencia... Soué bem né... é uma obra meritória, aquella escola... e depois... porque é uma conquista liberal...

Era preciso a isco do liberalismo para me-ther zegar o comitê; e na verdade, eram as hostes democraticas, as que maior representação tinham.

⁽¹⁾ Officinas vol. no Masso V - 22.

Sempre foi na casa da camara, na sala no-
bre, profundamente iluminada, e com certos
ares de cerimoniaosa attenção.

Escrevi. No mesmo, não se perder o traba-
lho.

Ante-hontem o João de Deus escreveu-me: ⁽¹⁾

" Meu querido amigo:
" Antecipo-lhe os meus agradecimentos pelos
" favores e preparativos para a palestra do domín-
" go, na camara municipal. Bem haja!
" Vou amanhã no sagido da tarde, e ten-
" ciono hospedá-lo no hotel Avenida. Commu-
" nico-lhe isto para hypothese de você julgar con-
" veniente escrever-me de qualquer coisa.

De todo o coração

(1) João de Deus

Lx - 14 - I - 10

Na verdade, conseguí mexer tudo e — o
que é uma gloria... — conseguí interessar um
leite, um mestre!

Refiro-me ao Dr. Dias de Silva, presiden-
te da Sociedade de Dejezo e Propaganda que,

⁽¹⁾ Na Coll. Cartas - II, 77-A

sem duvida, tem mostrado uma boa vontade que contradiz até, a sua qualidade de cathedra-tico...

É tanto que até-hontem, elle, o Fernandes Costa e o meu tio Alvaro de Silva, foram á estação, ao lado, apegar o João de Deus. E hontem foram ao hotel para o acompanharem para a camara, como guarda d'honra...

Gostei.

Mas vamos á ressa: a pele estava cheia e tinha de tudo: desde o leute ao operario. Presidiu o Dias da Silva que convidou para secretarios o Antonio Thomé, reitor do Lyceu e o Antonio Leitão, que é vice-gesidante.

Esta ultima escolha foi intencional porque o Leitão, o Carvalho (tenente) e os outros dois membros da comissão auxiliar fizeram um jogo de guerra á conferencia!

Sacrilégio?

Parece... É tudo porque o gesidante do De-
fezo e profaganda é o Dias da Silva e quem o Leitão não pôde ver.

Coisas...

Mas a conferencia realisou-se e com certo êxito. O Dias da Silva fez um pequeno discurso e depois o João de Deus começou a con-

ferencia que aqui não cito porque a guarda no
 numero do Dejeza que a ~~comissão~~ ha-de trazer, tal-
 vez ausente. ⁽¹⁾ Foi subarbitrado ao titulo de "O Je-
 diu-escola Joao de Deus e o ensino da Grinzeira
 infancia."

No fim foi abraçado e cumprimentado por
 muita gente, e continuou a cumprimentado pelo Dr.
 Dias da Silva

Gostei de tudo.

Agora, uma nota necessaria:

O conde de Measaráns assistiu, e no fim foi-
 o cumprimentar, dizendo-me que não tinha gos-
 tado... Hoje, o Joao de Deus, indo a casa delle te-
 re a explicação do caso: achara o conde que elle,
 Joao de Deus, fizera, cumprimentando, o jogo
 dos republicanos, que falava de modo a agradecer-lhe
 e dar-lhe um belos beijos, que ficava tambem
 inimigo da Escola, e...

— ... no fim, ficaste rodeado pelo lixo repu-
 blicano da terra...

O lixo republicano!

Em tudo a Grinzeira occasião, o Sr. conde
 mi' as lagarí.

⁽¹⁾ No Masso V, 23.

Coimbra = 25 de Janeiro {3^ª feira} =

Echos da conferencia:

Os jornaes falaram com glórias elogiosas.
O João de Deus foi satisfeito. O conde de Mesas-
rãs continua inimigo... E hoje recebi um bi-
hete: ⁽¹⁾

" Meu Ex^{mo} Amigo:

" Escrevi hoje ao Dr. Dias da Silva e a seu tio reu-
" nando os meus agradecimentos pelos favores e at-
" tencões que recebi no dia da occasião da conferen-
" cia.

" Peço-lhes tambem o patrocinio e a cooperação
" realiosa da Sociedade de Defesa e Propaganda de
" Coimbra para facilitar a accão do Comi.^{ão} das Eco-
" las Meoieis. Intervendo, voce, favoravelmente,
" no que puder.

" Do caracã

" (c) João de Deus

" Lx^a 24 - I - 10.

⁽¹⁾ Coll. Cartas - II, 77-B

Coimbra = 25 de março [6.ª feira] =
 Sempre tivemos em Miranda do Corvo uma
 "Comissão auxiliar" das Escolas novas!

Buscou, mas...

Em fins de dezembro ultimo, escrevi ao Galix-
 to Mendes, recebedor de Miranda, para tratar do as-
 sumpto, como no vol.º anterior ficou [H.º 322]. E elle
 na verdade, em 14 de janeiro escreveu-me, di-
 zendo que arranjara uma comissão de tres bo-
 charis, idoneos e illustres...⁽¹⁾ e declarava-me
 com a mais ingenua franqueza que determinas-
 se em o parvo...

Em 16 veio o João de Deus fazer a conferen-
 cia e eu estava convencido de que lhe falara no
 assumpto; no entanto, zelo pium e zelo não, em
 24 de janeiro mandei-lhe a seguinte carta:

"Meu Ex.^{mo} Amigo:

" Estava convencido de que lhe tinha perguntado
 " o que era necessário fazer para a instalação de
 " uma comissão auxiliar em Miranda do Corvo.
 " Hoje farei, em lithete desta terra, inquirindo Je-
 " lo que tenho feito, veio provar que me esqueci...

⁽¹⁾ No Coll. Cartas - II, 76

" O caso é este: em Miranda do Corvo concen-
 " quio-se que 3 bachareis se constituissem em comis-
 " são auxiliar das Escolas-noveis, e eu fiquei en-
 " carregado de ser o intermediário.

" O que é necessário fazer para legislar a comis-
 " são?

" Peço-lhe informações para as transmitir; jul-
 " go-os com excelente vontade e desejam até uma
 " missão logo que possa ser — e bem necessaria é!

" Quando tiver um bocinho de tempo que me in-
 " forme.

" etc, etc.

(c) B. Pimentel

Da volta do correio tinha, juntamente com o
 regulamento das comissões, um postal que di-
 zia:

" « Meu Pr^{mo} Amigo: quando-lhe hoje o n.º 1 do 2.^o
 " serie da "Instrução de Povo" onde você encontrará
 " o regulamento das Com.^{ões} auxiliares. Lá verá a
 " maneira de estas se organizarem, o que servirá de
 " esclarecimento sufficiente para os seus amigos de
 " Miranda do Corvo. De coração, (c) João de Deus. »

De modo que, no mesmo dia, escrevi ao Ca-
 listo Mendes, não só mandando instruções

mas reclamando mais dois membros para a comissão, como se verá:

* Coimbr^o, 26-I-910

Meu caro amigo:

Di hoje lhe escrevo porque só hoje consegui os esclarecimentos necessários. O João de Deus esteve ali no dia 16 mas não consegui uns momentos para com o sr. conversar sobre o nosso caso, de modo que lhe escrevi e só assim obtive os esclarecimentos de que precisamos.

Mas vamos ao caso: diz o art.^o 2 do Regul.^o das comissões auxiliares, que estas devem consistir-se de 5 membros (presidente, secretario, thesoureiro e 2 vogaes); só excepcionalmente, quando não fôr possível obter maior numero, poderão constar algumas de 3 (presid.^o, secret.^o e thesour.^o)

Ara ali, certamente, o meu amigo arranjará as cousas de modo que a comissão tenha os 5 membros, sem prejuizo, e' claro, dos cidadãos e senhoras que queiram ser subscriptores o que não será difficil conseguir com algo de boa-ventade.

Pelo art.^o 8 do cit.^o Regulam.^o os meus amigos, reunidos, escolherão os cargos; e feita a relação respectiva, com os nomes por extenso, e a designação dos cargos, mandará. m'a-hão para eu logo

" a seguir ao João de Deus, para este admissor a no-
" meação legal.

" Isto, para agora, é o essencial. Logo que venha
" a nomeação, tratá-la-á da inauguração polemi-
" ca dos trabalhos e para isso convém levar ali o pro-
" prio João de Deus que de certo accêta de bom grado
" o pedido. Mas, para isso, neste intervallo que fa-
" rei para por certo, os meus amigos não arranjarão
" do subscriptores, para constituiram o nucleo de
" propaganda e accão nesse concelho que será para
" o futuro quem elegerá as outras direcções da comis-
" são e para isto basta que sejam, pelo menos, 20
" subscriptores (art.º 3). Convenha que trabalhem já
" neste sentido porque, logo que sejam nomeados le-
" galmente, o presidente da comissão deve (art.º 8,
" unico) convocar uma reunião no fim de semana ou
" tarde para assentar na propaganda e reali-
" zar; e a essa reunião, que será, na verdade, o
" inicio dos trabalhos, é que deveria assistir o pro-
" prio João de Deus que melhor elucidaria todos
" acerca do assumpto e com o qual a direcção d'
" ali travaria relações que seriam proveitosas.

" Ora, como comprehende, seria do maxima
" vantagem, que os subscriptores fossem em gran-
" de numero e entre a gente mais colada da ter-
" ra, mas sem metter muito thalasso (que está

"especie de gente é muito danoso...") Como o
 "meu amigo não isto pôde por tudo umas questões de
 "dias; desde que me mande os 5 nomes com os
 "cargos, mandando-a logo ao seu destino e creia que
 "na primeira reunião mensal da Associação
 "faz-se a respectiva e legal nomeação.

"É concorda o meu amigo que seria de tem ja-
 "ra o terra, a festa a que me refiro: numes pella,
 "os 20, 30 ou 40 subscriptores, reunidos com as fa-
 "milias, sob a presidencia do presidente da Direcção
 "discutiriam a propaganda necessaria, os trabalhos
 "urgentes, e ouviriam umas conferencias do Goad de
 "Deus.

"É no fim, é claro, a completamente jubanada,
 "para animar as artes, para o que, generosamente
 "se oferecerá algum mirandense rico...

"Trate d'isso! trate d'isso! Paeis nesta cousa a
 "sua alma e o seu esforço. Façamos alguma cousa
 "pela emancipação do povo!

Um abraço, etc, (.) D. Pin. L. »

A carta foi, circunstanciada e animosa. O
 Calixto, arrebolado com a recepção das contribui-
 ções não ~~se~~ tratou com a necessaria beari-
 dade o assumpto; no entanto, por fim de fe-
 vereiro veio a minha casa e trazendo triumpho.

haute a lista de direcção e uma lista de subscri-
tores. Finalmente!

Escrevi logo ao João de Deus:

« 25 fev.º 910

" Meu Ex.^{mo} Amigo: "

" Os meus irmãos de Leirado do Barro, resol-
" veram-se a trabalhar e constituiram-se em comi-
" são auxiliar dispostos a arranjar grande numero
" de subscriptores dentro do concelho.

" A comissão ficou assim:

" Presidente: bach.^{al} Joaquim Gonçalves Paul, ad-
" vogado e notario.

" Secret.^o: Maria Augusto d'Almeida, estud.^{te}

" Thesour.^o: bach.^{al} Francisco Augusto da Costa e
" Silva, coadjutor da freguesia.

" Vogas: bach.^{al} José d'Almeida, medico

" : Calixto Mendes, recebedor do concelho.

" Queira o meu Amigo agora, fazer o possível
" pela legalização desta comissão auxiliar pois es-
" tou convencido que trabalhará.

" Já se reclama até a sua pessoa, nenhuma pes-
" são de inicio de trabalho, e eu, sem procuração
" sua, fui animado essa esperança convencido
" de que lá posso dar, um dia, uma fugida, e dizer
" umas cousas que lhes serão de alta utilidade.

"
 " Queira mandar, etc, etc

(c) Document . »

Tudo foi lá em meo, e não voltei a ter respos-
 ta. Hoje, já em, recebi umas especie de officio das
 Escolas-moças assignado pelo secretario Elycio
 de Campos em que me diz que no mesmo car-
 reio envia a nomeação da comissão para o Dr.
 Paul e em que me agradece a intervenção, de-
 diando para eu continuar a "dar-lhe (a comissão)
 o meu calor" para se não perder o enthusias-
 mo, etc, etc. (1)

Resumo: temos comissão auxiliar em Mis-
 randa do Barro.

Custou, mas...

... o que sahirá daquelle gente?

Eu farei todo o Journal, sem duvida, darei
 todo «o meu calor» segundo a expressão do Pa-
 dre Elycio de Campos, mas... vencerá a nobri-
 za e a inercia?

Veremos se a obra sahe em termos.

(1) Na Coll. Cartas - II, 82.

Nota:

Em 10 de abril fui transferido violentamente para Defensoria 22, em Paralegry.

De então para cá a minha vida tem sido uma continuada trabalhada de cousas variadas...

Trabalhos, perseguições, o demônio.

Em 5 de outubro proclamou-se a república e eis que, em vez do sossego, mais trabalhos me estavam reservados!

Por isso o que se segue é uma simples recapitulação da minha vida desde abril, feita aos poucos, quando me pinto com vagar e disponibilidade para escrever sobre cousas que ainda me causam uma dolorosa impressão.

Coimbrã = 20 - dezemb - 910.

A minha transferência para
Infanteria 22.

No dia 10 de Janeiro, chamado á secretaria do regimento, o tenente-coronel João Chrysostomo Pinto deu-me o papel da minha informação annual para della tomar conhecimento.

Boa ou má, declarei que ia reclamar, e na verdade, tres dias depois entreguei uma extensa reclamação que foi julgado, sem mais nem menos — improcedente.

Reclamei de novo para o Conselho de promoções, passado novos tres dias e a reclamação lá foi, pelas vias competentes, para o venerando Conselho que passado mais de dois meses a julgar improcedente, mantendo a informação dada pelo coronel Duarte Ineuz.

Informação e reclamações estão no volume
A minha vida militar e de Jodan per admira-

das e comemoradas. São documentos preciosos da minha vida...

Preciosos?... Eu sei!... No menos mostrei ali uma psychologia independente e um espirito avançado, bem em contraposição com a baixaria dominante.

Bellos documentos! Hoje, que pessoalmente escrevo sob um regime republicano, ainda me orgulho alguma coisa... Eu tive, então, coragem de fazer aquillo!

Custou-me caro, e' certo; mas, meus queridos netos: joucos o fariam...

Vamos contando.

As reclamações fiz uso de dois nomes, como testemunhos das minhas qualidades: o de Albano Mendes de Fournes, então commandante de caçadores 3 e o do ten.^{te} coronel Pego Chagas, commandante do D.N.T. 23.

A este ultimo falei eu, pedindo authorisação; mas aquelle escrevi contando o caso e d' elle tive uma resposta risurosa que conservei.⁽¹⁾

No entanto, não me fiando muito na justiça daquella pobre gente do Conselho Reverendo, escrevi uma carta ao coronel Alfredo Au-

⁽¹⁾ Coll.^{ta} Cartas - II, 77.

queto de Barros, de que me veio me arrependi.
 Este coronel era então chefe d'uma direcção do mi-
 nisterio e devia ser o secretario do venerando
 Conselho. Este facto me levou a escrever-lhe.

22 - I - 910

Meu Ex.^{mo} Coronel:

Como sei que V. é meu amigo e como começo
 a ser benevolencia, dirijo-me hoje por este meio
 com o fim de lhe pedir um favor que incide sobre a
 minha tranquillidade e a de minha mulher e filha.

É o caso que por informações confidenciaes e
 surtidas de todo justificadas, parece positiva a re-
 solução do meu commandante de regimento em
 me não fazer d'aqui, assim como a um capitão do
 mesmo regimento Alfredo Eduardo de Cruz.

Não sei o que determina agora este estado de
 cousas; é certo que eu, sempre reservado com o Sr.
 Coronel, nunca me fiztei a um certo numero de
 cousas; nunca frequentei com submissão e reve-
 rencia a secretaria e gabinete d'elle; nunca fiz co-
 ra nos louvores e applausos ás distribuições infames do
 jornal O Portugal que é o director espiritual de gran-
 de parte da officialidade... Mas é certo tambem
 que o meu procedimento não tem sido nem cor-
 recto, procurando cumprir os meus deveres, en-
 tregando-me ao estudo de varios ramos de conhe-
 cimentos especialmente historia; e vivendo (fora
 do quartel) unicamente em minha casa, com
 minha mulher, com a boa vontade de quem está
 resolvido a procurar na familia, o sossego e o bem
 estar da vida.

Ora deu-se agora o caso de, nas informações
 annuaes o Sr. coronel inferir de mim o d'os.

se Sur. cof.ção, de uma forma tão falsa (jermita-me V. o terreno) que nós reclamávamos.

O Sur. coronel deu as reclamações por não procedentes e nós reclamávamos para o Conselho superior de promoções.

Estávamos convencidos de que, quanto ás reclamações, o Jerigo não é grande porque tínhamos bem conhecido a falsidade das informações; mas onde ~~está~~ está o Jerigo é no que possa haver de secreto ou confidencial ou mesmo no que possa haver sob o ponto de vista da intriga e que a informação fosse alguma coisa amaldiçoada que provocasse uma incomodabilidade pela qual nós devêssemos sair.

Ente, meu Coronel, é que é o Jerigo; e é por elle que eu escrevo a V. para que V. com a sua amizade vise se alguma coisa poderia fazer no sentido de evitar a que houvesse uma transigencia.

Sabe V. como isso seria para mim um prejuizo cof.ção...

Compreende V. que muito me custa servir de degrão para o Sur. Coronel in para Lisboa, com mandado a municipal.

V. ha-de desculpar esta pobreza, etc, etc.

A carta foi e o cof.ção Alfredo Cruz escreveu ao Pinto de Magalhães, para ver se pela Maçonaria se arranjava... justiça.

Correram dias. O Ineus, como creança que amou não me falava; a officialidade, servilmente, dava-me mais manjeira e evitava-

nos, como se evitavam os acirrados perigosos...

Havia pelo quartel um mal estar geral. Os sargentos murmuravam, os cabos e soldados republicanos evidenciavam-se alguma coisa, e nós dois com os officiaes de confiança — joucos, bem joucos — conspirávamos...

Escrevi ao Helldes Ribeiro sobre o caso; o Luis d' Oliveira Franco escreveu ao Bandido do Reis; mas nada se sabia.

O Inuus foi chamado, a certa altura a Lisboa e eu, pelo sim e pelo não, tornei a escrever ao Barros.

13 - fev. 910

Meu ^o meu Coronel:

Não tornaria a escrever a V. Ex^a, se não fosse agora surgir um boato mais ou menos inquietador. Esse boato justifica o que eu mais ou menos previa na carta que he tenho escrito: é que a informação que o Sr. Coronel Inuus deu de mim não era mais do que um pretexto para que « por portas traversas » arranjasse a título de incapacibilidade, uma transferência não só para mim, como para o Sr. capitão Cruz.

Porque, creio o meu Coronel, o unico desejo do Sr. Inuus já varias vezes expellido em conversas com pessoas que aghora de tudo não guardam o segredo de forma que se não saiba — é a nossa saída do regimento.

Desculpe V. o desabafo, mas o boato a que me refiro é proveniente da chamada a Lisboa do Sr. Co.

romel que, segundo os jornaes, teve tambem uma conferencia com o ministro do reino.

Por isso vejo a V. se me elucidava sobre alguma causa para que eu possa ao menos saber com o que posso contar.

Eu sei! Hoje tudo se inventa e (o que é peor) tudo se acredita. E quem sabe o que se terá dito de mim!...

Termino, meu Coronel, etc, etc.

Então, a resposta não se demorou e elle foi de molde a fazer-nos abrir a bocca de espanto e de indignação. Depois d'um yologo, diz: ⁽¹⁾

14 - fev.º - 910

De jorem vale para o caso a minha opinião, então, independentemente do P. procurarei fazer em seu auxilio, devo dizer que graças á esculhase d'uma dispendiosa descalida, não podia o Sen. dizer mais em debriamento da sua causa que vejo mal encarado por todos os lados.

E d'ahi a dias minha paga escreveria o seguinte que confirmava a carta do Barros:

... O Barros disse-me que a teu marido não tinha agradado a informação do Inuus e que

⁽¹⁾ Coll. Cartas - II, 78

tinha feito uma reclamação. Mas que era em tais termos que o podia bem prejudicar; que lhe parecia da parte do teu marido uma má disposição contra o Inês para escrever tão asfereamente. Agora, o resultado, vamos a ver... etc, etc.

É nesse mesmo dia, 18 de fevereiro, o Pêlder Ribeiro responde-me ⁽¹⁾ dizendo que o Inês quando foi chamado a Lisboa pediu lá ao ministro para nós sermos castigados.

Bom Mathias Inês!... Quando foi de dita dura franquista bem bemaste com os republicanos, bem te ofereceste para a república.

Agora, estás ahí a fazer de juiz de instrução criminal, é esgare que um te cáia do céu para a degola...

O tempo foi correndo e no 23 a mesma resposta de todos... Nada de desagradar ao Inês!

Finalmente!

Em 30 de março recebi uma carta do Barão ⁽²⁾ dando-me parte de que a minha reclamação fôra julgada improcedente «sem mais procedimento algum.» É arruando em conselho dig-me causas destas:

(1) Coll. Cartas - II, 79

(2) Coll. Cartas - II, 83

.....
 Mas devo observar que as allusões mordazes feitas na sua exposição ao C.^{to} não ficaram esprezadas;
 Julgo mais próprio da sua humildade procurar o melhor meio de captar a consideração dos superiores (note que digo superiores) e não só do C.^{to} e se vê que o não pôde alcançar é preferível não fazer p.^o nos cargos..... etc.

.....
 (*) Barros

Deram parte, os honreiros; mas se elles deram parte mais parte dei eu, e, francamente, fui aos ares. Lembro-me bem que jantei dias terríveis, não dormia bem, andava impressionado, tethudo...

E' claro que agradei logo ao Barros minha carta que por uma aparente humildade ia uma clara ironia. Questão de tres jridos e mais nada. Bone o Barros, juiz justo.

Não é meu francez, o velhote...

D'ahi a dois dias, se tanto, minha sogra escreveu e mandava uma carta que elle, coronel, lhe escrevesse em 22 de março annunciando-lhe que a reclamação ficava em nada e terminando pelo desejo de « que o rapaz fizesse mais as coisas para a outra vez... »

O rapaz, sou eu...

Mas a carta de minha sogra dá mais explica-

ções que é interessante archivar e que são resul-
tado do que o Barros lhe disse.

.....
Se não fosse o Barros por nesso amigo e muito
ter estimado seu Paé elle (eu) teria de ir para outra
terra. Não imaginas a má impressão que causou
tudo o que seu marido escreveu. Quando deram os
papeis ao Barros disseram-lhe: Leia, este official
está a precisar ser suscitado...

O Barros vendo que se tratava de seu marido
começou logo a calcular a quem havia de descri-
bír, ~~mas~~ que fosse mais benevolente. De todos os
dizeres faziam commentarios poucos agradaveis.

Elle viuha-me dito: positivamente é transferido
do regimento; o que é necessário é evitar que ve-
nha alguma coisa a mais...

Nesse dia viuha o Ineus falado ao Barros e dis-
se-lhe: tive uma reclamação no meu regimento
que me deu um grande desgosto.

O Barros não lhe disse que era tanto das mes-
sas relações. Já não que o Ineus falava sem saber
que me havia de constar. Fez elogios a seu marido
que era um official recto mas um genio exproisito
que não gostava de convivencia (e isto não ofendi)
Eis elle viuha dado aquella informação porque elle
tem que dizer alguma coisa segundo as informa-
ções que lhe dão. Elle disse: « quando casou, já
estima que viuha já a mulher, já a conhecia das
de criança, sempre que o via perguntava-lhe fa-
miliarmente já a mulher, mas depois deixei de o
fazer porque me pareceu que não gostava e regarei
que não me perguntava já minha familia e
pareceu-me que me evitava. »

Acrecentou que em diversas occasias que elle

dizia perennemente seus desejos cumpria que elle não fazia por lhe agradar.

Para elle (Jureus) era um prazer fazer-se isto com o marido da filha de Licínio que elle tanto estimava. Disse ainda que se não importava que elle ficasse no regimento mas elle é que se não sentirá bem...

O fiasco tudo no momento deveu-se ao Barão João muito que trabalhava para isto.

.....

Bello documento, está! Como o Tartufo se revela ali, naquellas lagrimas de carcodilo!...

O malandro!

E depois, o outro, a dizer que tudo lhe devemos, que tudo fez!...

Enfim...

Ora isto tudo coincide com o seguinte: o relato da minha reclamação foi o general João Maria Pereira; este general tem uma sobrinha que vai casar com um cadete que no anno lectivo passado acabou aqui a estudar, chamado Jorge de Carvalho, de Santiago de Cacem; este cadete escreveu-me para, em nome do general, me dizer... o quê?

Que tinha gostado da minha reclamação, que gostava de ver os rapazes assim a dizer as coisas, que eu mostrava por instruido e que o unico defeito que tinha era ser um pouco fofo.

te para os tempos que iam correndo, que se não fosse a data de velhotes que havia no Conselho tal vez o Inuus se visse em bolandas...

Eté!....

Como ligar com isto, de que eu não posso decidir, com as galaxias mansas do Barros?

Comentários, quem quizer que os faça. Se eu os fosse a fazer, levá-los ali um dia inteiro a escrever... Os dias que eu então jancei, na dúvida se sobre mim cairia um raio de justiça se um raio... dos diabos?!

Aquelles dias!... como eu julguei que ainda houvesse quem catesse a direito para olhar a galactões!... Que ingenuos...

x

Chegou o dia 10 d'abril... Domingo, dia alegre, sol vivo e quente, as arvores a rebeitar com força e alegria, os palmeiras a reverdecer... do quartel, tudo na mesma; nada de anormal ou do extraordinário.

A certa altura, como a ordem estava demorada, comecei a pensar em me safar... disto, uma ordenança chamou-me á secretaria; eu entrei e o tenente coronel com o olho a lusia mas com cara condescendente entregou-me uma guia para eu ir receber itenerário ao quartel-

general, 2º Regimento Infanteria 22 ... e vagarosamente esfregava as mãos ...

— Portalegre, não é?...

— É, é Portalegre ...

Eu fiquei-me afarrambentamente na mesma, mas o bague recebi-o bem em cheio.

Está fora, no corredor, senti-me amachucado!... Portalegre!... Então era essa a resolução do Conselho?... O Conselho não resolvera não dar mais algum procedimento?...

O que houve?...

Sahi aturdido... Officiaes — exultando o adjuvante da administração militar José Fernandes Duarte — puniram-se... e eu sahi do quartel como um condenado.

Afinal, o Ineus, não contente com a resolução benevolta do Conselho, exigira a transferencia da esquadra Cruz e da minha pessoa, como republicanos combativistas. Isto me afirmou o Barros, em 20 d'agosto, quando fui ao ministério da guerra tratar da minha inabilidade.

E ali está... Para eu não era, no fundo, uma questão politica? Queris ou não queris a nossa saída do regimento?

Conseguiu-o, é certo, como conseguiu minha causa. No menos, jogou-o já.

Facto consumado, sujeitei-me, e' claro, pre-
nendo já as terríveis contingencias e que elle
me exigia.

Fui receber itinerário ao quartel-general, vi
a cara de indifferença do chefe do estado-maior, ti-
ve os 10 dias de demora e á tarde, quando sahia
a passeio recebi uma carta comovendo de Fer-
nandes Duarte ⁽¹⁾ — unico signal do protesto de
uma corporação insana!

Onde chega a consciencia de cada um!...

x

Daqui começaram os meus erros... Não dei-
xei pôr o caso passar as 24 horas do esboço e
cahi em escrever a meu Tio José Pinheiro. Se
tinha deixado passar um ou dois dias, não lhe
chegava a escrever.

Mas enfim... escrevi-lhe! Não conservei co-
zia mas disse-lhe que era uma illegalidade a
minha transferencia pois que in contra a decisao
do Conselho; se tinha outra origem, mas não jo-
dia por penas politica e a esse respeito dizia qual-
quer coisa que não correspondia bem á verdade,
como o meu afastamento da questao republica-
na, a minha ponderancia sobre a massa jo-

⁽¹⁾ Coll. Cartas - II, 84

gular da minha terra, etc, etc; e terminava por
me pedir para elle me transferir para o D.T.T. n.º
23, onde, segundo meus disposições do Vascoellos
Paró, pediam estas dois subalternos.

Fiz mal... Meu tio ficou-se a rir...

— Estes republicanos!... Tesos, terram, fazem
asueiras, mas... em thes cheirando a chamusco
agarram-se a toda a gente!...

Eu sei... E eu devia ter juizo... Com este meu
tio então, devia ter tido mais cuidado.

Enfim, a carta foi. Nunca ella fosse!

Escrevi ao capitão Alfredo Cruz (que então es-
tava em Liria, circumando) vibrando, é claro,
na maior indignação.

Citados de nós todos...

x

Os jornales falaram, é claro, com mais ou
menos razão, com mais ou menos verdade. Se
luz nós voltáramos-se os olhos confundidos de
meio mundo porque o outro meio gostou.

O padre Antonio da Costa Gaitto, reccionário
conhecido, andou badalando pela cidade a nova
da minha transferencia, alegrando. E nos centros
militares de cavalleira lastimava-se, enfim, por
judês, mas achava-se que tudo fôra pelo me-
lhor...

O centro franquista não pôde luminarias por guardar um pouco de decência...

Os jornais é que, foram, deram a nota. Guardei os que consegui arranjar e que censeiro;⁽¹⁾ a Patria, do Porto, chegou a ocupar com nósco uma columna, mas esse numero não arranjei eu.

E os dias da demora começaram a correr...

Em 14 chegou resposta do Cruz, indignado, é claro, e perguntando-me pelo que eu tencionava fazer. Tive ainda pretensões a ironista e talvez ter graça na resposta que lhe enviei no ~~dia~~ mesmo dia:

14 - abril - 910

Meu ^{o meu} ~~o~~ ^{resposta} ~~resposta~~:

Pergunta-me o que tenciono fazer? Pois eu lhe digo: tenciono ir a Badajoz...

Conquanto isto lhe pareça extraordinario e exótico por não ser precisamente a Badajoz a terra para onde me transferiram — o que é certo é que verdadeiramente não são essas as minhas tencões.

E porque não?

Raciocinemos, apesar de não ser isso o que nos diz o Mestre; mas raciocinemos — nos um pouco do raciocínio e vejamos com lucidez e um pouco de bom humor: é ou não é verdade que me pagam as viagens e me dão ainda 30:000 reis? É ou não é verdade que posso ir logo á junta a Évora? É ou não é

⁽¹⁾ do Masso V - 33.

verdade que dentro da divisaõ me jagam as
passagens para ir á junta? & ou não é verdade que
nunca fui áquellas terras alentejanas? & ou não
é verdade que Badajoz fica ali á mão de reusar? &
ou não é verdade que me vale a pena viajar á cus-
ta dellas?

& tudo verdade. Logo...

A conclusão é absolutamente logica...

De modo que sigo para Portalegre, touriste políti-
co, viajante á força como o medico de Molière.

& conservando o bom humor que sempre con-
servo e tirando o partido que sempre tiro de todas
estas cousas — farei uma viagem proveitosa e diver-
tida. Eis cabalmente resguardado a sua jergueira
attenciosa... etc, etc.

.....

Seis mostrar alegria, como quem resiste á
tristeza facilmente. Pobre de mim!...

No dia seguinte, tive de resguardar a minha
carta de meu tio Jose... Elle escreveu a meu
Pae uma longa carta cuja grossa conclusão:

.....

... recebi a carta do Belizário na 2.^a feira, nesse
dia jancei jeon e só sahi á noite, no carro fechado
para ir á reunião do Centro onde devia ir o Minis-
tro das Obras publicas que é irmão do da Guerra
com quem não tenho relações de nada. Infelizmen-
te não foi á reunião. Também não lhe janda falar.

... Hoje para não perder mais tempo fui assistir
ao almoço do D. João e expuz-lhe o caso por me
lembrar que não morreria ninguém para a tal

Junta sem elle por ouvido. Ficou muito admirado com a transferencia de Belizario e ficou de hoje mesmo procurar o ministro da Guerra afim de saber qual a verdadeira determinação desse caso, dizendo-me que faria tudo por elle excepto se a transferencia fosse por se provar ser elle republicano porque nesse caso nem elle insistia nem o ministro transigia.

Com respeito a elle por rogal da Junta (sic) o Sr. João está comprometido a collocar lá um tenente que dizem ser todo progressista recomendado pelo Padua e pelo Costa Lobo (!)... Em ultimo caso tratar-se-hia de obter que o Costa Lobo e o Padua se não melindrassem em o ser recomendado por Joberido, aulôra, para ficarem bem collocados com o Joberido não desistam do ydido. É um caso licudo.

O Belizario tem fama de ser republicano e se no ministerio ha alguma prova, não se obtém nada; se for nunca susjeita a ser desfazer qualquer satisfaria.

Mas elle que parece e seja bem; eu não quero ofôr-me ás suas ideias nem mesmo quero saber quão ellas sejam, mas o lugar que elle Joberido é de confiança; os medicos em geral fazem na Junta gran de numero de favores politicos e o que eu não quero é que elle me deixe depois comprometido com o Joberido ofendo-se a alguma Joberido que elle tenha de Junta.

O que é preciso é ~~se~~ sustentar que elle não é republicano; de contrario ninguém lhe vale e em nome lá do que elles quizerem elle ha de ter pou. Jber pensabarias grossas pelo mesmo supranô se não mudar de regimen que uns dizem estar para breve e outros que não é ainda na nossa vida.

(1) Este tenente deve ser o republicano aconso do Sr. Alberto dos Santos Pereira Monteiro, do 23

O que infelizmente é certo é que o Invaso é tido nas regiões officiaes como base official, desceglimadas, e de toda a confiança monarchica e desde que o conservam meus conselhos é porque acreditam nas suas informações confidenciaes ou não.

Não imagina quanto isto me tem enojado; eu estou desgosto a fazer tudo pelo Belizario; mas no caso de elle se manifestar republicano não conseguirei nada, nem outro qualquer, sendo tolhe o meu sacrificio.

Não entanto não é caso desesperado, namos a ver as informações que o D. João obtém; e esta semana tenho de mandar um relatório ao Sebastião Telles sobre coisas do jornal e vou pessoalmente, de Jofonito para lhe falar no caso.

Espero de lhe dizer que farei incondicionalmente por elle, quanto possa, jamais (sic) tendo-me elle obrigado.

Elle multindrou-me deveras com duas cartas que me escreverem ha tempo e que me fez mudar de orientação a seu respeito; pois lembrando-me delle muitas vezes eu pensava em trabalhar para que elle fosse digno pois sempre poderia fazer melhor figura ⁽¹⁾ e ganhar alguma coisa pois que eu não tenho filhos e para mim nada mais quero.

Não entanto, nem caso destes, farei tudo de parte e farei quanto possa; e só considero o caso indubitavel se houver prova de que elle é republicano não porque me importe com isso, mas o ministro é que não cederá e qualquer outro procederá para com elle por igual forma.

Em quando fodi a transferencia delle para ali só me comprometti com o Sebastião Telles de que

(1) !!!...

elle não era republicano e nada mais. Se eu disse a verdade, bem vai; no caso contrario, melhor será pensar-se em lhe arranjar outra vida antes que sopra alguma perseguição de mais. . . . E parece-me de bom conselho que pelo menos quem é militar e precisa de o ser, se não deve manifestar contra as instituições vigentes seja em ellas que se fôr.

. . . Morte-lhe esta carta; tentei mais escrever-lhe mas não posso mais. . . etc, etc.

É um interessante documento de psychologia . . . monarchica. N'gante aos commentarios sinceros, ha em toda a carta muita coisa.

Resposta:

15-abril-86

Querido Tio:

Em primeiro lugar deixe-me dizer-lhe com sinceridade e franqueza que a carta que escrevi, me fez malgustos, uma quasi revelação.

Desde já lhe afirmo que não sabia que alguma vez, em cartas, o melindrase; quando?

Quando em Valença lhe escrevi sobre aquelle destino que afinal se convertem em ociosa licença?

Quando lhe escrevia sobre cousas historicas acerca das suas datas memoraveis?

Não o sei bem.

Nas primeiras, se alguma coisa disse de mais violento — isso não era mais do que uma afirmação sincera de principios; nas seguintes não fiz mais do que criticar, com a liberdade que sempre ha nas criticas litterarias.

E deixe-me acrescentar-lhe que para melindrar

é preciso que haja influências; e sendo assim não andaríamos nósahi, constantemente, a melindrar nos com tudo?

Outra revelação foi o seu desejo de me fazer delgado; e este desejo, tinha que lutar com o meu feitio que se opõe a todas essas formas de ser da nossa política, e que não aceitava, certamente, esse seu desejo, á parte a boa vontade d'elle.

E agora vamos ao assumpto meo.

Primeiro, cumpre-me agradecer-lhe a boa vontade que tem desde já mostrado e affirmo-lhe que tenho bem sei que o caso é um tanto ~~em~~ escusado (como dizem os Escol) e por isso lhe devo falar com a maior lealdade para que não julgue que eu quero só aproveitá-me da sua influencia.

Diz que eu tenho fama de republicano; pois eu devo dizer-lhe que não é bem assim: eu tenho fama de revolucionário (que é mais alguma coisa); e no dizer do coronel e varias pessoas d'aqui eu, não só sou revolucionário, como também com influencia e prestigio sufficientes para arrastar para a meu o movimento para a revolta e com o regimento, chusmas de milhares armados.

Outro cumpre-me que isto, e não verdade, só me eleva: para ser assim, teria de ter prestigio e o prestigio não se consegue sem caracter — o que não succede a elle que amanhã, apesar de todas as suas formas, se fosse preciso, garanto-lhe que não levava um soldado para a rua.

Houve no 23, ha tempo, uma revolução durante a noite, por certos infundados; levou-me a curiosidade a percorrer o quartel para ver o moral das tropas; pois nem me lembrava ouvir eu dar vivas que não eram precisamente á monarchia e suas... sabe a quem? ao coronel, dizendo-se em altas vo-

zas que elle jagaria todos os males que tem feito. Eu conseguí passar sem ser visto; e no resto do regimento, o moral era quasi o mesmo.

No entanto, no gabinete, ouvi-lhe em dizer ao general (que logo se refugiou no quartel) que o regimento faria o que se lhe dísse, que elle mandava ... etc.

Mas vamos a concretisar os factos:

Ha evidente confusao de D. João acerca da vaga ...

.....
 Alguns, quanto ao serviço no D. T. T. não é somente a junta; ali todo o trabalho é de secretaria e mesmo quando me chegasse a vez de fazer parte da junta, (3 meses no verão) eu cederia o lugar ao outro porque não tenho necessidade de me encommendar. Já lá estive em 1808, por indicação de serviço, mez e meio, e bem vi o que aquillo era; só tenho a consolação de poder afirmar que não fiz injustiça alguma e não deixei fazer outras. Alguns de republicanos, os filhos dos conventionalistas, iam ficando agitados como é facil provar.

Porém, com a presença leal que sempre fiz, vejo lá bem que não se confundem; já me tenho eu e essa fama eleva-me a creatura de influencia nas hostes revolucionarias; o Inacio no ministerio pediu mesmo um castigo para mim e chegou a agarrar-se ao Duello Brayner, Vasconcellos Porto e até, creio eu, ao conde d'Agueda; de modo que, se vier que ha os credulos não se use mais no caso porque, com licença da junta de 2 meses que tenciamo pedir logo que chegue a Portalegre ou Jansenai a serio na melhor maneira de me livrar desta infame carreira militar onde estamos sujeitos ás feras de qualquer analfabeto mau e covarde.

Todos os commandantes que tenho sido me consideraram e alguns me distinguiram muito.

Alguns, quem mudou? Eu, ou o commandante?
lá?

Quanto a provas de eu ser republicano, nada di-
go: provas arranjadas a Inquisição para provar as
cousas inverosímeis; provas arranjam-se conforme
a conveniencia. Só resta saber a sua veracidade.

Provas, hoje, no ministerio, a tal respeito, bas-
tam as galanuras d'um agalado: é a razão do estado.

Quem se liure de uma cousa destas? Tenho eu
culpa de o Ineus ser um covarde e um falso? Por
isso eu ho muito quero em mudar de vida. E, a
não arranjarem agora logar no districto vou submetendo
com licenças até algumas cousas ver que me conve-
nha fóra dessa classe que é hoje, acredite, uma classe
miseravel.

Basta ver: o Ineus é considerado como monar-
chico de confiança! Ah!... como indigno isto! Não
imagina como me revolta essa confiança nelle, pe-
bendo eu, como todos no regimento, o que sei! El-
le, que, quando matáram D. Carlos, com lagrimas
pediu aos officiaes que se não manifestassem con-
tra a revolução porque deviam seguir as ordens do
novo governo! Elle que, quando aqui veio o rei,
meu o foi cumprimentar e disse aos officiaes que
não valia a pena ir lá, que ninguém nos ligava
indignancia. (sic). Elle que, quando ho prevenções
em Lisboa, recommenda aos officiaes de inspecção que,
se houver alguma cousa, que lhe mandem o case
uma força com um pargento de confiança para o
escoltar!

Elle que é um ignorante cuja disciplina é tal
que deante dos subalternos são algumas injurias
e obscenas aos majores (como eu sei); que rece-
be no gabinete meretrizes e antigas creadas, o que
já faz com que o gabinete seja almechado pelos pol-

dados, de ... açaige! ... Eto, ete, ete. Se eu começasse
 ne aqui a desfiar o rosário levaria até á noite ...

Creio que, a respeito da parte raria, tel-o elucidado o suficiente: a fama, é um facto; as provas não sei o que haverá, no campo de que serão feitas ou tiradas por testemunhas; o serviço no D.T.T. 23 é de recreativa e não é tanto de confiança como julga que é até uma maneira de tirar o commendo e officiaes surditos de republicanos; e a voz na verdade existe e dentro do regulamento pode ser fechada.

As minhas ideias, essas, não as reservei de sempre e se agora agarrei a fama, foi exatamente porque sobre mim estiraram injustiças; estas não fazem mais do que temperar os caracteres e qual nos áquelle a quem as injustiças perseguem: ou se avilta para transigir ou se vende para se manter.

De tudo isto o bis tirará as conclusões que me lhes he parecer, no campo de que eu não quero que se comprometta.

Ninguém vê no alva dos outros e por isso nada de compromettimentos.

Os agradecimentos, pois, etc, etc.

— B. L. —

O que é certo é que esta carta teve o cuidado de fazer cair no silencio o meu caso. Ninguém mais falou no assunto. Foi caso liquidado ...

Oh! ... que muito tinha para dizer aqui, se não tivesse este volume tão honrado! ... Muito e muito diria ...

No dia 19 d'abril, no offido das 11 horas

manhã embarquei para Lisboa e de lá deixei a mulher e a filha, e d'aíde segui-me, no dia seguinte para Portalegre.

Na estação estavam a despedir-se de mim tres officiaes: o capitão Manuel Teixeira de Moraes, o alferes Luis d'Oliveira Franco e o aspirante de administração militar José Fernandes Duarte. Um imbedido levou uma carta do tenente Manuel de Sibus Piedade que não foi por que tinha que fazer...⁽¹⁾

O Franco, por experiencia, no vespera disse no quartel a varios:

— O Pimento vai amanhã no rajido...

Alguns ouviram o silencio. Outros seguiram indecorosos de covardia como no Motta e Luis de Castro que se riram da despedida, dizendo que eu voltava breve... Um houve, o tenente Luis Guilherme Alves de Carvalho que foi mais franco:

— Honree... deixal-o ir... eu já não estou para me comprometter...

x

E eu lá fui, para esse bleuetto que de gois me havia de provocar patyras em verso, fazendo

⁽¹⁾ Coll. Cartas - II, 87

reacender em mim essa veia poética barata que em ho muito julgára extinta...⁽¹⁾

Alguuma cousa faz o destino!

O que eu passei em Portalegre não adianta em cogitudo é tarde; aqui só tratarei da minha transparência e dos esforços para ser colocado no D. T. B. 23 — caso se isso fosse possível.

Ilusão!... Pensei que tal cousa seria possível, e acreditei, infelizmente.

Mas voltemos.

Nos poucos dias que estive em Portalegre recebi consolações varias, das quaes destaco tres:

Uma de loja mercenica regular Redenção, em officio, assignado pelo Sr. Octávio Henriques Cardoso; outra do Auditorio José d'Almeida, com uma assignatura rubricada, das causas das devidas; outra do meu amigo conselheiro de quarto Augusto Bivar Salgado, de Thomar, onde está tenente.⁽²⁾

É no dia 1 de maio, á tarde, já via para Évora, á junta. O capitão medico do 22, Guerreiro, deu-me amavelmente o attestado e eu lá fui sem dificuldade ajuhar os 60 dias de

(1) Ver Mais versalhada.

(2) Coll. Cartas, II, respectivamente nº 87-A, 88 e 90.

ordem, na rede da 4.^a Divisão Militar. Passados
 uns dias em Lisboa, voltei para Coimbra onde
 me dispuz a jantar, o mais jocatamente pos-
 sível, a licença agarrada.

Em Lisboa, meu tio José Pinheiro, com
 uma noite falei um pouco de fugida, fugiu um
 pouco, com certa parte do cargo, e perigo...

Que não mais que também, mas dizendo
 que eu pertencia a sociedades secretas, que o Juiz
 era disciplinador... e terminamos por dizer:

— O que é facto é que não há quem tome a
 responsabilidade...

Eu olhei-o de alto a baixo e tive vontade de
 lhe perguntar:

— E quem tem a responsabilidade?...

Mas eu calculei o caso e deixei correr. Tão
 convencido vinha que os 60 dias eram um tempo
 infinito que durante alguns dias de Coimbra
 não gausei no futuro!

Metti-me na biblioteca da Universidade a
 trabalhar e nos intervallos manuseava o Maude-
 go que em frente corre, sempre sempre sensual,
 meu conjunto pânico de porão.

Até que, em certa altura surge na scena se-
 mi-cômica (se não fosse uma zafarista, seria
 comica completa...) a figura de fúria, enco-

lhida e dubia do dr. Costa Lobo — etérna preten-
dente a uma chefia do partido progressista e já
agora, ludibriado, pretendente.

Como surgiu elle, o Costa Lobo?

Muito simplesmente: meu zae, em mes-
dos de maio esteve doente e o Lobo veio vel-o a
casa. Faláram em mim, meu zae contou-me a
receita preferida puzada do Distrito e elle ló-
go se ofereceu, como amigo íntimo do ministro
da guerra...

D'ahi a dias foi elle a Lisboa e mandou dizer
que trataria de tudo; meu zae, mesmo já, teve de
lá ir tambem e no dia 26 de maio recebo esta
carta de meu zae, bem satisfatoria:

Em 25-5-180

Segundo elle (o dr. Lobo) que contou esta resolvida a
tua collocação ahi no Distrito apesar do ministro dizer
que é um exemplo que pratica sem precedentes pois
os Districtos que tem dois subalternos não só Lisboa e
Porto, mais nenhum tem....

As informações foram que cá havia tanto de falta
do Juizo como d'outras procedencias tinham o mi-
nistro em tão suas disposições couzigo que foi uma be-
ltahe o alcançar-se o que se desejava.

Tens que esperar ainda algum tempo mas caso o
Ministerio caia breue, elle resolve esse assumpto au-
tes de sair.

Mas antes de mais nada, quero saber o que foi a batalha que elle teve... Viu a papel-o em re-
 tentero: O Lobo mal conhecia o ministro da guerra, o Mathias Nunes; foi falar-lhe acompanhado pelo D. João d'Alarcão; pediu-lhe com efeito que se ir para o Districto, mas na presença da Jergunta — "se eu era republicano?" — o Lobo titubou e disse que não sabia, só se fosse por influencia de um tio que eu tenho em Coimbra...

E posto assim a batalha...

Os litteres!...

Eu, de nada sabendo, e' claro, procurei-o e agradei-lhe o favor... Elle largamente dissertou sobre a missao politica do exercito, sobre a disciplina, sobre a forma de lidar com pederestras e terminou por chamar pederestras aquelles que queriam emendar d'instituicoes...

— E eu estou convencido de que o Belisario sabera cumprir o seu dever...

— E' claro, meu dr....

E ficamos na mesma. Elle me viu e eu na minha. Conservei-me inextinguivel...

(As vestras annunciara-se a vinda do magnifico Candido dos Reis...)

E o tempo passou. Passou mais; ia a passar junho e as ordens do exercito sem dizerem

alguma coisa! Depois annunciá-se queda do ministério e... nada!

Telefonei para o Dr. Lobo, e lembrei-lhe o caso. Elle de lá que não, que não, como trabalhada que me fez d'atáia pela ginzeira vez...

Pela ginzeira vez tive uns rebates:

— O malandro comeu-me!

E na verdade comeu-me. O ministério foi a terra, e no testamento nada veio. Subiu Teixeira de Sousa, com o Raloso Botelho para a guerra. E eu no fim da licença, contando em palavras de políticos!

Lembrei-me de recorrer a nova junta para ir embeter tempo e requeri para a junta de 4 de julho em Coimbra, com attestado do Cruz Amante, alcaideado do Costa Lobo e seguindo as más linguas, avante do mother do mesmo...

Eu ederei... do embretanto, uns tarde, surtia para casa lendo uns "Carta politica" do Chagas, encontrei o Lobo.

— Sim. dr., boa-tarde...

— O meu amigo não se afoguenta com o seu caso... Bem né, até foi melhor... Como isto não é um caso politico, com estes é que é certo eu amarrar tudo...

— Pois muito obrigado...

— Não ha duvida. Tenho officios engenheiros!
Fique descaucado...

Eu ri-me, mal elle reagiu. Officios engenheiros,
o estúgio! E continuei a leitura da "Carta."
E eu á esgêra...

Ah!... nunca eu esgêrarse! No vespera da jun-
ta, em 3 de julho, uma ardevança a cavalo ja-
rou-me á carta e entregou uma nota da diri-
ção que aqui vai junta e á qual tinha affezso
o attestado do amante Amante que eu tambem
conservo como um attestado... historico.⁽¹⁾

Eis o desfecho.

Não comumentó. Revoltéi-me, é claro, des-
minuei de gois, etc, etc; e no dia 5 de julho de no-
vo embarquei para Portalegre...

x

O que foram esses dois puezes que de novo
jamei em Portalegre, dil-o-pei meubra carta,
mais adeante.

Trabarei pó do caso da minha transparen-
cia para o D. N. N. n.º 23 — transparençia que eu
ingenuamente puzoz caloz de se realizar.

Meu Paé escreveu ao Simões Baião, ami-
go d'elle ha recuibo e que estava em tão gouerna-



5.^A DIVISÃO MILITAR

/ REPARTIÇÃO

N.º 1384

Coimbra, 3 de Julho de 1960

Ao Sr. Tenente d'infantaria nº 22 Belizardo
Pimenta

Coimbra

Do Chefe do Estado Maior da 5.^a Divisão Militar.

Senhor Tenente General comendador
Lance do divisaõ, encarrego-me de dizer
ao V. G.º que pela Secretaria da Guerra foi
indeferido o seu requerimento em que
pedia para ser presente a Junta do
Hospital d'infantaria que se encontra em
serviço, amanhã.

Desolvo-se o atestado medico, que acompa-
nha o alludido requerimento.

Atte do Tenente General
M. G.

ATLIM OAZMIO 18

CAOY 147811

1880

ATLIM OAZMIO 18

dar civil em Leiria; tencionam falar ao governador civil que viesse para aqui, etc, etc, e eu já li desotadamente para Portalegre...

Agora tem a palavra as cartas pois por ellas se faz a historia sufficiente: vai desenvolver-se o drama...

De meu Pai, em 5 de julho recebi a grueira, referente ao projecto de eu ir provisoriamente para Infanteria 7, em Leiria:

«Sou tambem hoje escrever ao Conselho José Lobo para reforçar o meu pedido de tua transferencia para Leiria e mais tarde tratarmos do negocio aqui.

Recebi carta do Vis José em que me diz que o irmão do Belgium, o Chrisfalo, escrevera ao Jardim, governador civil aqui, a seu respeito e como eu disse ao Vis José que ia promover a tua transferencia para Leiria elle diz-me hoje que sendo muito amigo do Dr. Simões Baião me escrevera tambem a reforçar o meu pedido, pois o Vis José tem feito favores ao Baião.

Como o Dr. José Gaspar de Mattos vem para aqui como administrador do concelho e elle é muito amigo com o Jardim, agora elle vier, em combrio, com o Vis José para o Belgium escrever de novo ao Jardim para a tua colocação nas reservas e n'essa altura eu vou com o Gaspar de Mattos ao Jardim a ver se este consegue isto.

Parce-me por isto um pouco mais facil do que com os progressistas.

Diz-me estás concorde com isto mesmo para eu escrever ao Vis José.... Quero ver se faço isto antes das eleições.

Diz se concordas com isto.

Na hypothese de não haver vaga em Leiria, então escrevo ao Tio José para o Aljezur escrever novamente ao Jardim e eu aqui vou falar com elle e mesmo com o Dr. Vicente Rocha....

.....

Em 8 de julho:

Por enquanto não ficas ao commandante (Jacintho Pacheco, coronel) para escrever para Lisboa, nem ver o que fazem o Dr. Baião e Dr. José Gaspar de Mattos, e não ser para prevenir o Tavares (o major João de Sousa Tavares, chefe do gabinete do ministro da guerra) da intriga do Inês e do tal Honorato de Mendonça, porque está já de offôr qualquer obsequio; mas vamos a ver as mobilias que ficam de Leiria.

Quanto aos Aljezures não ha perdido nenhum d'elles para a transferencia para Leiria; apenas o Chrisfido escreveu ao Jardim a recomendar-te.

O Tio José, nem que carta que recebi hoje diz-me: «Vamos a ver o que diz o Dr. Baião e depois parece-me agora mais facil, mesmo por minha intervenção, conseguir a collocação em Coimbra do que com os progressistas.»

Quanto aos Aljezures, tu nada tens com elles; o favor é feito ao Tio José, caso elles possam influir em qualquer causa ou conseguir o que se pede; e é ao Tio José que elles pedirão a recomendação e não é o Tio José que te vai pedir nada; assim, em relação aos outros, a divida é minha e só a mim pode não pedir nenhuma de serviços e nada a ti.

Não faças nisso nem te prescufes com essa gente. O Tio José o que deseja é collocar-te em Coimbra; o resto é com elle a conversação e tu ficas com

pletamente livre de cuidados. Do que houver
te darei parte.

.....

Em 12 de julho:

« O Dr. Bayão escreveu uma carta ao Vis José que
me diz hoje o seguinte: "acabo de receber uma car-
ta do Bayão, o mais amavel Jomuel, parece que
« elle gostou que eu lhe fediare e depois de se referir a
« sua carta termina assim: fique certo que trabalha-
« rei no caso a valer."

O Vis José diz-me mais que está certo que o fará e
ho-de ser antes de 28 d'agosto, cá por causas da politica
que elle não desconhece. Enfim parece que as causas
estão bem encaminhadas para termos que esperar.

.....

No entretanto eu ia dizendo a minha mulher
em cartas que lhe escreveria cousas mais ou
menos como estas:

Em 7 de julho:

Recabi carta de meu Pai dizendo-me que meu Vis
José quando soube que elle escreveu ao governador
civil de Leiria mandou dizer que tambem lhe escre-
via, referendo o fediado; e que, sendo meu amigo
de um irmão do Aljium lhe ia fediar por mim para
Coimbra! Percebes esta gente? E' um divertimento
completo!

Pois não cá nem elle bem que já me não come.

O commandante combina a ter comungo umas
cartas de parancias o que dá no gôto a uns certos officiaes
thalassas, pois esta raça de gente existe em todo a
parte.

Em 14 julho:

Queda tudo assim... Hoje recebi meus cartas de meu Paé, de Maranhã; e quando julgava que elle me daria noticias claras, nada diz...

Refere que meu tio José the diz-me que o governo da civil de Leiria é muito amigo d'elle, que the respondera auctoritativamente, que não mais que bairrem... e tudo ficou na mesma!

Se não estivesse já afeito a estas causas, teria hoje um dia de desespero. Assim... fiquei na mesma. Se as causas se hão-de cumprir a eu nunca hei-de ver o que quero e desejo, se hão de ver os cartuchos aquelles que tem de vencer, se eu hei-de ser sempre creatura lançada á margem como inútil e inútil, para que hei-de patir da injuriabilidade fatalista que hão de ver afinal a morte, já agora, da minha vida?

Senho que avarstar a vida assim, as excitações, mal julgado. Adeante.

Continuemos, agora, chronologicamente, que é a melhor forma de se ver desenvolver a comedia. Assim chamai-the drama... Não, afinal não é: é uma comedia e uma baixo-comedia...

Em 17 de julho: (de meu Paé)

O tio José já falou a seu respeito directamente ao Teixeira de Sousa e disse-lhe que tinha pedido tambem ao Baião. O tio José disse meo ao T. de Sousa que para elle nada podia e apenas podia a sua transferencia de Portalegre para Leiria até poderem ser collocado em Coimbra.

Alguma tenho todas as esperanças. Vamos a ver.
Tenho que esperar, que estas cousas não sempre de-
meradas.

.....

Em 18 de julho: {para minha mulher}

Escrevi também, com um certo interesse, os jor-
naes do dia para ver a ordem do exercito... Ainda
eu cabi mais uma vez em esperar ordens do exer-
cito! A minha creancice!...

Mas enfim, li a ordem; e claramente, nada ha-
via que se parecesse com uma transferencia.

Estou aqui muito bem, no Alentejo, com a ex-
tensa planicie para recrear a vista, com a Serra
cheia de castanheiros verdes que escurubram as en-
costas, sem convívio de familia, sem amigos...

Estou aqui muito bem, acumulando odios e re-
premiendo injetos de revolta que só uma razão me
impede de manifestar.

Estou aqui muito bem, abatendo o espirito pre-
cessionalmente, fazendo-o descer dum pouco de mo-
lerezza que tinha a um aultamento coudesceuden-
te. Estou aqui muito bem, estou...

Elles assim entenderem... Tanto mais estranho.
se será a vingança quando um dia aquelles e
quem se chama a caualha vierem para a casa.

E então ver-se-ha.

.....

Em 19 de julho recebi um litheta do tenente
Antonio José Rodrigues ⁽¹⁾ a respeito do tenente

⁽¹⁾ Coll. Cartas - II, 99

João Firmino Maia Magalhães, do estado maior.
 Este rapaz, republicano antigo, excitara um lo-
 gar no gabinete do ministro; eu perguntei ao
 Rodrigues se elle mereceria confiança para se lhe
 falar no meu caso. A respostaahi fica archivada
 para mostrar bem a intransigencia de juici-
 jos do Rodrigues — um dos bellos rapazes que te-
 nho conhecido.

Mas continuemos...

Em 19 de julho: (do meu pai)

Tambem eu recebi noticia de meu Pai para
 que esperasse! Agora é meu tio José o dizer que
 falou ao proprio Teixeira de Sousa e que lhe pediu a
 minha transferencia para Leiria! Mas eu espe-
 re...

Ora não: meu tio falou ao Teix.^o de Sousa e eu
 mey de aproveitar a occasião para lhe pedir logo a
 transferencia para Coimbra, pedir para Leiria! E
 depois?... Depois, pede-lhe para Coimbra?...
 E eu que tenho paciencia, que espero...

Hei-de esperar muito...

Depois de tanta influencia, de tanto pedido,
 e quanto cavatha ha nos partidos monarchicos, o
 tio José vai ao Teix.^o de Sousa e pede-lhe para eu ir
 para... Leiria!

É interessante.

Em 21 de julho: (do meu pai)

Remetto-te a copia da carta do tio José ao Baines
 e da resposta desta ao tio José.

Quando fui falar ao Jardim e elle disse-me que estava ao meu dispor para tudo. Eu contei-lhe o que me passava desde o principio, com o Inemus e que já tinha pedido ao Baião para a sua transferencia para Leiria mas o que eu desejava era a sua collocação aqui no districto.

Elle disse-me que era amicus inimus (sic) do Ragozo Botelho e do Tavares e que estava pronto a pedir-lhes isso com o maior orgulho

.....

O tio José está á espera de saber alguma coisa mas não ponde ainda nada e quando falar com o Teix.º de Sousa talvez lhe fale a seu respeito e pedindo para a sua transferencia já para Leiria porque para aqui é preciso metter nisso o Jardim.

Eu tenho a certeza que isto se ha de resolver antes das eleições.

Quando me escreveres manda-me a copia das cartas do tio José e do Baião. (1)

Em 22 de julho: (para minha mulher)

Meu Pai escreveu-me dizendo que o governador-civil lhe promettera a minha collocação no districto e breve; pediu a copia da lei em que me fundei para tal pedido e manda-me a copia de uma carta que o tio José escreveu ao governador civil de Leiria; começa: « Permitta-me o meu bom amigo que venha, de joelhos, mãos erguidas e othas supplicante, implorar um atomo... etc, etc. »

Farçantes! Hypocritas!...

Tenho para que meu Pai anda nestas causas e demais a mais com gente que não gosta d'elle e

(1) Não conservei as copias e fiz mal.

que torna como triumpho politico o yedido que agora faz. Mas vamos a ver o que se consegue.

.....

Em 24 recebi uma carta do Floro Henriques a respeito de uma hypothetica intervenção do Marinho e Sousa, então ministro da marinha, por intervenção do Fernandes Costa.

Intervenção garada. ⁽¹⁾

Em 24 julho: [de meu Pai]

Em vista da tua carta, fiz tambem uma exposiçãõ ao Jardim, para a sua collocaçãõ aqui, acrescentando tudo quanto me dizes e tambem mesmo de tarde, o Jardim chamou-me pelo telefone para me dizer que tambem mesmo mandara para Lisboa o meu yedido com o maior cuidado.

Vou prevenir disto o Vis José.

Sobre a sua transporencia para Leiria nada mais tenho a dizer.

Em 26 de julho: [de meu Pai]

Escrevo-te para te dizer que o Baião disse ao Vis José que o ministro lhe dissera que alguma houvesse vaga em Leiria de transporencia para lá mas que actual mente não ha vaga.

O José Jardim já escreveu ao ministro a pedir a sua collocaçãõ aqui; o Vis José vai pedir isso directamente ao Sr. de Sousa e eu hoje escrevi ao conselheiro José Lobo a pedir a mesma coisa. Se for

⁽¹⁾ Coll. Cartas - II, 100

preciso metter-me tambem o Alfoim. E' impossivel que
com tantos auxilios se não conseguia a colocação.
Quando pegredo sobre isto.

Em 3 de julho: (de meu Pae)

O Teixeira de Sousa escreveu ao José Jardim e es-
te mandou-me a carta para eu ler; diz que tinha
recomendado bem o pedido ao ministro da guerra; e
o Vis José escreveu-me dizendo que falara tambem ao
Teixeira de Sousa e que esta dissera que o negocio está
na bem subreque visto o Jardim tanto se interessar.

Parece pois que as cousas estão bem dispostas.

Em 3 d'agosto: (de meu Pae)

Remeto-te essa carta do Dr. Baião para veres o
que elle diz. ⁽¹⁾

Para ser franco com elle disse-lhe que tinha pedido
por intermedio do José Jardim, José Lolo e Vis José
a sua colocação nas reservas visto a probabilidade da
demora nas vagas em Leiria e pediu-lhe para que,
quando fosse a Lisboa, fizesse ao Teixeira de Sousa ou
ao ministro da guerra.

Em 6 d'agosto: (de meu Pae)

Hoje mandou-te essa carta do conselheiro José Lo-
lo para tu veres o que diz o ministro da guerra ⁽²⁾,
mas eu quero ver se consigo a sua colocação aqui an-
tes das eleições porque ou o governo ganha e já não
quero volver do pedido ou perde a causa e vou-me tudo por

⁽¹⁾ Coll. Cartas - II, 104

⁽²⁾ Não a conservei nem copiei. Tambem fiz mal...

agora abaixo, tendo-se depois de aceitar nova candidatura com os que vierem.

Falei pois ao Jardim que foi honrarem Jara Lisboa e agora ha pouco recebi um telegramma d'elle a pedir-me o seu nome e situação. O homem naturalmente quer ver Jara Coimbra com alguma noticia boa.

Em vista d'isto acho ~~conveniente~~ conveniente não ir ao Jara... etc, etc.

Em 7 d'agosto: [de meu Paé]

Escrevo-te á pressa, unicamente para te dizer, em aditamento á minha carta d'hontem que chegou de Lisboa o Jardim e me disse agora mesmo que falou com o ministro que lhe disse com toda a franqueza que a dificuldade que tem havido e' devido a umas notas que o director geral (placato de lousa) lhe mostra sempre que se fala em si.

Essas notas são antigas, do tempo da greve e agora do Ineu; mas o José Jardim diz que lhe doez tudo, que fez ver quem era o Ineu e que embora houvesse algum fundo de verdade nisso tudo, a maior parte eram calumnias (sic) sem provas, e Jardim Jara peres transferido para o districto de baixo de responsabilidade d'elle, Jardim.

Em vista d'isto, o ministro pella Jara cima do director geral e prometter ao Jardim efectuar isso em poucos dias. etc.

Em 8 d'agosto: [para minha mulher]

Hoje recebi carta de meu Paé, contando causas. O ministro esbarra sempre com o director geral que mostra sempre as informações do Ineu e do tempo da greve... O governador civil, Jara, lá

disse que se responsabilisava por mim, mais isto
mais aquilo ... Mas já me custa acreditar.

Em 10 d'agosto: (para minha mulher).

Ilustre, é noite, ao passar distraidamente os
olhos pelo Seculo, dei com uma ordem do exercito,
extensa, condensada, ouzando quasi meia columna;
a primeira fez-me um bafejo no coração e imme-
diatamente os meus olhos procuraram o fim das
transferencias ...

E eu tão tolo que ainda cheguei a correr a braga da
illusão! Olhei, na verdade, lá, nali, e percorri final-
mente toda a ordem com attenção, linha e linha, no
meu nome, mas ... qual!

E eu ainda esperava? Que tolice ...

E' certo que todos vivamos d'illusão e ma-
quelles momentos julgava ver lá meu cambinho,
escondido modestamente o meu nome ...

Vamos a ver o que diz meu Pai e resolutamente
evitados para a inatividade. Do menos, durante
os seis meses de canço.

Em 11 d'agosto: (para minha mulher)

Quando ás minhas cousas ... sei lá! O que qui-
zadamente me incomoda é o não saber o que me
já do acontecer amanhã, isto é, se sou transferido, se
não sou transferido, se hei-de ir se não hei-de ir á
junta, etc, etc. Esta incertidão irrita-me.

E ver eu tanta creatura cujos pensamentos são
baixos, estarem bem cotados, refeitados, esbrioados!
Esse cavalheiro⁽¹⁾ que ahí te disse ter desejo de me visi-

⁽¹⁾ O ten.^{te} d'inf.^{te} Celestino Garcia Gomes, do Esc.^{to} Praticos.

tar, afinal o que é? É um baixo denunciante, é um delator vil que nem ao menos na denuncia junta a nota da verdade.

E no entanto vamos ao ministro da guerra e no se perguntar por elle é um côro de louvores que logo se levanta:

— É um excellenté official! é um bello rapaz! é um caracter de diamante!

Esté, etc. Isto é tudo a junctura do regimen em que se vive.

Adiante.

Em 11 d'agosto: (de meu pai)

O tio José escreveu-me confidencialmente, dizendo que o Teixeira de Sousa lhe dissera que a dificuldade que tem havido é por causa da informação do Inês que diz que tu és um grande republicano; mas tem bem disse ao tio José que o Jardim se empenha muito por ti e que ia tratar disso a valer.

Diz mais o tio José que se as coisas demorarem nae ter com o Aljoim para este impôr a valentona a sua vontade. O Jardim diz que o negocio se faz e que é questão de dias.

Quanto ao que elles de reunir exigirem não te afogues com isso, em cá me aguardarei.

Estávamos misto... E eu sem protestar... O tempo muda muito os homens, e eu estava então de cama, com uma angina e os ardores amarelados com aquelle maldito Alentejo. Tudo se juntou: até o quarto infame do hotel, uma esfelunca

perdida onde ia morrendo... de Javãr! Até me puz
nervoso como se João não me volvesse respectivo...

Continuando. A 13 d'agosto nova carta explica-
tiva do Antonio José Rodrigues ⁽¹⁾ sobre o caso de
uma Pygoteica intervenção do Sr. Almeida Maia Ma-
galhães a meu favor.

Como parece tudo ia bem, eu não escrevi logo.
E voltei-me á correspondência:

Em 13 agosto: (para minha mulher)

Hoje recebi mais carta de meu Paé em que me
diz que também o Sr. José lhe escrevera dizendo con-
fidencialmente (!!) que falando com o Sr. de Sousa,
este lhe dissera que a unica dificuldade eram as infor-
mações do Insens, mas que elle (Sr. de Sousa) desejava
que a causa se fizesse tanto mais que o governador civil
se responsabilisára por mim.

E eu sei tudo isto e não meando dizer que surge-
dam, que não se responsabilisasse d'alguem não vou a ou-
tras causas que me não se'alema!

Eu sei tudo isto e calo-me indignamente!

Como o regimen em que vivemos corrumpo os ca-
racteres! Como parece que todos agostam em similões
quem não tem a consciencia á venda!

Enfim... diz meu Paé que é em breve. Eu cá espero
como tenho esgerado.

Ah!... Um ou dois dias depois desta carta que

⁽¹⁾ Coll. Cartas - II, 105

mostra bem o meu desalento que ia a resvalar já
 um pouco para um cynica indifference, recebi um
 cartão postal do capitão Alfredo Cruz, do Aljô, no
 serviço do D.P.T. n.º 13 e que me dava umas surri-
 dela de lerio...⁽¹⁾

Eu, naquella altura estava excessivamente aban-
 dido pela doença que me reduziu a uma extrema
 fraqueza; o moral estava o mais embaixo possível.
 E eu não sei se canei quando li que um dos memb-
 ros que a levava a escrever-me era animar-
 me «ao menos» com a «firmesça da persistência
 nos trabalhos que têm de conduzir-nos á realisação
 das nossas aspirações que não as de todos os ofri-
 midos. Etc.»

Elle, homem d'idade, cansado, cheio de cabelos
 brancos, dando lições de amicus e lris á gente
 nova!...

Enfim, não se imagina o meu estado. Só eu
 o sei Jorge Zor lá Zassei.

Pois em 18, dizia-me meu Pai:

Em 18 agosto: (de meu Pai)

Quando fui novamente a procurar o Jardim. Dis-
 se-me que deixou tudo em Lisboa muito bem disposto
 e que só d'ora ao Ministério que se responsabilisava
 por lá. Mandou um telegramma, também mesmo

⁽¹⁾ Coll. Cartas - II, 106

ao ministro pedindo urgência na sua transferência.

Parece incrível que com tantos pedidos e bons, ainda o ministro não resolvesse o assunto.

Esperemos a próxima ordem do exército.

Na nesse mesmo dia, estava eu conversando com meus noivos no quarto — já eu andava a pé — quando me chegou um telegramma...⁽¹⁾

Um telegramma!... Eu nunca gosto de telegrammas, mas então, destes...

O melhor é continuar com as cartas que dizem tudo:

Em 18 d'agosto: (para minha mulher)

Meu Pai escreveu-me e na carta dizia que o governador civil afirmára estar o caso resolvido e em minha causa para a primeira ordem do exército...

Pois bem. Estava a escrever isto quando fui informado pelo chefe de meus noivos e no meio da conversa chegou-me um telegramma de meu Pai que dizia: «Ingenieur Coimbra, diz-se te convam Thomas provisoriamente. Responde já.»

Eu já estou tão esbafoado e há uns quinze dias tenho passado por coisas que recebi o telegramma es-
mo a coisa mais natural deste mundo...

Respondi logo indiferentemente: Podá ser Thomas como quem diz: faça o que quiser que tudo me é indiferente.

Ingenieur in para Coimbra! Porque?... Ingenieur!
nel!... É que eu cheguei...

⁽¹⁾ Coll. Cartas — II, 107

E não hei-de eu acumular odios sobre odios e sobre quem tem sido o causador de tudo isto, creturo infirma que é vergante que jorbaça a uma classe?

Etê, etê.

Em 19 d'agosto: (do meu Paê)

Escrevo-te á pressa para te mandarem a copia de carta que o ministro mandou ao Jardim.

Por ella vejo que jor mais que se faz nada se consegue; escusamos de estar a remiar combe a maré.

O Jardim tem feito tudo quanto é jorivel, mas em não.

Copias:

17-8-910 (do ministro J.º do Dr. José Jardim:)

Ex.^{mo} Sr. Dr. e meu prezado amigo:

Si o processo do tenente Pimenta com othos de ser agradavel a V. Ex.^{ta} instantê pedido de V. Ex.^{ta} mas encontrei o seguinte: o coronel informou mal do tenente, com respeito ao anno findo; o tenente reclamou; o conselho superior de promoções (composto de 5 membros) allegou o caso, ouviu reclamante⁽¹⁾ e reclamado e manteve a má informação jelo que⁽²⁾ o tenente teve de ser transferido.

Desse tenente tem-se impossivel collocar-o agora em Coimbra por prejudicial á disciplina.

Podaria poder-se-lhe favorecer o recommendado de V. Ex.^{ta} transferendo-o para Inf.^{te} 15 - Thomar, que fico mais jerto e é melhor do que Inf.^{te} 22 - Portalegre.

Si bem que no encontro sobre estas disciplinas jois muito desejava deferir a recommendação de V. Ex.^{ta}.

(1) !!!...

(2) !!!...

Sem com muita consideração e estimo, de
 S. L. V., etc., etc
 J. W. Rago Botelho.

18-agosto: {do Dr. Jardim para meu Paé:}

Envio a carta que acabo de receber do Ministério da
 Guerra. Parece-me que convém contentar-se o nosso
 recomendado por agora com a viagem para Thomar
 e no principio do anno proximo voltaremos á carga.
 De S. L. V., etc., etc.

José Jardim.

E aqui está em que dei tanto trabalho e tanta
 falta... de vergonha!

Por favor Sr. Thomar...

Em 19 d'agosto: {para minha mulher}

Eu ando bastante desorientado depois de mey e
 meio de angustia e de esgana... Andei a embater mey
 e meio, andei a arruinar-me — porque eu tenho
 a certeza de que vou a caminho disso — para que,
 quando eu tranquilamente passava na sabida, vir
 esta tremendo desseguro: «é impossível ir para
 Coimbra!»

Estou mesmo arrependido de haberem ter resolvido
 o meu Paé que «fodia por» Thomar; estou arrepen-
 dido de lhe não ter dito logo que se fizesse qualquer
 especie de combinação de transferencia e hoje mesmo
 ia um requerimento para ser presente á Junta em Lis-
 boa para passar á invalidade.

Ófimal o que fui fazer?

Disse que sim; pedindo que non transferido ven
 ali uns dias (a Lisboa) e depois tenho que me afazer.

tar em Thomar e jáo quê? Meais quize em vinte dias d'espera jáo ir á junta a Coimbra.

E assim jáo o verão... Tudo jáo causa de esperas, d'isto e d'aquillo.

Decididamente, jáo a inactividade meo encaminho; pois meos ainda em Coimbra seide sempre esperai ri-ner... De jáo, em lá fico em entas, jáo sempre, natirei de lá; pará um dia de maximum de regato, mas ao meo cumgram-se os fados.

Eu não tenho de ter parte. Decididamente a minha vida anda com azar grande. Irems jáo uma ten-reola e prouto. Cumgram-se os fados.

E jáo não?

Neste estado d'excitação mas ao mesmo tempo de abatinamento moral, recebi duas cartas no dia seguinte: uma do Helder Ribeiro e outra do capitão Alfredo Cruz.⁽¹⁾

A do Helder fala-me acerca do Meia Magalhães e jáo que este lhe disse re-me que o ministro meo tentacionou colocar-me no Districto de reserva!

A do Cruz, é interessante jáo range que lhe causou o meu exito da minha preferença. É um homem muito ingrossavel e de uma excellencia boa fé. Accusa-me de ingenuo... elle, que é um dos maiores ingenuos de cabellos brancos!

Continuemos com o correspondencia elucidativa:

⁽¹⁾ Coll. Cartas - II, 108 e 109

Em 22 d'agosto: (p. minha mulher)

O resgate d'ordem do exercito ... foi coisa que não appareceu. Por motivos imperiosos não se publicou, dizem os jornaes; os motivos imperiosos foram as convenções que se celebraram e um estado agitado de arreganhos militares, não sei bem para quê...⁽¹⁾

Manejos eleitoraes, de certo.

.....

E mesmo o resultado das eleições já é por si só uma revolução porque ninguém conta com as perizesas. Por isso, quem sabe? estas eleições por si só, talvez que venham a fazer, reversamente, a revolução; não a revolução nas ruas, sangrenta, devastadora, mas a revolução nos cofres, mostrando á evidencia que o tempo das monarchias passou e que entre nós só o medo do exercito mantem no throno o rei.

Mas em hoje colou demais daubrinários... etc.

Em 23 d'agosto: (de meu Paé)

Vejo o que dizem a respeito da tua saúde e do reconhecimento para a Junta. Faltei já com o José Jardim que mandou um telegramma ao ministro para deixar o reconhecimento; escrevi ao José Lobo para elle falar ao ministro e vou escrever ao Vis. José para que vá logo falar com o Teixeira de Sousa.

Trata de ti, etc. etc.

Meu Paé, logo que eu lhe disse que requeri para ser presente á Junta por doença, foi isto que se viu... Cuchas, cuchas e mais cuchas.

⁽¹⁾ Era a revolução republicana.

Ona 24 d'agosto: (de meu Pai)

Estava agora aqui em casa o Dr. Costa Lobo com mil explicações e afirmeando-me que depois das eleições que ha de collocar-te, oulta com este governo, em qualquer regiminto ynto e que depois, se este ministério cahir, o que é certo, (diz elle) collocar-te em Coimbra, de qualquer forma! Estas cousas ditas em vestras d'eleições...

Eu fui-lhe dizendo que não.

Ona 26 d'agosto: (de meu Pai)

O Vis. Joo' escreveu-me hoje; diz que se abiram ao Algoim e é Joo' elle que esgura collocar-te em Coimbra, (1) Joo' diz elle que o Algoim é quem manda no ministério da guerra.

Neste mesmo dia recebi uma carta do Meia Lezgothões, (2) muito amavel e correcte. Promette não esquecer o requeriminto e Joo' que diz a respeito da minha prescda collocada no D.T.T. 23, vê-se que o ministro nunca Joo' em collocar-me lá.

Esta é que me Joo' a verdade.

Continuemos...

Ona 26 d'agosto: (Joo' minha Membr)

O meu requeriminto já lá vai ha uns poucos de dias, mas Joo' uma carta que recebi dum rapaz do meu tempo e que está no gabinete do ministro, vejo

(1) Joo' quando eu requeris insubridade!...

(2) Coll. Cartas - II

que elle ainda lá não chegou, o que mostra que ficou demorado em Évora.

Telegraphiei para lá e escrevi pedindo para a resposta ser dada telegraphicamente e escrevi igualmente para o ministerio, ao mesmo tempo, agradecendo e pedindo para que a resposta seja também telegraphica.

Como não dizes tudo de forma que só muito mais tarde fará com que não vá á junta no 2.º feira — o que de resto é o mais certo...

No dia seguinte, 27, recebo duas cartas do Meia Magalhães e outra do meu tio José.⁽¹⁾

No primeiro pergunta-me o Meia Magalhães se eu sempre quero inutilidade ou se quero ir para Thomar! Isto no dia 27, ante-vezera da junta!... Já desanimado.

Lembro-me ainda muito bem da impressão funesta que me causou aquillo...

A outra, a do meu tio, diz que o meu caso lhe tem dado trabalho e que se do Teixeira de Sousa lhe tem consentido as mesmas escandalosas comissões.

Adiante. Continuemos...

Em 27 d'agosto: [para minha mulher]

Não tens eu não em me queixar?... Recibi carta do ministerio da guerra, dizendo-me que o meu reconhecimento fosse deferido sem demoras até, mas ficara lá referido porque havia pedidos instantes para eu ir para Tho-

⁽¹⁾ Coll. Cartas - II, 112 e 113

mas e não poderia bem o que deviam fazer. Ora
vê lá...

É claro, telegraphiei logo, pedindo urgencia, dizendo
que antes queria inutilidade mas não sei se tudo irá
a tempo de eu ir á junta.

Estão a ver que foi trahido de meu Pai e meu Tio
que não deram conta - ordem de transferencia.

Meu Tio está, agora que eu vou para a inutilidade
anda agarrado ao Aljôim para me colocar em Coimbra.
Agora é que não as pressas.

Em 28 d'agosto: (para minha mulher)

Ainda estava na cama, um soldado bateu-me á por-
ta com o telegramma autorizando-me a ir á junta.
Sou pois á tarde.

Estão jarto d'isto. Isto para mim era uma tentura.

Recebi tambem um cartão do Major Magalhães
socorrendo-me. ⁽¹⁾

De modo que, á tarde desse dia 28, dia d'eleições
geraes de deputados, eu sahi de Parabalgre, quan-
do o pol cahia sobre o preséte da Pomba, num ale-
gre e rubro joente.

No descida, alonguei os olhos pela fancia e
senti não sei que sensação extranha. É' jossivel
que murmurasse: maldito Aljôim!

No entanto, não afiremo...

⁽¹⁾ Coll. Cartas - II, 114

No dia seguinte, almoçado e almoceado, fui ao Quartel-general; d'ali segui para o Hospital da Estrella; e uma vez chamado á junta sobre os meus males, firmemente, com voz decidida. O meu estado levou aos de fora a não me deixar vencer: eu vinha arrasado de modo que os honras não mostraram relucância e eu fui julgado maior do serviço temporariamente.

Fui ao Quartel-general requerer para ir residir em Coimbra; mandáram-me ao ministerio da guerra e aqui comecei em uma complicada odysseia.

Não conheço nada d'aquelle complicada engrenagem; de modo que comecei a andar de repartições em repartições, e dentro de cada repartição de novo em novo — e em toda a parte o mesmo ar aggressivo que cá fora se encontra nos combates... Um tenente houve que, se não fosse as circumstancias, me teria ouvido alguma coisa desagradavel.

Diz o povo que se não deve bater em homem morto; pois aquelle molandrão bateu...

Só encontrei afabilidade no coronel Cunha Viana no chefe de uma direcção, ou repartição ou coisa que o valha — e que por signal me foi devida a respeito da minha residencia em Coimbra.

Elle disse-me até, com um certo ar de syncretia pela minha situação:

— Eu não tenho má vontade a seu respeito, antes pelo contrario; conheço muito bem a situação que the creáram; mas... he cousas... bem né...

E eu calado, e esfere.

— Em Coimbra... bem né, yodem julgar que é desconsideração...

Era o medo que o Inuus se julgasse desconsiderado por eu de novo cahir em Coimbra com armas e bagagens. Eu então zergueitei

— E o seu director geral?

— Não está... Eu, mesmo qualquer caso, assigno no o sua guia, pois é cousa corrente o assignar na falta d'elle; mas neste caso... recuso.

— Eu comprehendo, meu coronel.

— E' o diabo...

E ficámos a olhar distraidamente para os jeis do mess. Eu via mais aquelle enface aos meus desejos e naquello momento, fui abaixo.

Mas, lembrei-me logo:

— E o seu Ministro?

— Sim, yde ser... Talvez consultando-o...

— Fazia-me S. Ex.^a muito favor.

Elle assignou uns jeis, mexeu alguns livros e d'ahi a pouco sahio com o meu requerimento.

Foi então que, olhando eu as paredes do gabinete do coronel, esgarando a minha parte, entrou o Barros, o coronel Alfredo Augusto de Barros e que olhando para mim com o olhar fino e arguto, lançou-me a seguinte saudação:

— O seu, andam muito mal em tudo isto...

E eu peccadamente:

— Então, meu coronel, nem todos podem andar bem...

E assim, peccadamente, trocámos umas phrases até que a conversa se adoeceu e elle explicou a minha transferencia, como já referi acima, a pag. 32. O Inveno julgou-se desconsiderado com a resolução do conselho, confidencialmente informou de minhas cousas técnicas e mirabolantes, fez perguntas de minha estada no regimento e por consequencia, como era o coronel... E elle concluiu:

— O seu, é que não o pode levar...

— Eu sou incapaz de me dar com creaturas por quem sinto repulsaõ

— Deixe lá isso, homem! O seu, é muito novo e isso he-de passar-lhe...

Eto, eto.... A conversa foi assim e desta vez o Barros que eu considerava muito, ficou para mim, moralmente, desconsiderado.

D'ahi a um bocado entrou o Paulo Siamma

e com ar alegre disse-me que o ministro da
melhor vontade accedera.

— Muito obrigado a V. Ex.^{ta}...

Fez-se a nota, assignou-se e eis-me livre do
maldito ministerio! Despedi-me do coronel que
afavelmente me desejou uma boa viagem e as
minhas melhoras e desci a seguir as escadas
sem olhar para traz...

Uma vez no largo, sob o entardecer suave que
dá mais liberdade ao tom alegre do Tejo eu vol-
tei-me para o terraço onde está o ministerio e
de mim para mim disse:

— Quando é que irá abaixo essa Bastilha de
cá-cá-cá?... Bastilha!...

Tornei um electrico e d'ahi a hora e mais eu
embarcava para Mafra.

Final, mes depois, a Bastilha cahiu ignobil-
mente...

Coimbra = 20-dez. 1910 = a = 27
de janeiro de 1911. =====

Em Portalegre por duas vezes:

A vinte de abril embarcando em Lisboa, eu de ténha ido acompanhar a Mulher e o Filho, segui num rouceiro comboio que durante um longo, um interminavel dia, me levou caminho de Portalegre.

Da viagem, naquella alegre dia d'abril, já quente como qualquer dia de verão, eu deixei impressões em Grose e em verso...

Embão ainda cá de esginito desordenado, levando até uma certa curiosidade em ir ver o famoso Alentejo, essa rica provincia portugueza que se chama nos discursos "o rico celeiro do joiz..." Embão ainda eu joiz fazer uso do verso alegre e do já quebrado joiz que ainda os baldões da vida me não tinham quebrado o animo. Embão ainda a course cá bem, nunca jamais sanda-rel e ... Gago.

O que em verso escrevi está no livro extraordinário a que fiz o nome de Mais versalhada; o que sahio em prosa amena foi, se me não engano, algumas umas cartas para o asfinante José Fernandes Duarte e que me volverei respectivo se jode ler. No entanto, pelas cartas que escrevia a minha mulher se jode recordar sem esforço as impressões de chegada:

Em 21 d'abril:

Cheguei excellentemente, apenas com algumas vontade de comer — o que com facilidade foi satisfeito porque a senhora Ganga (grande e banniguda dama, atenciosa e amavel) tinha um jantar á minha joia que "me excel.^o dava um verdadeiro..."

A viagem é que é fastidiosa em excesso.

De resto só te digo que espero felicemente o dia da junção...

Em 22 d'abril:

Apresentei-me ao fisco e parece-me que amanhã tenho de ir em diligencia a Alfer do Ghaõ.

O regimento não ha insalgações porque ha só 3 officiaes! De modo que, a não chegarem hoje dois subalternos que estão de licença, terei de ir a Alfer o que me não está a agradar.

O quartel é muito feio que o do 23. Só visto. Cheira mal por todos os cantos.

O officialidade recebeu-me com o ar de quem recebe uma avis-nãna, e parece-me todo ella inferior ainda á de coçadores 3.

Exclamamos... O regimento é autenticamente
 um regimento de aldeia; se não fosse o comandan-
 te por o Jacinto Eduardo Pacheco seria uma
 bandalheira. Só um official, o capitão Urbano
 Patrício Rodrigues, velho republicano, em tempos per-
 seguido como tal, me falou afavelmente, e me pro-
 curava; o medico, o capitão Guerreiro também já
 me sympathisara comigo; mas o resto...

Estava no colarancia da classe.

O coronel, quando me apresentou e disse as pala-
 vas protocolares salificam o ouvido, attento:

— Apresenta-se a V. Ex.^a o Tenente F... que teve hon-
 ragem a este regimento

E vendo os olhos, mirando-me com rapidez, co-
 mo entendidas, respondendo, recamando, mas com
 tom de leve ameaça:

— Está apresentado e estimo que se dê bem com
 os camaradas...

Quando sahi, pensei que diabo diria o Tenente
 de nome, para elle me dizer aquillo? N'certa que
 mandou dizer que eu era máo camarada.

Como quem o coronel gostava de ver desembará-
 co e instrução nos officiaes eu jurei, naquelles
 poucos dias de regimento, enfolgar o nome. Ao
 sair do 22 havia de levar uma excellente informa-
 ção... E comecei a trabalhar nesse sentido.

Tive as minhas desilusões, as decepções, como
se fosse ver:

Em 23 d'abril:

Não imaginas como isto me está aborrecendo e como
audo contrariado...

No regimento ha algunos officiaes bons, e bons ho-
meus — mas na maioria, não gosto.

O coronel ainda me não abandou a mão e já me
mandou advertir de que os bolsos da calça velha não
eram de dadeu...

É claro que não é isto que me fazoço zangue a tal
respeito não me nato. Mas é todo o conjunto, quer do
regimento, quer da terra e agora, por cima, a questão
política que me faz andar nemis instabilidade dos de-
monios.

É para occorrecer a isto, sempre vou acauchá fare
Alto do Bão, a uma feira, onde se deve jantar muito
zanga com cabeça, e onde é caloz de haver grossa gan-
caderia. Tenho o riso destas causas.

.....
Pedi hoje ao medico attestado para ir á junta no
dia 2 e na verdade o homem foi extremamente amig-
vel, disse-me que sim, de modo que o regerimento
deve seguir acauchá e vir a fundo.

.....
Cada vez me convenceo mais de que não posso ser
militar, dos tais diagos e de haimbridade, de que fala
o coronel Barros...

O calor agita; o que tem valido é as noites expleudi-
das, tuas clarissimas, que deixa ver a chamma em
baixo, a perder de vista e dá realce á encoberta arboriza-
da do panno.

Realmente, o café médico foi magnífico. Eu falei-lhe claro, disse-lhe que a razão da minha transferência era o meu republicanismo oculto e o meu liberalismo ás claras; e como elle é netto e sincero republicano disse-me logo que sim, sem jár uma unica duvida. De modo que, em 24 o meu requerimento seguia para Evora para eu ali ser presente á junta de 2 de maio.

Eu estava pelos cabellos...

Em 24 d'abril, de Alto do Chão:

Cheguei ha pouco a Alto, depois de uma marcha de 7 horas bem fexadas, com um intervallo de duas ao meio-caminho para se fazer o rancho, seguindo as ordens do 4.º divisão — e que, dig-se de passagem, representam uma esgotada consideravel.

Foi uma marcha bem inberosa, das 5 de manhã á 1 hora da tarde.

Quanto a impressões, muitas teria que escrever e contar se não fosse a má disposição em que ando. Esta diligencia a Alto, com ser relativamente cômoda, não me agradou nada porque já lá use o tempo em que gostava de estes serviços.

Ho é um tempo de grandes intrigas politicas e já por ali se nosa que apanha ha grande parte o admissão não deixa tocar uma musico, naturalmente do partido contrario.

Em 25 d'abril, de Alto do Chão:

Estou fexado e aborrido. Verdade seja que derrei bem, nunca exfendido causa fexa, com interessante

quarto de chão de tijolo, de janelas irregulares e muitas
te caídas; deram bem ajeitar da cantoria na rua e dos
carros que passavam.

Mas manhã cedo, seriam 6 horas, o sargento deu-por
parte de que abriram a cabeça a um cabo, de modo que ti-
ve de saltar do carro e ir tratar do caso.

E desde então até agora, quasi 4 horas, não tenho
feito mais que levantar o auto da occorrença, com ex-
me medico, testemunhas, o delegado...

Os soldados não são mais rapazes, no maior parte
mas alguns têm pouco mais de disciplina, devido ao
desleixo e que a maneira dos officiaes nota esta especie de
serviço.

Fazem d'isto grandeza e eu é que o jogo...

Em 27 d'abril = de Paralegre:

... cheguei bem - ajeitas com o pé enfiado em
estado lastimoso, com duas bolhas, o dedo minimo cor-
tado e o segundo quasi em carne viva.

Isto por cá é um esfigo. Não ha ninguém e todos
têm medo do commandante que dizem ser terrivel.
E não acho, só vejo que elle dá trabalho e que é muito
illustrado e polido; dizem que é leal mas isso ainda
não tive tempo de ver.

Em 28 d'abril =

Hoje estou d'inspecção, e d'agora a pouco tenho que
ir dar meus theoria aos sargentos, nomeado pelo com-
mandante e á qual elle vai assistir; elle assiste para
que a tudo e entre no discussão como polido e illus-
trado, de modo que tenho que ter cautella.

E aqui começou o meu plano... Na theoria comecei por expôr um methodo de estudo um tanto ou quanto positivista; citei a respeito do serviço de guarda avançada (assumpto da theoria) algunos exemplos historicos; afastei-me em considerações varias e vagas — de modo que lhe arreei excellentemente a naticeira.

Do terminar a theoria, o coronel, depois de mandar partir os pargentos, começou amavelmente a conversar comigo, disse varias differenças do que conversava com os outros, muito afavel, e disse-me claramente que tinha gostado da theoria, e que eu era... profundo no assumpto!

Ja-me tratavao muito porriso: a rede jára mais ao largo do que eu queria...

Então a conversa deslissou e d'ahi a pouco estave eu a dar bordoadas no Trues e elle a falar na sua antiga amizade com o Arriaga (Manuel), com o visconde d' Ouguella, Elias Garcia... Eu fezei republicano da velha guarda; elle ficou sabendo quem eu era.

E com isto se passou quasi duas horas de converso ameno com escandalo dos officiaes que esperavam o toque da ordem. Ao partir estendem-me o mão, com afabilidade...

Estava o invencivel Pacheco já agarrado!

Ora a injeção é uma coisa terrível de modo que eu senti, então, d'um ou d'outro, em volta de mim uma certa atmosfera de surdidade.

A canalha!...

Quanto ao meu requerimento ~~que~~ não agrada a ninguém nem causa nenhuma.

Presença em desolentado:

Em 30 d'abril:

São dez horas da noite e ainda não chegou autorização para ir à junta!

O meu requerimento foi dirigido ao rei; mas, pelo novo regulamento deve ser ao general; pois passou por trinta mãos e só na divisão é que deveria pelo regimento. Devolveram-me-o e eu mandei outro, a tempo; pois até ao toque da ordem nada veio e eu, na esperança, cheguei ao hotel e arranjei a mala que devia levar.

Às horas passaram, o carro da carreira passou e nada! Esperei ainda pela noite na esperança de ir amanhã de manhã, mas qual!

São quasi dez e meia da noite e ainda não senti ordenança alguma bater-me à porta com as guias!
Vou-me deitar.

Em 1 de maio:

Venho do quartel e nada veio a meu respeito. Tenho que regressar para ir a Elvas no dia 9.

E depois, no não far a Evora, agora, volto amanhã para Alentejo por causa do auto que levantei.

Adiante.

= às 3½ da tarde =

Sempre mais autorizado. Sempre vou à junta por que ainda há um comboio logo.

Al' pressa, entrei o sacco, como diria Camillo e ainda me despedi do commandante.

O Pacheco recebeu-me offiosamente, conversou libertamente e viemos a conhecer-nos como irmãos, autenticos irmãos perante o S.:D.: do Universo.

Elle fôra irmão desde Elias Garcia, trabalhou sempre muito, e contou-me particularidades até, de sua vida. E quando me despedia disse-me coisas amáveis a meu respeito que eu tive de responder confuso:

— Oh meu coronel...

E á tarde, julgando que não mais ali voltaria, desci na diligencia á estação, metti-me no comboio e lá segui para Evora.

Em 2 de maio, Evora:

As estas horas já deves saber por telegrammas que conseguí da junta o que quize — isto é, dois meses de licença para gozar em Coimbra.

E como Evora é terra grande e tem que ver, vou só no 4.º feira.

O viagem é que foi harmoniosa: parti de Portalegre ás 6 h. da tarde de hautein; cheguei ao Setúbal á 1 h. da noite e estarei até ás 5 h. da manhã o comboio de Vendas Novas, onde mudei para outro até Base Branca onde tive nova mudança para aqui — onde cheguei ás 11 da manhã.

Terrível. Como tive de ir logo para a junta, não atrezei.

Passados os dois dias a ver Evora, bella terra onde se pôde ler, a cada passo, uma evocação histórica, metti-me satisfeito para Lisboa e d'aqui, em 8 de maio, regressaei a Coimbra — onde até ao fim da licença, a minha vida se passou no descreto comrivo dos livros da bibliotheca da Universidade e dos folhetos, em regra valiosos, de Martins de Carvalho.

Esse periodo quieto — e bem curto! — do meu viver, os livros foram os meus companheiros e ainda hoje me lembro o prazer que me deu, após o almoço, metter-me a minha nethe justa debaixo do lenço e no bolso uma pena de escrever, regressar para a bibliotheca, onde as horas passaram rapidas e onde desejava fazer pouco ruido.

Pensei em largar a vida militar; pois se eu tivesse de voltar para Portalegre? ⁽¹⁾

Aquillo é que era vida para mim, ali, naquelle quietude dos livros, companheiros que não traíam, amigos que não revelam os nossos segredos, confidentes que não são indiscretos...

E assim passou o maio florido e o junho quente sem que eu pensasse ~~em~~ trovada que se está na a aproximar.

(1) D'este resgato conservei até uma carta do capitão J. M. Cruz Douro na Coll. Cartas - II, 95

Como aqui ficou esfolgado, voltei para Paratibegre em 5 de julho.

O que foi esta minha segunda jornada no Itamonte de grosso dito; nem vale a pena eucher papel com as fraquezas humanas...

Como no regimento me não enferavam todos se admiravam com a minha volta; o commandante ficou a olhar para mim, com cara de quem diz:

— Eu já sei o que isso é...

Continuou a ser amavel e correcto comigo.

O regimento tinha pouca gente, por isso commandei pouco companhia e ás vezes duas e de vez em quando commandei o 2º batalhão!

Commandava exercicios de tactica applicada, de companhia, com thema e batalha simulada — de que no dia seguinte havia critica, na presença do coronel e com discussão.

E até, a propósito vejo um anecdoto:

O quinqueno que eu commandei estava sujeito a um thema feito pelo capitão Viriato Borges Pereira da Silva, que commandava o batalhão; era um tenente gabo, chamado Linus, creatura obscura, com toucinho no corpo e toucinho na alma, viu-me com o thema e pediu para o copiar.

— Pois não, meu tenente, aqui está...

— Isto ás vezes é necessario... Qualquér dia o coronel manda-me fazer um thema para exercicio e já tenho elementos...

— Muito bem, faz muito bem...

Passam-se oito dias; o Linus commandava o batalhão que já escale devia dar o thema; recebi ordem de dirigir o exercicio; a escale nomeou-me para commandar a companhia; recebi o thema para estudar; leio-o...

Terço o mesmo de ha oito dias!

A fazer porque o resolvei, aos dois, está no volume respectivo.

Coisas da vida militar, da illustre classe militar...

A vida do regimento era monótona; a vida da terra mais monótona de modo que — aparte o meu mal estar moral — aquillo tornava-se insufferavel.

Vingava-me nos versos, fazia versos frescos ao Luis Lopes, meu officio, empregado na agencia do Banco e disfrutava-o zangado; discutia politica com um anarchista da terra, um politico da Guafu, sobre de orientação mais anarchica do que as ideias que elle dizia professar. E... pouco mais do que isto porque o calor era insu-

garbavel e não havia visto onde o preso caeuolas-
se em um golpe mortal.

No dia 28 de junho, pedidos meus dias de licença,
fui passar um dia a Castello de Vide e no dia se-
guinte fui no cafid de Madrid para Lisboa de ou-
de peguei para Mafo, passar meus dias com a fa-
milia. Voltei em 4 de noite; apresentei-me em
5 de julho; e em 6 cahi no caue, com uma tre-
menda angina e uma infecção intestinal.

Não tenho grande desejo em aqui relatar
com pormenores o que foram esses dias favorosos
de quasi agonia mortal, não só produzidos pela
febre a 40°, mas pelo profundissimo abateamento
mortal em que eu cahi.

O quarto, onde eu dormi duas noites apenas
pouco mais confortavel do que os outros, era
uma cama horrivel; como cahi de ca-
me não pude e ali fiquei estendido não sei qua-
ntos dias, horrorisando-me com as paredes sali-
drosas, com um talique de madeira caido a bra-
ço, com o chão imundo, os vidros sujos da ja-
nela... um horror.

Tive ainda a coragem para me fazer verros
como se vê no respectivo volume.⁽¹⁾

⁽¹⁾ Mais remethada, 9, a pag. 23

É assim correu o mez d'agosto, em que eu me via entalado infamemente noquelle quarto, distrahiendo-me ajevas com os livros que o Baltazar Teixeira me emprestava para ler, com os jornaes que chegavam á noite e... com as chuchadeiras ao Luis Lopez, ao John diabo contra quem eu mirava a minha má disposição... em verso.

Assim correu o mez d'agosto, sendo zaradas as minhas tentativas para voltar a Coimbra e sendo a minha saúde arrazada a realer.

Não ^{quero} que haja situação na minha vida como aquella; foi um mez horroroso e que melhor será deixar passar sem querer agora lembrar sem proveito cousas dolorosas.

Dolorosas?..

Sim, a palavra traduz a situação. Ahí fica com verdade e com justiça.

Nem lembrar é bom!

Istoja, que sobre tudo aquillo passou quasi meus annos e ainda a revolução virizadora, em mesmo assim, tenho uma certa repulsão ~~em~~ em lembrar aquellas horriveis peneiras.

Depois, como ficou dito, fui á junta no dia 29 e passei á invalidade. Fui a Beira e no dia 3 de setembro entrei de novo em Coimbra, por uma tarde horrivel de calor, e entrei de novo

em minha casa, considerando tristemente que aqui voltava sem paide e sem dinheiro...

O paide esvaia-se nesse abalo estufido; o dinheiro desaparece com os transportes, com a doença, com o diabo!

Sem paide e sem dinheiro...

x

Já agora, archivar aqui um documento curioso:

Regimento de infantaria 23

3º batalhão 3º Conde de S. Lourenço

Parte do tratado de dia 4 cavalariço.

Para os devidos efeitos communico a V. Ex.^a que fiz he dia 7 de Junho de 1864 a S. M. D. Manuel II d'elles jazagem pelo qual a terra onde foi assassinado D. Luiz de Castro.

Das occorrencias que tenho a communicar ha uma que merece muita especial attenção e que eu submetto ao v. Ex.^a critério de V. Ex.^a: O cavalleiro Sant'Anna Marques "conseguiu no estabulo com varios brios a indagar naturalmente de S. M. precisaria de munições e a dar vivas á monarchia.

Ora V. Ex.^a sabe perfeitamente que os regulamentos não permitem a falta aos annuaes.

Coisa alguma mais de avaria encontrei durante o meu serviço.

(1) O tenente Sant'Anna Marques, então presidente do Centro Monarchico academico — e condecorado no mes de Janeiro de 28 de Janeiro... Agora, voltou a varrelha...

O ten.^{te} Rodrigues recebeu a sua carta. Mas sei se
já lhe responderam.

O cavalleto Bombardem⁽¹⁾ jogou uma jareta no
~~caso~~ alferes Brites e outra no alferes Bacellar.

Proganho a V. Ex.^{ta} que se jaresem estes cavalleto e mais
razão de grã.

Quartel em Coimbra - 18 de julho de 1810

O trabador de dia

Luis O. Franco.⁽²⁾

Isso é uma brincadeira do Franco, que assim
contou casos verdadeiros. Ahi fica para a historia
dos ... honras.

Quando tambem meo carta do 1.^o sargento do
23 José Augusto Gomes, a respeito duma pedida
que me fez. É interessante.⁽³⁾

x

E assim, aqui fica mais este fanajo da mi-
nha vida já sempre tanto curiosa.

Coimbra = 27 janeiro - a
12 de fevereiro de 1911 ==

⁽¹⁾ É o coronel Duarte Nunes.

⁽²⁾ Na Coll. Cartas - II, 99-A

⁽³⁾ Na Coll. Cartas - II, 111.

O meu papel na revolução.

« Entrevista hypothetica com um desses interviewe-
dares que nos primeiros tempos da republica
massaram toda a gente — desde o presidente
do governo até aquelles que viram a revolu-
ção... por detrás das cortinas. »

— Pois muito me conta, sr. X...

— Se não encomendasse muito, Sr. X faria
nisso um grande favor ao meu jornal e presta-
ria um estimavel serviço á historia...

— Brevemente...

— Perdão, não é lisonja. Eu sei que Sr. X to-
meu parte activo no movimento que tão glorio-
samente nos levou ao nunca esquecido 5 d'outu-
bro. E por isso resolvi...

— E fez bem. Os meus? jornalistas concentrá-
ram toda a sua attenção sobre Lisboa. No entanto
na provincia tambem se combathou, havia dedicações
houve sacrificios...

— É bastantes, de certo...

— E houve uma ocasião, até, em que os revolucionarios de Lisboa ageláram decididamente por nós, os provincianos.

— Perdão... mas perante a Ideia sacrosanta, não ha capital nem provincia: ha honras levados pelo mesmo impulso generoso...!

— Obrigado... Mas o sur. X deseja saber o que se fez em Coimbra, não é verdade?

— Precisamente.

— Pois veio a má parte. Embeei, na verdade, malguma coisa, mas pó sei o que se fez com os militares. Com os civis pouco lidei, isto é, pouco trabalhei nas organizações secretas; comprehendendo o perigo que havia em me expôr...

— É' certo.

— No entanto, com os militares, não ha duvida que lidei muito e nada se fez, em Coimbra, n' esse campo, que eu não poubesse. Tudo me passou pelas mãos. Tive sempre a parte de andar mettido em tudo e de ter sempre responsabilidades que não eram muito para o meu merecimento.

— Modestia exagerada de S. B. X.

— Pois bem. Eu vou contar, e de metter as vontades, tudo quanto a minha memoria con-

perna, apesar de tudo lá ir he muito tempo e da
a memoria não per de ferro.

— Estão ás ordens de V. Ex.^{ta}

— Eu fui colocado em infantaria 23, no dia
29 de fevereiro de 1808, vinte e oito dias depois do D.
Carlos ter sido julgado no Terreiro do Paço.

— E queixa-se V. Ex.^{ta} da memoria!

— Perdão... refiro que o anno foi bissexto. Por
isso me lembro tão bem. Eu vinha então de Salen-
ça do Minho para onde fôra lançado pelo paupre-
mo, como anarquista. Voltava ao 23, de onde sahi-
ra real visto e onde continuei a ser real visto.

No entanto, nesse epocha de acaloração, a furia revo-
lucionária obrava e durante muito tempo não
se pensou em nada. Eu ia já fazendo a minha
propaganda suada, ia continuando com esta e com
aquella uma ou outra coisa e não se pensava d'
essa assignação simplesmente. No regimenho havia
officiaes republicanos e entre estes se deve desta-
car o capitão Alfredo Eduardo da Cruz, velho e
considerado democrata, mas com ambigo e um mo-
lre caracter; havia um ou outro, mas pouco
mais faziamos do que formular hypotheses mira-
bolantes e imaginar muito physicamente o mo-
do de fazer a nossa revolução.

— E não era pouco...

— Era, era pouco, p' de ver. Os grupos civis, os
 organizados sob a forma de carbonaria, eram nu-
 merosos mas não tinham armas e em ideias...
 eram lunáticos.

— Tem graça...

— Tem graça, tem. Mas o que é certo é que se
 passou o anno de 1808 e ~~em~~ quasi o de 1809 nem
 se viu nada feito. Todos falavam e ofereciam
 serviços, todos diziam ter na sua mão a organiza-
 ção da republica, mas o que é certo é que se de
 Lisboa, em certo dia, vierse um emissário dizer: "a
 revolução é daqui a 4 dias!" — ficava tudo embas-
 boado porque nada havia feito. É o que é curioso
 é que eu ia a sentir-me um pouco arrebatado por
 essa corrente offensiva...

— Antes assim...

— Sei lá!... Olhe, o que lhe digo é que o tempo
 foi passando sem nada haver... Eu sempre que jo-
 dia, levantava ás claras o meu protesto contra cer-
 tos factos — protesto que successivamente me ia
 encaminhando aos olhos dos leaes monarchicos. E em-
 bora isto não fosse uma causa valiosa, tinha ao me-
 nos o valor de ser um exemplo...

— V. Ex.^a tinha coragem, eu sei... Pode citar-
 me um desses factos?...

— Pois não... Quando cá esteve o rei, nos fins

de 1908, é claro que nos dirigáramos ás cantonárias do estylo. Nós andámos ahí para trás e para diante, enfiados, fazendo ruuuro com essa turbamulta de locaios — que até tiveram sações de jurar ao laudeau real ...

— Extraordinario!

— Mas certo. Nesse dia o realismo andava de rabo alçado, impudente, com impudencias enormes. Pois eu, logo que o comboio o levou de Coimbra mais cedo para cause de cousas ...

— Alguem ...

— Comos largos. É ainda cedo para se contar a razão porque sahio mais cedo e ... vivo. Mas eu, dizia, mal o comboio andou, conservando o grande uniforme, fui á Calçada e ali, encontrando o Ramado Bento e o Restano Junior, andei com elles, impudente tambem, mostrando que só uma obrigação imperiosa me levára á estação ...

— Bello gesto! ...

— Era um protesto. Outro, por exemplo: a convite dos liberaes de Coimbra, o Dr. Miguel Bombarda veio fazer uma conferencia anti-clerical, em junho, se me não enganar, de 1908. Pois eu fui á estação esgeral-o, no meio de republicanos pormente, alfaudi-o, e fui ao parau, e moite, onde dei vivas.

— Muito bem!

— Parecem as cousas não fossem de outros yotes. Tos que se reviviam... aos monarchicos. Recalhava um certo desalento e havia em todos uma certa indifferença — quando em setembro de 1808, estando no quartel a conversar com o capitão Alfredo Cruz, recebi um telegramma do meu condiscipulo Helder Ribeiro que me dizia passar no rajido, á noite, para o norte e que me queria falar. Como comprehende foi uma alegria! Othei para o capitão e um impulso sentimental ainda disse: "cá a temos!"

— Compreende-se a alegria...

— Ah! não imagina!... Foi uma alegria enorme! O Helder não me telegraphava só para me ver; e mesmo elle, a ter que me dizer cousas, só reviviam cousas revolucionarias. O que é certo é que meia hora antes de passar o rajido, já eu lá estava, no estacão, inconsciente.

— É folle-the, não é verdade?

— Sem duvida. Um jouco é yessa, é certo, mas não tanto que me não dissesse que era necessário fazer uma especie de inventário dos officiaes de Coimbra...

— Inventário, têm graça.

— Foi o nome que primeiro me lembrou

mas olhe que correspondente bem á ideia. O Helldor ia
para Campos de S. Hieronymo e á volta queria o inven-
tario para o dar ao João Chagas. Eu lancei-me
ao trabalho e fiz uma obra prima, uma verdadeira
obra litteraria, uma coisa grandiosa, desafiando a
reputação de cada um.

— V. Ex.^{ta} pode mostrar-me'a?

— Com todo o gosto o faria, mas rasgueira, re-
me não sugere. Conservei copia e metti-a, ao boc-
cado, em varios livros; ha pouco procurando n'
esses livros, não encontrei — signal talvez que os
tivesse rasgado malgum momento perigoso.

— Que foram muitos.

— Estava o trabalho concluido já, quando o Hel-
dor me mandou dizer que ia á Figueira; fui lá pa-
rar com elle uma tarde e abertamente se falou
no caso. Tudo ainda hypothetico, problematico, ~~mas~~
~~—~~ nebuloso... No entanto havia convicções, havia
coragem e a coisa far-se-hia em breve. Era ques-
tão de persistencia e trabalho. Tudo queria fé e
honestidade.

— E o inventario...

— O inventario foi entregue, é claro, e com-
mentado; era para juntar a outros, com o fim de
formar um inventario geral do exercito todo...
O Helldor é uma boa alma, mas pode crer que

é de uma bella energia e certo a direito quando é necessário combater. Mas, é muito voltei já com Coimbra e ... não mais voltei a saber qualquer coisa. Veio o natal, entrámos no anno de 1840 e ... tudo no mesmo!

— Era de arreliar, na verdade, já um caracter, como o de V. Ex.^{ta}...

— Oh!... Nesse altura, estava já no 23 um alferes Luis Augusto d'Oliveira Franco, excellente rapaz, sincero, trabalhador, muito dedicado e já com responsabilidades desde o 28 de janeiro. Encantou-me nelle um companheiro decidido e amigo; entendemos-nos excelentemente e, deixei-me dizer-lhe umas heranças de — contribuimos-nos em ditadas... No 23, quem mandava, era nós! E na verdade, largamente conversámos sobre o caso.

— Era uma conversação...

— É certo. Em janeiro, porém, o Franco diz-me que o Paesado Curto lhe pediu, a elle e a mim, uma conferencia; que Brazão de Lisboa presidente do Directorio, que era necessario ouvir-nos. Combinámos ir no dia seguinte o caso do Franco, nem me deu ajuda em conversação, já de cima da rua Botelho do General, casa onde o Paesado tambem iria, com o natural recato que



há em casos destes, attendendo aos perigos que há
ria.

— Ah, immenso! Eu pei...

— Seriam 3 horas de tarde, lá nos reunimos.

O Paesado, com aquella vivacidade que lhe é pro-
pria, contou tudo: o Directorio querendo organi-
zar a causa com urgencia para a causa reabrir
na primavera; elle, Paesado, encarregado em
Coimbra de organizar os comités; e nós dois, en-
carregados, por elle, de organizar tudo que disse
se referia á traga.

— E estava bem entregue...

— Eu, pensosamente, perguntai-me pelos ele-
mentos com que se contava para a resolução ter
essim um caracter tão urgente. Elle disse que os
elementos eram muitos; não exaggerou, contou as
causas como eu já, de resto, sabia; e terminou
por dizer: "isto, meus ricos, é o caso dum tabolei-
ro de xadrez; elles poderão dar o checque-mate, mas
é certo que ficam sem pedras para continuar..."

— Bella comparação!

— Combinou-se, pois, eu e o Franco tratarmos
do caso, com cuidado; mas eu, que já há muito
audo mettido nestas causas, tive as minhas coce-
gas e á tarde procurei o Floro Henriques.

— Floro...?

— Henriquez...

— Nome curioso o desse sujeito.

— É mais curioso é o homem. É um rapaz de minha idade, pouco mais ou menos, antigo seminarianista revoltado e secularizado. Ora este rapaz é uma das chaves das sociedades secretas de Coimbra e como o Travedo se não referiu a elle, como comprehende, nada quiz fazer sem falar greguesco aquelle que me parecia ser indizível no caso. Confiam, meu caro, francosera, francosinha: eu não tinha uma confiança por 'hi além no Travedo e quiz parecer-me que havia ali muita basofia... Pode ser que me enganem...

— V. Ex.^a se o diz...

— Ora falando com o Floro, realmente, nesse tanto, este não se aliena muito comigo, apesar de amigo velho...

— E lã!

— Bem vê... elle andou no seminário. Para alguns cursos he, porém a theologia... É reservado quando o deve ser e algumas me disse que podia eu, confiar no Travedo certo porque trazia realmente ordens de Lisboa e que podia começar immediatamente com os trabalhos pois que o comitê que em Coimbra se organisára, confiava plenamente em mim.

— E com toda a justiça...

— Fiquei pois adivinado com estas causas e no quartel, eu e o Franco, não falávamos noutro assunto. Planeávamos, fantasiávamos, reuníamos... É dezo dizer que pouca coisa útil fizemos...

— Não ha-de ser tanto assim...

— Olhe que é. Eu não meinto por modestia. O que verdadeiramente fizemos, e isso com intensidade, foi uma propaganda activa, continua, persistente, no quartel. Nas conversas com os officiaes, com os sargentos, nas casernas com os soldados, reunidos diariamente uma occasião de nos affirmar e de nos imbuir. Eu, quando estava de serviço, carregava sempre o Mundo e lia-o á vista de todos — o que constituiu um exemplo que dava força aos de baixo; quando podia dar uma lanceira em qualquer curso de manobra, era certo e sabido que se dava; e todos os exemplares do Portugal (que em duplicado ia para o regimento) que eu podia agarrar, iam logo para lá, para a mão, sargento ao meu...

— Bem feito...

— Todas estas pequenas causas já eram um conjunto que dava um pouco na vista e a nossa accção — a minha, principalmente — começou a ser percebida...

— Era de Joverar...

— Uma das causas para que othamos mais at-
tentamente foi para a castigação de officiaes. Elles
eram tão jovens, os bons!... Ora veja: discutindo-
os, um a um, encontrámos dignos de serem in-
ciados só... dois! Imagine!... O resto era um con-
junto de aduladores do Joverar, de indifferentes e
de autênticos talassas.

— E os dois?... Eram...

— Eram o tenente Jorge Correia d'Almeida,
valeroso rapaz, cheio de enthusiasmo, alus juiz e
excellente caracter; e o arfanthe do administração
militar José Fernandes Duarte, um bello rapaz,
novo, muito novo, crente, desejoso de saber e de traba-
har. E eis aqui os conspiradores...

— Quatro só...

— Perdão, cinco. Não esquecer o capitão Alfredo
da Cruz, um nobre caracter e um bello cerebro. Não
é que o não mettiamos em reuniões porque não o
queriamos cogor, como confundendo. Homem de
idade, cinco filhos...

— E' certo... Fizerao d. Ex.^{ta} umos nobre accão.
Mas esses dois officiaes adheriram logo?

— Não. Mesmo nós combineámos não nos
falar abertamente. Primeiro queriamos ter a certez-
za do que elles pensavam e respeito de uma revolu-

são pois que, compreendendo, para uma revolução não se usa com a simplicidade de quem usa para um gameio. Tivemos largas conversas a tal respeito e devo dizer que muito o Franco trabalhou mais do que eu. Andava horas e horas agarrado ou ao Carneiro d'Almeida ou ao Duarte e depois vinha dizer-me quasi ao ouvido: "os honraes estão quasi feitos!" Bello rapaz, aquelle Franco! E assim se chegou ao mez de fevereiro, e no mez de fevereiro ao domingo gordo...

— do entendo...

— Sim, ao entendo alegre para os outros que eu, com franqueza... Mas vamos ao caso: estava no meu quarto de trabalho, cerca do meio-dia, quando bateu á porta e se annunciou um meu antigo conhecido, cegulo da Escola do exercito, o Antonio Pires Pereira Junior que nós alcumbávamos de "o que matou o avô."

— Curiosa alcumbia.

— E peguendo elle explicava com graça, o crime deu-se por um copo de vinho:.. Polgariadas! Elle entrou, abraçámos-nos, elle explicou-me a sua vida da Coimbra, e a certo altura diz-me: "olha, vamos d'ahi jantar! vamos ver a terra!" Eu sahi então com elle, já desconfiado; e no mesmo mez, mesmo abaixo da minha casa, elle começou ex-abrupto: "eu não venho ver a terra, jantares? jago fran-

"co e cartas na mesa: eu nembo saber como isto está
"a respeito de republicanos..." Eu corri-me... Com
franguezos, o Pires Pereira vir a Coimbra, no entou-
do João ver a terra... era caso João vir.

— Resolvemente...

— Ficámos, como comprehendido, logo á vontade, e
durante o resto do dia não se falou nenhuma cousa. Eu
expliquei-lhe a situação e disse claramente como o que se
jo dia contar; e quando eu ordenava ver nele um ges-
to desalentado pelo pequeno numero de elementos que
havia, ele teve um olhar alegre, a physiognomia ale-
grou-se toda e disse-me: "arre, que vocês têm cá
gente a dar com um João!..." É afinal...

— Era pouca?

— Eu lhe vou dizer o que disse ao Pires. No regi-
mento havia regenos e firmes: o capitão Alfredo Cruz,
o tenente Correia d'Almeida, o alferes Franco e o as-
signante Fernandes Duarte e... e eu, é claro. Conta-
vamos com a facil ausencia do major Joaquim
Mário Ferreira, espirito liberal e homem sério;
contávamos com o tenente Alberto dos Santos Perei-
ra Almeida, que então estudava na Universidade
mas que, apesar de se ter comprometido no 28 de
janeiro, andava agora a jogar de Jortá... Contávamos
com o tenente Sant'Anna Marques, tambem com-
prometido no 28 de janeiro, mas que se retirára do

serviço... político e que dentro em pouco foi eleito presidente do "Centro monarchico academico". Como ás vezes somos ingénuos...

— Que maroto!...

— E ultimamente appareceu comprometido nesta tragédia das conjurações... Seja lá...

— Cousas...

— No entanto, meu caro meu, nessa altura do embudo, ainda havia uma certa confiança, não; não; não; o viámos retirado de nós, mas attribuíamos isso ao medo. Mas, supor a tudo isto havia um homem com quem nós contávamos com confiança e certeza: o tenente-coronel Rego Chagas, hoje coronel do meu regimento. Esse homem ingenuamente tinha sua parvidade, tinha suas ideias desbatamente liberais e tinha sua firmeza, e naturalmente estava indicado para tomar o commando do regimento. Como né eram poucos...

— Mas quasi todos bons...

— Mas poucos, bem poucos, embora o Pires Pereira já achasse que eram muitos... Nas outras terras quasi não existiam republicanos... Já né...

— De certo.

— O que é facto é que o Pires lá foi, tendo-me deixado esperanças de que "a causa" viria lá para alicerçar, com o desabrochar das flores...

— J. he sempre ironico...

— Como comprehende, as cousas iam-se-me afigurando jorlivas; chamei a conta o Franco e lancei-mos a juras no caso. O regimento é que era ingrato como os demônios... Aquella Jura estragou tudo, dissolveu tudo, o almeu deum raio... Não havia quasi ninguém para agouitar, e o nosso trabalho estava pito. O Franco lembrou-se do alferes Eurico Balthazar Brites, rapaz liberal, de familia republicana, bom rapaz e pe bem se lembrou melhor o fez porque no dia seguinte entrou-lhe em casa e falou-lhe no assumpto.

— Injundencia...

— Não, injundencia não. O Brites é um rapaz serio e circaloz de uma demencia, mas o diabo é que nessa altura a peuhora dele estava á morte por causa deum jato e o rapaz não estava para ouvir taes cousas, de modo que ficámos sem a sua adhesão que talvez viesse. E o tempo foi correndo e nós á espera... Em fins de março o tenente José Maria de Sousa Magalhães, do 15, veio estabelecer ligações, commoções, do "comitê" de Thomaz, a que presidia o major José de Siqueira Bandeira e ou de Ribham excelentes elementos revolucionarios; d'ahi a dias o Franco foi o jedito nosso (meu e do Correia d'Almeida e Duarte) a Lisboa para poder

de fonte limpa a altura em que ia "a cousa" e as condições de viabilidade...

— Fizeram V. Ex.^{as} muito bem...

— Quando veio, deu-nos excelentes notícias.

Encontrámo-nos com o Floro Henriques no Chougal, á noite; e ali, ao som das águas sussurrantes do Mondego e perante a poesia dum clarão quasi crescente...

— Lá vem a ironia...

— Perdão, lá vem a verdade... Mas ali o Franco contou que fôra ao Mercado Santos e ao Caudido dos Reis apresentado pelo Pires Pereira para quem em lhe deu uma carta. Aquelles dois fizeram-no ao corrente: a guarnição estava minada pelo carbunho, e embora se não contasse com grande numero de officiaes, contava-se com a cumplicidade de soldadesca quasi em massa.

— Já era...

— A marinha era nossa, como de resto era salido; os regimentos de provincia estavam pouco minados mas contavam com Chaves, Vianna do Castello, Beja, Portalegre, caçadores d'Alentejo, Thomar, e... creio que me não lembram outros. Como vê, nada era...

— E' factó...

— Contavam já com o espirito de revolta

latente em todas as almas, com a rápida acquiescencia que de certo vinha porque tudo estava farto da monarchia, e a propaganda republicana era interessante e dava resultados. Enfim, os tres românticos conspiradores...

— Românticos?

— Sim, românticos, porque fomos Jara e Choujal quando, ao fim de contas, tudo se diria a uma expedição, na cidade, é farto de um loja, etc. Enfim, o cenário é importante, como calculo... Mas, dizia eu, que os tres conspiradores, ao saírem das ruas da cidade, referáram-se convencidos de que, desta vez, "a coisa ia..."

— Motivo de satisfação...

— Sem duvida alguma! Mas... neste altura, surge um contratempo. Por causas que devesse-riam muito a contar eu fui transferido violentamente para Portalegre, como republicano convicto, Jara cujo fôro revolucionário era necessário o calpante do... calor abutajano.

— V. Ex.^{ta} tem graça...

— Verei, mas eu é que não achei graça á transferencia. Foi, no meu caso antigo, a 10 de abril, na mesma altura em que veio Jara o regimento o tenente Antonio José Rodrigues, de admissões militares, velho republicano, tenente.

regimento de revolucionários, raça decidida e firme que valente. Foi uma conflagração americana, forte, quanto ao valor, o regimento se achou excelentemente com a troca.

— Outro tanto não digo...

— Eu, é claro fui a Portalegre, erguêi-me com a fealdade da provincia alentejana, e erguêi-me com o ser que o regimento, contra o que dissera o Franco, informado pelo almirante Candido dos Reis, não era o regimento republicano que se desejava... Confesso que desaminei... E nahi? apenas encontrei o então capitão Antonio Patricio Pinto Rodrigues, velho republicano, embora retrahido, como um flor exotica de republicanismos em terras afastadas. E mais nada...

— Extraordinário!

— O Baltazar Teixeira, antigo conflagraheiro da greve de 27, e advogado lá, fór-me ao corrente de tudo: no 22 havia apenas aquella capitão; e embora um tenente Ribeiro, conhecido pelo "Mimas", alardeasse serviços, ninguém conversava com elle; entre os sargentos havia belos elementos, de entre os quaes destaca o 2º sargento José Marcelino que foi transferido para Lisboa, para o 16, em agosto e com tal parte que foi dos haueus da Rotunda e hoje é alferes. Havia, é

verdade, o tenente Jorge Carozo, do guarda fiscal, raço de confiança. E aqui tem eu que deu o republicanismo de Portalegre, segundo informaram de Lisboa.

— V. Ex.^a dá-me novidades, verdadeiras cousas inéditas...

— É bem interessante! Desta vez, em Portalegre estive algumas semanas e ... cheguei. No entanto, para não ser fiel exposita, não quero deixar de lhe contar uma estranha aventura semi-cômica, ou semi-seria, como quisesse, que bem mostra a falta de orientação que prevalece á organização de certos trabalhos revolucionários.

— Sou todo ouvido...

— No momento em que me gostava em Portalegre, ainda na causa a lutar com o povo, senti bater á porta, cerca das 7 horas. Perguntei naturalmente, quem era; de fora disseram-me: "sou o Camillo Rodrigues!" Eu de dentro disse: "é bom!..." e saltando do campo fui abrir a porta, e dei entrada ao visitante que ligeiramente olhou pelas janelas, mysteriosamente, como quem quer que visse se não fosse um ar de recato indetectavel. Eu, mettendo-me de novo no campo, bocejando, ofereci-lhe uma cadeira e desconfiado avancei a pergunta classica: "então que ha de novo?"

— E quem era elle?

— O Camillo Rodrigues é um regente agrícola com um curso feito na Bélgica; bello rapaz, entusiasta, conheci-o em Coimbra, em 1908, e foi-me apresentando como anarquista. Era então qualque curso na Escola Agrícola em Coimbra, mas foi perseguido pelas suas ideias e veio a parar em Santarém depois de ter estado em Évora, etc, etc. Causas...

— Violencias, violencias...

— Estava elle, mesmo allora, em Santarém, quando me appareceu mysteriosamente no hotel em Portalegre. E quando eu lhe perguntei "o que havia de novo" elle respondeu-me discretamente: "ho muita coisa de novo..." Ora em confesso que, naquella situação de refugio e comodidade, achando um certo que aquella visita inesperada, tive vontade de fazer enigmas e aventurei: "então responde a coisa e agora?" E elle, voltando a percorrer o quarto com a vista, responde baixo: "estamos todos á espera..." Naturalmente, eu perguntei logo: "mas de quem, ou de que?" E aqui está o que elle me responde, tão lealmente: "tudo depende do meu amigo!..."

— E' isso...

— Eu dei um pulo no caso! De mim!... A resolução de depender de mim!

— E porque não?...

— Ora!... O que é verdade é que achei inesperadamente dividida a situação e achei fixo já o Camillo já nos ser pe nelle divisave indícios de desarrajo mental.

— V. Le^a é d'uma modestia...

— Isto não é modestia, ser. X.; isto é simplesmente não ser tolo. Eu, centro, chave da revolução! Confiam, nessa altura, não me combive entre os braços; vesti-me a mim mes, já meando, o Camillo já me as corrente de tudo... o que elle desejava e um gímano no seu bello e generoso alma. Ora vejo o que elle queria: — queria que em no momento proprio fosse já o Santarém, e ali, revolucionado caçadores 6 e artilharia 3, tomasse o comando destas forças, marchasse sobre Lisboa, depois de unir a infantaria 15 e a infantaria 7 que infalivelmente iriam unir-se-nos no momento oportuno, a local determinado. Depois, realizada a junção das forças todas, marcharia, novo Napoleão... improvisado, sobre Lisboa, com o fim de a cercar, caso a revolução não triumphasse.

— Bello projecto!

— De facto era bello projecto, mas eu é que já não sou criança e comecei a ver obstáculos, amareis, como comprehendo, porque de forma alguma eu queria que elle julgasse que eu tinha

medo de tomar a responsabilidade de tão tremen-
da tarefa...

— J. he bem muito graco...

— Argumentei quanto pude, agarrei-me a tudo... mas confesso que elle tinha resposta para tudo. Quando eu lhe disse: "mas se he nemas ho-
pas officiaes com patente superior?" elle respon-
deu logo que a Junta revolucionaria tinha poderes
especiaes e que os commandos deviam ser dados
conforme os merecimentos...

— E muito bem.

— Se eu lhe dizia: "e a administração mili-
tar, quem e que trata d'isso?" elle respondia com
uma phrase um pouco do conselheiro Pacheco:
"meu caro: tenho o Alentejo alerta, que e o cel-
leiro de Portugal!..." E o que e facto e que não
havia maneira de lhe fazer comprehender que o pla-
no delle era uma linda fantasia e nada mais.
E andei todo o dia com elle, ás voltas, para o
convencer; e estou certo que e tarde, quando se
foi embora, ia com a duvida de eu me recorrer
com medo... Enfim, como nê, eu não podia
aceitar esse curso daquelas, por todos os mo-
tivos...

— Menos pela competencia...

— Ora adeus, sr. X. Isso de competencia,

ainda era um problema e dos bores... Enfim, conseguindo escapar daquelle carreira que me levaria á celebridade, estive mais uns dias em Portalegre, fui a Évora e junto e de novo, nos primeiros dias de maio, voltei para Coimbra, onde continuei auxiliando os rapazes amigos. Houve então um certo desanimos, não sei bem porquê; e nesse estado passou o mez de maio e começava junho, quente, com trovoadas...

— Sua memoria!

— Eu passava os dias na bibliotheca da Universidade, trabalhando com afieiro e desse estudo só me desviava para os trabalhos da revolução. Em meados de junho o Floro Henriques foi a Lisboa, em serviço revolucionário; eu pedi-lhe claramente que fizesse os pontos nos ii ao João Chagas e lhe dissesse que era necessário vir um official superior a Coimbra, e isto por muitos motivos. Era um meio de nós termos confiança no movimento que se preparava, e era necessário que alguém falasse ao Chagas, ao tenente-coronel em quem ainda agora falei...

— Lembrou-me muito bem.

— Era preciso animar as hostes e incutir confiança; e o Floro assim expôz as causas ao João Chagas e ao Affonso Costa, os quaes, com o Candido

dos Reis, constituiu o comitê militar central.

— Não sabia...

— Não admira. O que é facto é que, nas alturas dos festejos de S. João, o Pires Pereira, um moço, bate-me á porta e diz-me: "está cá o Candido dos Reis!" Eu tive um sobresalto alegre: ia finalmente ver esse homem quasi legendário e que já nessas alturas tinha tomado um alto lugar nas nossas imaginações! Era certo, nesse dia... Dei abraços a esse valente Pires Pereira e perguntei-lhe: "e elle onde está?" Resposta: "ficou em casa do Rego Chagas..." Era optimo, tudo aquillo! Exultei. O Pires Pereira, então, contou-me cousas: tudo ia bem, a obra caminhava a passos largos e ali por julho ou agosto... E nós tínhamos um gesto breve de quem dá tudo por concluido. E o Pires lá foi, a encontrar-se com o almirante, tendo acompanhado consigo o sr. e Sampaio Claro, cerca das 3 h. da tarde, com o Franco e o Antonio José Rodrigues — porque o Camêsis d'Almeida disse que não podia ir e o Duarte já voltara para Lisboa, concluido o tirocinio. Pois ás 3 h. da tarde, com um numero do "Alus Nacional" na mão, sentei-me num banco além da ponte e esperei com ansiedade...

— Imagino...

— Não imagino, não sr.. A minha ansiedade

mas era motivada pelo facto de interviewer, pois que a essas causas mysteriosas me habituára já; eu estava ansioso por ^{ver} o almirante! Esta é que era a verdadeira ansiedade!

— Elle, naturalmente, foi pontual...

— Não ha duvida... D'ahi a modo vejo apparecer no frontê um sujeito baixo, secco, de ligoda cahido, chapem de patha, frack, luvas cinzentas e botas insêiras. Vinhe pausadamente, othando tudo, de mãos abrá das costas, como que indifferente ao que o cercava; mas ao ver-me, fixou-me, fixou-me bem, como quem queria penetrar os meus pensamentos e eu vi que esse homem que assim othava, tinha qualquer coisa de penetrante no othar, qualquer coisa de extraordinário. Pôde crer que ainda conservo bem viva a impressã que recebi — porque ao mesmo tempo, vendo o numero da "Iluz Nacional", o othar teve qualquer coisa de mais brilhante. Exdize de mim para mim: "já está o homem! É elle!..." Estive para me dirigir e cumprimental-o; mas me restava duvida. Aquelle othar, o brilho ao dar com a revista do Antonio José... E depois, o tido de official á paizave... Não me restou duvida alguma: era elle!

— E o que fez o almirante?

— O almirante seguiu pausadamente, fingindo que olhava para as lavadeiras no rio. Disse-me elle depois que tambem me "matou" logo e que tambem esteve para se dirigir a mim.

— É curioso...

— Disse-me tambem que me "matou" pelo aspecto... Ora veja lá... O almirante tambem sabia ter graça, quando queria. Mas nisto chegou, e aqui, o Pires Pereira; perdendo-se do almirante; muito escausado, porque o almirante era capaz de se ir metter na boca do bico; como não conhecia Coimbra quem sabe se elle iria para defronte da casa do Jesus, e estava tudo perdido... Eu socorri-o, dizendo-me: "o almirante vai ali..." E apontei o vulto que desaparecia na curva. O Pires, socorreu e lembrou-se. Depois chegava o Rodrigues e o Franco e resolveram-se ir ao encontro do homem...

— Sem precauções?

— Bem vê: áquella hora não havia ali gente, eram horas do jantar e além disso como elle era desconhecido... Enfim, nestas cousas, tudo é contingente e nós iamos confiados em que nada haveria de anormal. Eu segui adiante com o Rodrigues e o Pires seguiu atrás com o Franco. Logo na curva vimos o almirante, parado, tal-

vey contemplando a paisagem — se é que naquella
 ta estaca havia então lugar para um pouco de
 arte. Nessa altura, ali, deu-se um caso que, se
 o não posso...

— Pelo contrario.

— Então ali nae: um cyclosta, a todo o pa-
 no, atropelou uma criança; a criança, no chão,
 tinha já um risco de sangue na cabeça; gritou;
 o almirante voltou-se, viu e deita a correr; pre-
 gou na criança e othere em volta, chamando al-
 guem; acudiram mulheres e o almirante dis-
 puzha-se talvez a auxiliar o curativo quando
 em si o perigo todo: ao longe viuha um policia,
 o cyclosta iris preso, o almirante tinha de dizer
 o nome...

— Isso era um perigo.

— E era, na verdade. Disse-o ao Rodrigues;
 este correu, fuxou pelo aldo do frack do Candido
 do Reis, disse-lhe qualques coisa, que elle seguiu
 logo, atravessou a estrada, tendo cubraque a crian-
 ca e uma das mulheres. Bella alme, grande al-
 me, meu caro! A falta que elle faz!

— Que remedio...

— Mas, ao abnavessar a estrada, deu com
 os olhos em mim, dirigiu-se-me e cumprin-
 mentou-me logo, tratando-me pelo nome!

— É' curioso...

— Depois vieram os outros e fomos todos para a estrada do Aluegue, onde, á Guarda Ingleza, cortámos á estrada do Bardalo, estrada só, quasi abandonada, cheia de sulcos fundos, das aguas da chuva. E a conversa seguiu, intensamente, sentindo nós a força magica que nos vinha desse velho cheio de vida, haueu exónas diários ao pé do qual nos sentiamos grandes, nos sentiamos fortes, promptos a morrer á sua ordem... Olhe que não exagero...

— Acredito. Basta V. lê' dizel-o...

— Eu falo por mim. Não calculo a impressão que esse haueu me deixou. Eu não sou valentão, não sei mesmo se sou capaz de causas arrojadas; mas pôde crer que se a revolução fosse nessas noites mais proximas, eu seria o primeiro a lançar-me nos pitões mais perigosos. Ainda o estou a ouvir quando eu lhe apresentei uma duvida acerca do exito da revolta; pareceram-me que elle cresceu, que se tornou grande, os olhos fixaram-se com um brilho intenso; havia contrações nervosas nos faces; e elle disse: "é' necessario cuba que os velhos venham dar coragem e confiança, aos rapazes? Que rapazes são os melhores que ainda precisam dos meus resenta

anos?... "Eu, confesso, senti-me confuso pela
duvida apresentada... Grande homem, pode
crer! Enfim... maneu, a deante.

— É certo...

— Pois a conversa foi longa. Logo de entrada
contou que o ten.^{te} coronel Chagas recebera a em-
baixada com a mais franca hospitalidade. Anuncia
a tudo e só apresentou uma duvida: se os rapre-
ses (que eramos nós) o queriam? Mal sabia
elle que nós é que o escothemos! Mas o almiran-
te pôz-nos ao facto da ideia geral do movimento.
Elle era de opiniao que as provincias se não
manifestassem sem que as causas em Lisboa es-
tivessem bem, porque assim se fofava mu-
ta gente, ~~na~~ na hypotese de o movimento em
Lisboa ser vencido — o que não era possível,
dizia elle. Contou-nos varias causas a proposito
e entre ellas... Mas eu estou a abusar da sua
paciencia, m. X...

— Pelo contrario, seu todo ouvido...

— Pois ahí vai... Contou-nos a proposito do
ministro Mathias Alves que ter transferido, que
este cavalheiro, quando foi da 1.^a ditadura de João
Francos, lhe andava sempre a escher o bicho do
ouvido com revoluções, com republicas, o deus-
nis! A certa altura, enrimen-^{te} me mezes que

iria para a revolução se fosse necessario, que o seu regimento havia de ir, etc, etc, — cousas estas que o almirante ouvia com resignação, mas ouvindo-o, dizendo-lhe que a "causa" ia ... Um dia, para o experimentar, disse-lhe: "amigo Mathias Nunes! Chegou a occasião! a "causa" necessita esta noite; espero a tua cooperação e a tua lealdade de amigo velho e liberal... etc, etc." E sabe o que respondeu o Mathias: "Oh diabo! por essa e' que eu não esperava; comprehendes que eu não posso responder-te sem falar com o José Luciano..."

— Extraordinário!

— E a respeito de responder... nada! Não lhe deu sequer um sim ou um não! E eis o resto: Quando chegou o metal, o almirante recebeu um cartão de visita do Mathias Nunes dando-lhe as boas-festas...

— Interessantissimo! J. L. tem uma memoria preciosa e um jeito especial para contar...

— Ora adeus, meu caro Sr. Nada de lisonjas, e vamos adiante. A tarde adeantava-se e não havia mais de largar a conversação com esse Romano fora do comum. Garantim-nos que o éxito da revolução não admitia duvidas e que contássemos com elementos em todos os regimentos embora fossem 3 ou 4 em cada um. E pode

crer que foi assim que se levou ávante a revolução. Pouca gente, sr. X, pouca gente...

— Mas foi como se houvesse...

— Isso é verdade, e agora... é o que vê: são todos republicanos históricos! Mas, o pol já começava a estivar poeiras e eu me pelas in-
nuas e viemos a necessidade de acabar a conven-
sa. O almirante abraçou-nos; o ultimo abraço!
Soube depois pelo Floro, que já estava com el-
le, que foi excellentemente impressionado com
nôco.

— Não admira...

— Admira, sim sr., admira. Nós eramos só-
tres e nada prometemos além da boa-vontade.
Já vê... para uma revolução... é pouco! E
agui tem como terminou, para mim, este dia
notável. O almirante, no refrido á noite, re-
quiá para Oliveira e eu, d'ahi a dias, voltava
violentamente para Portalegre.

— Outra vez?

— É verdade, outra vez, e desta vez cá lá
deixando a vida o que era feição.

— Oh! de certo...

— Foi outra fôrça do ministerio da guer-
ra, creio que do director-geral, o reaccionista
Flourenço de Mendonça.

— Uí!...

— Conhece-o?

— Muito bem! É um grande reaccionário e um bom patife!

— Pois então, ahí tem. Tive de voltar ao terrível Alentejo. Um horror!... Felizmente, desta vez, vi por lá officiaes que me agradáram mais e tratei de os paudar — e tanto que se me confessáram republicanos o capitão Veller Caroco, irmão do tenente Jorge Caroco, e o tenente José Marques, rapaz firme, um pouco rude, mas bom. Com o Fabricio Rodrigues (que andava em sirocinis) e comigo, já o grupo era de quatro — acrescentando um excellenté nucleo de sargentos. Quiz agarrar o alferes Aurelio Alves da Silva, mas este negou-se cautelosamente. O tenente Ribeiro "o misas" esse, não se contava; era um "gajo", desculpe o plebeísmo.

— Ora essa...

— Eu sei que elle agora se apresenta como republicano a valer; combaram-me até que um dia eu que o capitão-medico Guerreiro me disse que elle nunca fôra republicano e apresentára o meu nome para exemplo contrario, o "misan" sangrou-se e disse que sempre fôra mais republicano do que eu... Imagine que até o pedro-co.

felas teve de vir em meu auxilio... Isto conta-
ram-me que se dára ha pouco, lá nessa Portale-
gre dos demônios... Pois é verdade: de combi-
nação com o dr. José Segueira, medico d'armada,
e que estâ como governador-civil no districto, e
com o Balthazar Teixeira de quem já falei, en-
ta dando aos officiaes instruções e conselhos, pon-
do-os ao facto de causas, e continuando outras.
O proprio commandante, o Pacheco, o terrível
Jacintho Pacheco, netho mago e liberal, republi-
cano da velha guarda do Elias e Sousa Brandão,
havia de ser atacado por mim, com certo gosto,
atendendo á nossa qualidade de mago e elle
parecer ter por mim uma certa consideração.

— Merecido, sr. tenente, merecido...

— Obrigado. Mas nada foi preciso. Eu adoe-
ci; estava ainda mal, quando foi da tentativa
de 19 d'agosto de que nós tivemos conhecimento
to, dez dias depois...

— E' bom...

— E' bom, é, mas em Lisboa tinham resol-
vido não mandar aviso para as provincias e
como a causa se malogrou, tambem nada
dizeraem. De Lisboa, não tinha recebido noti-
cias; apenas nos primeiros dias de julho, o
Helder me escreveu, respondendo a uma car-

ta em que eu lhe pedia para ir á colação do Rio
ao combio em que eu seguia para Portalegre,
quando passei por Lisboa; e nella me dizia que
os negocios "agora iam meus mal encaimi-
nhados." (1) Nada mais, e isto como se não era pumi-
to... O Franco, de Coimbra, mandou-me uma
inferenciação do alferes e Nunes da Silva, sob uma
forma allegorica, mas nada mais dizia... (2) Nada
vamos em ignorancia... Por fim, quasi morto,
resolvo-me a ir á junta a Lisboa, passei á inabi-
lidade e voltei para Coimbra, não sem um certo
custo.

— Terminais, esses monarchicos...

— No dia da junta encontrei o Pires Pereira,
no hospital da Estrella. Elle é que me pôz ao facto
de tudo, do que se passára nesse tentativa frus-
trada, atirando as culpas para o capitão Palla que
se safara para Santarem... Couras. Contou-
me que, de entre os officiaes revolucionarios, se
destacára um grupo mais decidido que se enbi-
tulou "O Jovem Portugal" e que haveria de levar
as causas a bom termo. Perguntei se o almi-
rante entrava nesse grupo; resposta textual:

(1) Coll. Cartas - II, 97

(2) Coll. Cartas - II, 98

«esses velhotes não decorativos, meu velho! o que se quer é sangue novo!» E com estas e outras razões pitorescas, garantiu-me que a coisa viria para a rua nos fins de setembro ou, quando muito, em outubro.

— Como de facto.

— Depois de mais de duas horas de conversa, prometi aparecer à noite, no Blois, para nova palestra; e foi igual que faltei porque saí de Lisboa nessa mesma tarde — o que me valeu, do Pires, umas reprimendas amavel, dias depois,⁽¹⁾ minhas cartas. Segui para Coimbra, com a família, nos primeiros dias de setembro e aqui correu amavelmente o mez sem nada de notavel. A minha saúde era má, eu andava decaído; ninguém aparecia em casa, parece que todos tinham medo... O Franco fôra para a Africa, no dia 1 de setembro, levado pela lei do Pimentel Pinto; o Correia d'Almeida e o Rodrigues não apareciam; o proprio Flor Henriquez parecia que se retrahia consigo; eu andava ás aranhas, apenas dedicado aos livros velhos, na bibliotheca da Universidade e nas livrarias do velho Martin de Carvalho...

⁽¹⁾ Coll. Cartas - II, 115.

— Isolado...

— Isolado, diz bem. E ainda hoje estou para saber porque... Até que por fim, em 4 d'outubro, quando me despedia do capitão Alfredo Cruz que devia embarcar no peú-express para o Porto, feita uma visita fugidia á familia, eu ouvi dizer a um empregado da estação que o comboio não viera porque em Lisboa havia revolução e grande! Compreende como nós ficámos... Olhamos um para o outro, admirados, sem saber o que dizer. Era certo, a revolução, finalmente! E ella veio, solenne, grande e... e, meu caro sr. agora reparo em que a entrevista acabou. E não pouco o marzei...

— Perdão, perdão... J. L. ainda não acabou porque apenas ~~se~~ sabe vagamente que a revolução estalou. D'ahi a ella ser proclamada...

— Isso, meu caro: d'ahi até ella ser proclamada, nem no meu 2.º volume de "Cartas", que se quizer está ás suas ordens..

— Agradeço a J. L. ... Mas se J. L. resumisse o que nellas escreveu...

— Cartas em resumo: foram dois dias e duas noites duma anciedade horrivel, quero mesmo dizer-lhe que na tarde de 4, quando tudo invertece e as estrelas começaram a aparecer

aqui e além; eu tive a reusação naga, mal definida, de um descalabro certo... Eu sabia que se em Lisboa a revolução viesse para a rua, tinha de triunfar; mas... nada se sabia, andávamos a perseguir notícias uns aos outros... Foi uma coisa terrível, meu caro Sr. Houve exaltados que quizeram fazer coisas e eu fui um dos que aconselhei a esperar dados positivos.

— É muito bom.

— Houve quem não achasse. Por fim, em 5, á tarde, metti-me em casa, desanimado, embora com a certeza de que aquella demora denotava victoria dos nossos. Veio a noite... horrivel noite! Até que pela madrugada, foguetório, musicas, vivas, chegaram aos meus ouvidos como aos olhos de um naufrago deve aparecer o porto salvador! Era o Republico, caramba!

— J. L. exultou...

— Olhe, eu lhe digo: de começo, tive uma commoção de alegria, um palpitar alegre de coração, mas immediatamente lembrei-me com tristeza daquelles que seriam mortos na revolta, a tiro, á bayoneta, quem sabe! — para que eu, para que todos nós, tivéssemos aquella alegria unica na vida! Que mania aquella!...

— Mas finalmente, socorreu...

— Sim, soceguei ... Que antes, deixei de ter po-
cego ... Sabe? fizeram-me commissario de poli-
cia; e a minha vida pacata, foi-se.

— Mas prestou serviços ...

— Ah! ... muitos: antes, foi o que vio, contou
me contei; depois, tão pouco gosto tive para o
logar, que me fizeram fora ...

— Mas que modestia!

— E' modestia, é ... Pois fique-se com o que
lhe digo que já não foi pequeno o trabalho.

— O dolero que fosse, ^{meu} Sr., o dolero que
fosse ...

— No seu dispor ...

— Que creado de V. Ex.^a ...

Coinhã = 13 puerceiro - a 10
d'abril de 1811.

Como eu colaborei na "Alma nacional".

Um dia, pouco depois do Duómino José d'Almeida ter lançado a publico a "Alma nacional" lembrei-me de escrever qualquer coisa para lá. Pensei, raciocinei e no dia 25 de fevereiro escrevi-lhe a seguinte carta:

P^{mo} Sr.:

O nome ignorado q. assigna esta carta é o de um subalterno de infantaria q. vive em Coimbra servindo em ~~um~~ um regimento onde o diretor espiritual é a gazeta do padre Lourenço de Mattos.

O signatario desta, porém, não tem o seu espirito apto a taes subtilidades de infantarias e a tanta diabolica ignobil; e é como tal q. hoje se dirige a V., entregando á lealdade q. todos lhe reconhecermos, o seu nome enrolado como columna das instituições, embora com o signal moderno de altamente suspeito da fozouha revolucionária...

Umas eis a razão desta carta.

A revista q. V. publica, sugeriu-me, pela sua índole, e pela sua forma, uma pequena peçad q.

lembrasse aos portugueses uma qualidade q. a nos-
ra gente teve sempre e q. se evidenciou a travez de to-
da a nossa historia — a qualidade e a força revolucio-
nária.

Julgaria V. extrair esta proposta?

É q. eu, ha anos e anos, — já vou nos trinta e co-
meço a ter cabelos brancos — q. me dedico ao estudo
da nossa historia; e desse estudo veio uma faciente
coadunação de factos dispostos chronologicamente
q. se compulsa com facilidade e proveito.

Pois bem: reverendo por alto essa compilação, eu
vi q. fare cada semana, senão no dia proprio eu q.
põe a revista, ao menos numa dia proximo, se podia
comemorar uma revolta — uma revolta portugue-
za, seja ela a revolta de Afonso Henriques contra a
mãe, seja ela a revolta dos burguezes do Porto contra
o leispo poderoso, seja a do povo de Lisboa levando ao
tráns o mestre d'Aviz, seja a dos portuguezes no
Brasil contra os jesuitas, seja a do povo contra os
franceses, seja a longa serie delas desde 1820 até 1854,
todas como aspirações nobres de dignidade e de jus-
tiça, até ás contemporaneas como a de acadêmicos
em 1807 (em q. eu infelizmente, tive uma parte) ou
a nossa de 28 de janeiro de 1808 em q. tambem...

... não estará isto no indole da revista de V.?

Cerca de uma columna, quando muito columna e
meia, não mais, dos Comentarios, talvez, ou como
V. se entender; e quando a historia nos falhar com
um facto de clara intenção revolucionária, ha de cer-
to, um em outro acontecimento, ou filho de revolu-
ções ou ainda, quando mais não seja, uma con-
quistã de pensamento.

Causas enfim em q. se veja bem patente a mar-
cha ascensional dos homens para causas melhores...

Quando a resposta de V. q. V. darã com a franque

za e a lealdade q. são das mais altas qualidades do seu caracter.

Seus mais, etc, etc.

(c) Bli, - Pi - T -

A 1 de março respondi-lhe, amavelmente, dizendo q. seria útil e proveitosa a recção e dando-lhe o nome para ela: Portugal revolucionário - o caminho da liberdade. Acrescentei q. seria melhor a recção começar pela fundação do reino e declare q. me quer pagar...⁽¹⁾

Eu lancei-me ao trabalho; estudei nos livros de Theophilo Braga a persistência da raça e querendo ir mais longe, escrevi a meu cunhado do Costa-Ferreira a seguinte carta:

7 - março - 910

Meu caro:

Duas palavras apenas, para você ler e para ver se responde...

O Theophilo Braga, em quasi todas as suas obras, insiste na persistência de um caracter proprio de raça q. se revela nos portuguezes atravez da historia. Chegamos mesmo a chamar lusismo a razão quasi inconsciente q. tem dado a Portugal o espirito de resistência como nacionalidade livre, atravez de todas as necessitades e de todos os aviltamentos por q. se tem feito passar.

Ora o q. diz a isto a antropologia?

⁽¹⁾ Coll. Cartas - II, 80

Tem você algum trabalho seu q. elucidar este ponto e q. me mande, para evitar tempo perdido em me escrever? Ou pode você responder, em duas palavras q. sejam?

Não se esqueça.

Por cá, a temperatura sobe...

Etc, etc, (6) D. L., -

D'atã a 15 dias recebi como resposta, um folheto dele, e q. modo dizia acerca do q. eu desejava: O Povo português sob o ponto de vista antropológico. No mesmo, contra o costume, deu alguma resposta...

Mas, resolvido a compreender a recusa, escrevi dois artigos q. mandei em 20 de março com a seguinte carta para o Sr. José d'Almeida:

Meo Sr.:

Eu já devia ter escrito agradecendo a sua carta e as suas palavras amáveis. Tenho porém andado um pouco enredado com causas q. reclamam urgência e cuidado, de modo q. só hoje o faço.

A ideia de V. de fazer a recusa subordinada a alguns cronologicos, é excelente e eu immediatamente a accehi com prazer; mas... a reflexão veio perturbar-me depois de a poderis levar a efeito.

A q. eu lembrei, não tinha grandes ~~responsabilidades~~ responsabilidades: eram factos isolados, sem regularidade, comemorativos apenas. Mas a q. V. lembrava tem uma outra responsabilidade perante a qual, confesso, vacilei.

Seria para a minha competência?

É q. esta recusa exige, apesar de modesta e pequena, um critério filosófico q. eu não sei se terei — apesar de ter aprendido com os livros e conferências de Theophilo Braga.

Mas, confesso lealmente: o q. sou capaz de fazer pouco á disposição da revista de V. e hoje envio dois artigos q. V. verá se estão ou não nas condições e dos quais fará o uso q. entender.

V. dará as suas ideias, etc, etc. . . .

É no dia 1 de abril, no n.º 8 de "Alus nacional" lê-se o 1.º artigo do Portugal revolucionário. Conferência podia, lá ia mandando os artigos; chegaram ao citaro: o nome já ficou no terceiro parq. chegou o 5 d'outubro antes q. ele saísse á luz da publicidade.

Em 14 d'abril escrevi de novo ao Sr. António José d'Almeida:

PTL:

Envio hoje a V. mais dois artigos para a recusa q. V. considerou em escrever na bela revista q. dirige.

Prometo não faltar quinzenalmente ao cumprimento q. tomei a V. me fará o favor de suspender a ~~publicação~~ publicação dos frequentes artigos quando entender q. eles não são do molde da revista ou não estão á altura da escolhida colaboração q. ela tem.

Aproveito a ocasião de escrever, embora por pouco tempo, os meus serviços em Portugal, para ainda

fui transferido por telegrama do Ministerio da guerra, mercê do medo q. a minha presença aqui mette aos leaes defensores da monarchia, ouer como republicano, ouer como maçom.

Umas isto, enfim, é o pão mollo de cada dia e nada temos q. estranhar; no campo haem estar q. não, não credito q. sómente no outro mundo se dá o castigo aos maus.

E não mais, etc, etc. . . .

E para acabar, umas nota curiosa:

O Antonio José d'Almeida perguntou-me, logo de entrada, pelo preço q. eu dava aos artigos; não respondi. Alguns dias posterior, e me veio perguntar e eu nada. Num littera qualquer, não perguntou a q. eu respondi q. antes de dizer quanto devia receber pelos artigos, devia perguntar se eles valiam alguma coisa...

Nisto vem a Republica e o homem vai a ministro do interior; no dia 19 vem a Coimbra por cause dos estudantes insubordinados e entre uns cumprimentos e uns vivórios dig-me:

— Oh Belizário Pimenta: olhe q. eu preciso falar-lhe...

— Quando v. he quizer...

Eu disse de mim para mim, entre admirado e receoso:

— Que diabo querera elle?

No dia seguinte, em S.^{to} Antonio dos Olivares, minha reunião com Manuel d'Arriaga ao túmulo de José Falcão, ele, travando-me do braço, diz-me amavelmente:

— O meu amigo escreveu aqueles artigos para o Diário Social e eu ainda lhe devo tudo...

— Oh sr. doutor... Não vale a pena falar nisso...

— Vale, sim, vale. O meu amigo ho-de receber o preço dos artigos, etc, etc.

Eu escusei-me mas ele insistiu.

Passaram-se meses. Em março ou abril, meu Tio Alvaro teve de tratar com ele qualquer negocio e foi procural-o á redacção do República; depois, cerca de 2 h. da noite, descendo a rua nova do Carmo, meu Tio despedindo-se, disse-lhe q. eu lhe havia mandado lembranças; e ele, como q. recordando qualquer coisa de grãve:

— O Belizário... Sim... Ainda lhe devo uns artigos q. ele escreveu...

Coimbra = 14 de outubro de
1915. =====

O Jardim-escola João de Deus
em Coimbra:

Creis f. foi em 1909 f. o João de Deus me meteu na "Comissão auxiliar em Coimbra" das Escolas novas; e quando se tratou da construção do Jardim-Escola pelo projeto do Naul Lino, o meu trabalho foi fazer com f. a obra fosse dada ao empreiteiro Marques Alves — como o melhor intérprete dos projetos daquele arquiteto.

Houve dúvidas mas lá consegui f. ele fosse o escolhido — e no dia 10 de março, salvo erro, as obras começaram sob a fiscalização do tenente alexarife Figueiredo.

Sobre a empreitada, dada ao Alves, convenci o João de Deus f. ele seria o melhor executor e assim ele ficou convencido como se vê por um bilhete f. ainda em janeiro me mandou.⁽¹⁾

⁽¹⁾ Coll. Cartas — II, 75

Procurei fazer todo o reclame a' obra e até no n.º 2 de "Ciuebra Pitagorica" eu fiz publicar, em granera, o projeto da escola, com um artigo do proprio João de Deus.⁽¹⁾

A obra foi aparecendo, realmente e o dinheiro tambem ia aparecendo dado principalmente pelo Orfeau academico q. alguns centos de reis entregou generosamente.

Em fins de novembro houve um parau de ginástica e atletica, meu sabado á noite e no domingo seguinte um campeonato dos jogos e exercicios ginásticos na parada do novo quartel de Sant'Anna q. rendeu algum dinheiro e a mim — então cominário — algumas manadas.⁽²⁾

E eis a minha intervenção na obra excelente e interessante do Jardim-escola...

O pau a pau dêus...

x

A proposito vem referir o q. se passou comigo numa tentativa para instalar em Valença um "Cominário auxiliar" (parq. tinha havido um legado do Brasil) e referir o ~~part~~ vergarhos

(1) Coll. Cartas - II, 83-B.

(2) Coll. Cartas - II, .. e ..

fiu J. teve a comissão de Miranda do Corvo.

Quanto á tentativas de Valença, tudo se resumiu
numas conversas em Coimbra, em conversas de
março, com o Virgílio Sobral, estudante e natural
de lá, e na qual eu lhe expuz todo o plano — e
na carta J. eu enviei ao mesmo, quando estava
em férias. E tudo ficou por aqui...

A carta é a seguinte:

26 - março - 910

Meu caro amigo:

Preocupações de varia especie tem feito demorar
a carta prometida ao nosso conhecido amigo Cunha.⁽¹⁾

Agora, porém, com a sua presença nessa exce-
lente terra de Valença, o meu amigo poderia fazer
minuto a, melhor do J. por carta, expôr o caso em J.
já lá he tempo.

Trata disso com avar e com aleva?

O João de Deus esteve hoje em minha casa e dis-
se-me J. a herança estava já em poder das Escolas
novas. Meu caro amigo: não receio de férias
sem deixar tudo resolvido. Eu procural-o-ei.

Outro caso: é necessário começar com a pro-
paganda nos jornaes d'aí; se quizer eu encarrego-
me do Noticias de Coura e Valença se o Guilherme Gues-
ta estiver para me aburar...

Resolva-me tudo. E desde já o ameaço com o
prometimento de J. o não largo!

Est, etc,

(c) B.P. —

⁽¹⁾ Adolfo Salgueiro e Cunha, advogado.

Depois desta carta, o silencio recaiu sobre o caso, inexoravel, impeneavel...

Mas com Miranda do Carmo deu-se cousa melhor.

Como ficou descrito a pag.^{as} 13-19, a comissao constituiu-se idoneamente e eu, creio q. em junho, fui lá para se combinar a ida official do João de Deus inaugurar os trabalhos.

Houve difficuldades por causa da politica; e assim ficou prejudicado esse meu projecto q. era um meio de os embalar como João de Deus. No entanto, as cousas seguiram e de Lisboa annunciou-se uma missão ao concelho de Miranda: era ouro polido azul, não é verdade? Parece q. todos deviam ficar satisfeitos, não é assim?

Pois em 21 d'outubro, recibi uma carta do Olisio de Campos, secretario de Associação, dizendo q. a Comissao de Miranda participara a sua dissolucao « porq. se implantou a Republica e a esta cabe pôr termo ao analfabetismo! »⁽¹⁾

Extraordinario, não é?

Eu fiquei desesperado — e tive um momento um grande sentimento de nojo por aquellas cavalgadas.

⁽¹⁾ Coll. Cartas - II,

No dia seguinte respondi ao Padre Elísio de Campos o seguinte:

22-out.º-911

Ex^{mo} Sr.:

Antes de mais nada — e permitto-me a franqueza — devo dizer q. os nossos amigos de Miranda do Corvo, não burros.

Ja calculava o q. V. me dir. São creaturas interessantes, aquelas! É caso para dizer:

— Qual empregado Republica para gente assim!

Em abril deste anno, como era ferigoso em Coimbra, fui transferido para Portalegre; passado algum tempo voltei com licença e neste periodo fui umas duas vezes a Miranda para tratar da ida lá do Dr. João de Deus para inaugurar os trabalhos da comissão — e isto era de maior conveniencia.

Lá, no entretanto, iam fazendo prevalecer sobre tudo o mais, as questões politicas e pessoais, de modo q. se suspendeu a festa.

Depois, mandado novamente apresentar em Portalegre, parti inesperadamente e apenas esnei para lá, aconselhando persistencia.

Meas qual!

Passado uns dois meses, quando voltei de Portalegre, deante e na situação da inactividade, procurando principalmente tratar do minha saúde, dinera-me q. lá se desmorinava, q. alguns subscriptores desistiram e ... q. não se fazia nada!

Resolvi ir lá, fazer reunir os homens, e dizer-lhes causas...

Meas eis q. surge a nossa gloriosa Republica e eu, empurrado para commissário de policia, sem mãos a medir nestes primeiros tempos, nada tenho podido fazer. É para mim, um desfecho destes!

Já me J. G. tenho rezado em lhes chamar burros...

do entanto, vou tentar; fique V. certo G. farei os
forços, tanto mais G. me deixárem convergendo...

Conclua-se afinal G. a missão projetada, devia
ser, não para o povo, mas... para eles!

Creia-me, etc.

B. Pinheiro

Mas qual! Tentei, lá isso tentei — mas de
nada serviu. O Marão d'Almeida, com resto do
Seminário onde andou uns anos, tinha umas
desculpas de jesuíta autêntico. E a comissão dis-
solveu-se, mandando toda a papelada para o vo-
gal José d'Almeida, medico, então administra-
dor do concelho — G. me mandou dizer G. tinha
tudo aquilo ás minhas ordens...

Idiotas...

Em meados de novembro, o Elísio de Cam-
pos, escreveu-me de novo.⁽¹⁾ Mas nessa altura era
impossível ~~resuscitar~~ resuscitar o morto; ao
pouco a causa foi esquecendo, tendo sido o pri-
meiro a despedir-se de contribuinte o Joaquim
Falcão, secretario da camara aposentado, homem
rico, velho republicano e... irmão do grande e
nunca esquecido José Falcão!

⁽¹⁾ Coll. Cartas — II —

Ironias do destino G. ás vezes se compra
com estas cousas.

E assim, estúpidamente, se desfez uma bela
obra G. poderia dar excelentes resultados!

A reacção!... o dedo da reacção!...

Coincidera = 22 de outubro
de 1945.

A "Coimbra Pittoresca"

Este caso da "Coimbra Pittoresca" é um caso bem pittoresco de Coimbra...

Em novembro de 1889 reuniram-se, a convite, na "Sociedade de Defesa e Propaganda" uns cavaleiros para se tratar de publicar, por conta desta Sociedade, uma revista de propaganda, "A Coimbra Pittoresca". Isto ficou dito, no volume anterior, a paginas 312.

Eu fiquei encarregado de coligir elementos e fui avarado em direção — e como tal lancei mãos á obra. Pensei em começar com a revista em janeiro seguinte, de 1890, e nesse sentido trabalhei. Mas...

A revista só saiu em ~~em~~ março! E para poder sair em março, bem custou. Bati a varias portas, andei de lado para lado — pedi, instei, abracei-me e ... conseguí apenas de boa vontade um artigo do dogueiro Lobo sobre as aguas

do Mendez e um outro (q. não estava bem no
 tom necessário) do Hipólito Raposo. Outros foram
 tirados a ferro — como um do Floro Henrique e
 outro do Gonçalves, q. era apenas um ligeiro pro-
 grama do q. viria a ser a Comunidade — revista q.
 ainda jáz na fór do nada.

Do Floro recebi um libelo q. concerno, envian-
 do o artigo "A vida em Coimbra";⁽¹⁾ mas do António
 Augusto Gonçalves, já as vezes q. fui a casa de-
 le, conversei quatro cartas q. mostraram bem o tra-
 balho q. deu para conseguir uma colúna de pro-
 pra.⁽²⁾ Todo ele era devidas e eu cheguei a pensar
 em escrever o raio do programa, se não fosse
 meu Tio Allino q. dizia dever ser feito pelo Gon-
 çalves.

O Tempo q. se perdia nestas causas! As idas á
 tipografia! O ouvir não daqueles q. se franquicá-
 ram a trabalhar! O pedir quasi humildemente
 um arbiguinho por amor de Deus!...

E assim, lá por fins de março, lá saiu o n.º 1,
 bem ilustrado, mesmo mal escrito e corresponden-
 do bem ao fim para q. ^{foi} creada a revista.

Depois, surgiu o espectro do n.º 2!...

(1) Coll. Cartas - II, 75-A.

(2) Coll. Cartas - II, 75-B, 77-C-D e E.

Avancei-me aos locados, isto é, avancei eu
aos locados, um artigo "Coimbra docente" ao dr.
Oliveira Guimarães; causei até um bilhete dele,
bem curioso.⁽¹⁾

Ao João de Deus pedi um artigo para acompa-
nhar a gravura do projeto do "Jardim Escola" como
fiquei dito;⁽²⁾ este, ao menos, foi polido — e meu
admira, porq. assim e sempre quando se trata de
sua obra. Foi polido e atencioso...⁽³⁾

No n.º 3, fiz um artigo, máis por sinal, do Flo-
ro, q. o fez quasi por favor, e fiz umas transcri-
ções, tive eu de encher o espaço, com arqueologia
barata...

No n.º 4, quasi tudo é meu, co'os diabos. Consegui — e manda a verdade q. diga q. foi de boa
vontade — q. o Sr. Silva escreveu um arti-
go q. acompanhava umas gravuras de fogueiras
do S. João; e devo dizer q. foi de uma rara ama-
bilidade. Causei o autógrafo⁽⁴⁾ e a carta q. o en-
viava;⁽⁵⁾ está pelo tom delicado e fino, a qual pe-
la forma interessante q. tem.

⁽¹⁾ Coll. Cartas = II, 80-A-B e C.

⁽²⁾ Neste volume, a pag. 139.

⁽³⁾ Coll. Cartas = II, 83-B.

⁽⁴⁾ Coll. Autógrafos —

⁽⁵⁾ Coll. Cartas = II, 93.

Nisto, em começo de julho, volto para Partalegre e a "Coimbra Pittaresca" ficou sem quem a fizesse vir à rua...

Meu tio Alípio, agarrou-se ao Guiu Martins, e este teve a coragem de fazer o numero todo, de fio a pavio! Saí em julho o n.º 6, estava eu em Partalegre — o G. mesmo G. não ha honras insubstituíveis...

Umas depois...

O Dr. Guiu não esteve para mais; meu tio não encontrou quem tomasse conta do jornal; quando eu voltei, em setembro, viaha doente e não havia gente em Coimbra a quem me dirigisse; depois, a revolução, o cominariado...

E foi assim a "Coimbra Pittaresca"...

x

E' para ver como em Coimbra todos abandonam as obras uteis. Tanta gente na terra q. seja capaz de escrever! Mas tanta gente q. não quer escrever...

Eu andei sempre só; toda a gente se afastava quando eu erguia a bandeira da "Sociedade"!... Umas, quando a publicação se suspendeu, muito gente freguentava, com modos arrogantes:

— Eubáas esse Coimbra Pittaresca?

E' uma terra interessante, esta minha terra!

É assim, por falta de quem se encarregue de escrever, de longe em longe, um artiguzinho (em Coimbra, a terra universitária!...) a revista deixou insolitamente de se publicar e voltou a peregrinar na região do silêncio...

Coimbra = 24 de outubro
de 1911.

O mez de setembro em
Coimbra:

No voltar de Portalegre, em 2 de setembro, desiludido e arrasado de todo — pensei seriamente em mudar de vida.

A vida, como ela ia, não era coisa com jeito; é mercê de qualquer reactionário, eu não estava seguro na minha casa.

Pensei e muito. Pensei em pedir a demissão de official e ir arranjar modo de ganhar dinheiro noutra parte. Mas como?

O mez de setembro, foi para mim um mez de luto. Eu via em tudo aquilo, o desasosiego e o futuro mal estar da familia e sem ver prouto remedio ao mal.

No entanto havia uma esperanza ainda na revolução q. por varias vezes fallára. Viria?... Não viria?...

E eu ia esperando, entretendo o ocio com o

trabalhos históricos q. preparára: um estudo ligeiro sobre a acção do Ponte de Mucela, em março de 1811 e um trabalho de maior fôlego sobre a batalha da Cruz dos Mourões, em 1828.

Andei na biblioteca da Universidade e na do general Meneses de Carvalho e em ambas recolhi largo copia de elementos; á noite, em casa, lia-os e meditava sobre eles. Comecei mesmo o de Ponte de Mucela, em cartas para o Ferrás, e ainda escrevi duas antes da proclamação da Republica; mas o de Cruz dos Mourões não cheguei a começar.

É assim ia o tempo correndo, sem nada de anormal; o capitão Alfredo Cruz, em 9 do mez, escreveu-me de Vila Real, muito inquieto pelo meu estado de saúde⁽¹⁾; e d'ahi a dias, respondendo a uma carta minha⁽²⁾, escreveu-me de Baião, onde estava em serviço do D.R.R. n.º 13, continuando o rescionatismo de Coimbra, onde nunca mais voltaria...⁽³⁾

Bele amigo q. ele era! E como ele reportava as cousas todas, com filosofia! Faz falta, faz bastante falta.

(1) Coll. Cartas - II,

(2) Cartas, II, 2.ª, pag. 9.

(3) Coll. Cartas - II

E eu pensando como ganhar dinheiro...

Já em junho, quando de primeira vez estive em Coimbra, depois de transferido, pensara também muito. Mas quê?

Cheguei a escrever ao Almeida Lima, pedindo-lhe q. fosse à Companhia Editora, ao Conde Barão, e perguntasse por quanto me comprariam o original de um volume de Biblioteca do Povo, acerca de Filosofia positiva — assunto a q. eu tão me dedicava a valer. O rapaz foi e... respondeu-me q. na Editora lhe disseram:

— Está tudo pela hora do morto...

Insistindo o Lima, julgou mesmo q. se achava com o assunto, dizendo-lhes q. se tratava de filosofia positiva! Mas o resposta foi:

— Não dá nada...

E pronto... Falhou essa tentativa de ganhar a vida honradamente...⁽¹⁾

Voltei-me para o "Alvo Nacional" onde o Antonio José d'Almeida me publicava uma revista Portugal Revolucionário, como atrás fica dito.

Mas ele insistiu para me pagar quando eu recusaria; e naquela altura, q. eu aceitava, porque ele se lembrou de me falar no caso.

⁽¹⁾ Coll. Cartas — II, 96-A

E aqui está como eu deixei de receber alguns mil-reis...

Corria-me tudo mal; e um dia, até, no jornal "A Tribuna", de Coimbra, appareceu-me um elogio q. me encareceu de parçe, parlando de um jornal republicano, mais me compromettera do q. me elevava. ⁽¹⁾

Foi escrito pelo Flares e era a proposito das conferencias q. o ministro mandára fazer acerca da batalha do Buçaco, e por cause do centenário da guerra. Dizia q. no 23 se lá havia um official capaz de fazer a conferencia ordenada; e esse official era eu, etc, etc. — o q. vinha chamar sobre mim a attenção da talassaria.

Eu falei sobre o caso ao proprio Flares, mas deu parte. Eu não gostei do elogio; e ele não gostou q. eu não gostasse...

Couras...

No entanto o mez de setembro lá foi andado do tranquillo, e eu mais eu meus tranquillo, tambem, ia vivendo e retemperando a minha paude abalada.

As minhas escriptas couras magoadas, como as cartas q. mandei ao José Fernandes Duarte

⁽¹⁾ Masso V, 52. Passou. f.ª a colleccão de docum. ¹⁷

A revolução

Algumas recordações e o q. se passou nou-
tros pontos. Impressões ligeiras e ao correr
da pena.

Depois de escripto tanto tempo, vamos ver se
deixo aqui arquivado varias cousas q. ainda
tenho em monte, um pouco misterdo, mesmo
gauleta.

Vamos por exemplo ver o q. disse meu Pae
q. na altura da revolução se encontrava em
Lisboa:

Lu^a = 8 out.º 910 (Avenida Duque d'Avila).

.....
Nós felicemente estamos aqui, mas durante os
duos noites de combate ninguém aqui dormiu,
nem no deitamos. O Costa-Ferreira não dormiu em
casa durante 3 noites, e ele e João de Meucos tinham
tudo preparado para fugir para o estrangeiro caso
fossem perseguidos. Depois dos combates ainda des-
cui 2 noites em casa do Fernão.

Imagine como nós estávamos por tudo isto.
Os combates principais foram aqui na Rotunda

ao cimo da Avenida, Campolide e Sete-rios e S. Sebastião da Pedreira até Penitenciaría, e Praça Duque de Saldanha.

Algumas granadas caíram e rebentaram no quintal das Picôas, aqui parte do quintal do Ferrão. Algumas casas aqui proximas, soferam com as granadas d'artilharia: foi um inferno durante duas noites. Quando disparávam as peças, parecia que era aqui ao pé.

A causa esteve muito indecisa pois apenas sustentavam os republicanos, artilharia 1 e parte do 16; tudo o mais era contra. O G. valeu foias valões marinheiros G. do lado do Terreiro do Paço sustentam os regimentos entre dois fogos, e G. logo se renderam.

A cavalaria da Municipal sofreu muitas baixas; na Avenida, não se viu nenhum cavallo da Municipal a fugir sem cavaleiros, o G. aproveitou ao povo e aos cadetes da Escola do Exército G. sustentavam neles. Eram os cadetes G. comandavam os batalhões de civis armados.

No dia de luta mais acosa, passaram aqui dois batalhões de pavoros armados, de mais de 300 homens cada um e lá foram para o Roberto ajudar a artilharia e o 16.

Agora é G. eu observei a bravura e abnegação do povo republicano de Lisboa.

Carriam por aqui magotes de repares de 15 e 20 anos, todos armados de carabinas e bem fornecidos de cartuchos, á procura dos municipais, G. depois da derrota na Avenida, se espatharam por estas ruas até ao Campo Grande e Sete-rios. Nós vimos passar aqui uma porção de cavalaria da Municipal e quando eles iam ao fim da Avenida p.^a S. Sebastião, ouvimos uma grande descarga

e pouco depois 2 cavalos, com soldados, é desfilá
da pela rua e foram parar á praça do Saldanha,
aonde os populares os apauháram.

Os jornaes occultam o numero de mortos, mas
calcula-se em mais de mil.

A guarda municipal foi a q. mais sofred. Já
está toda desarmada assim como a policia. Eba
tem sido feita por populares armados.

Continua ainda a ouvir-se tiros ao longe,
mas é nos coios jesuíticos, cujo fim é combater
com as desordens para ver se os ministros ex-
trañgeiros interveem.

Mas q. ordem e disciplina neste povo arma-
do!

.....
Lis^a = 11 d'outub^o. (Avenida duque d'Avila)

.....
O Costa Ferreira encontrou no governo civil
agui, o Trues, q. veio fazer a sua profissão de fé,
e declarar q. foi sempre republicano!

O Costa fez-lhe bem a causa e pediu para se
verificarem no ministerio da guerra, as informa-
ções q. lá ha e tem respeito a doutros officiaes do
23, expulsos d'ai.

.....
Isto, em Lisboa.

Doutras partes recebi noticias, umas pe-
didas outras expondoenas.

De Chaves, por exemplo, o Carrão d'Ol-
veira, tenente do guarda fiscal e meu arbi-
to e discípulo, enviou-me uma carta.

carta entusiástica, em q. conta cousas interes-
santes. ⁽¹⁾

De Salença, o Albenico Gomes, conta factos,
de mistura com considerandos retóricos... ⁽²⁾

De Portalegre, o 2.º sargento Pacheco, revolu-
cionário q. eu lá conheci, relata-me os ressu-
scimentos daquela maldita terra. ⁽³⁾

É o Franco, o velho companheiro de cons-
piração, Luis Augusto d'Oliveira Franco, de
Memba, Moçambique, escreveu-me entusias-
mado e romântico. ⁽⁴⁾

x

Com a revolução, é claro, houve durante
dias, quasi interrupções de comunicações —
devido ao corte de linhas e á aflicção exar-
bitante de serviço.

Conservei ainda um telegrama de meu
Pae, q. no dia 7 de outubro me mandou de
Lisboa onde foi expedido ás 9 h. e 30 minutos.
Pois recebi-o á meia-noite. Perguntava co-
mo eu estava, visto q. lá se ignorava o q. hou-
ve em Coimbra.

(1) Coleção Cartas, II,

(2) Idem - II,

(3) Idem - II,

(4) Idem - II,

Conserve-o, assim como um outro, do mes-
mo dia 7, p. o António Francisco, de Paufri-
thosa de Serra me enviou, abraçando-me...⁽¹⁾

Comegávamos as adesões...

Mas a afluência de serviços era tal, p. em
11 d'outubro recebi um telegrama p. meu Pa-
reandou, enviando parabens pela minha
nomeação p. commissario de policia — expedido
em 10, mas... enviado pelo correio!⁽²⁾

x

Agora, a ansiedade de saber noticias.

Em 6 d'outubro, á noite, recebi uma car-
ta do poeta Afonso Duarte, pedindo noticias
positivas dos acontecimentos.⁽³⁾

E em 9, recebi um telegrama do Franco,
mandado de Mocaubique com a palavra
"noticias!" ressumando curiosidade á to-
neladas. Este telegrama foi corroborado por
uma pequena carta p. recebi ja em novembro
seguinte.⁽⁴⁾

x

No dia 6 d'outubro, á parte um postal

(1) Coleção Cartas — II, 116-A e 116-B

(2) Idem — II,

(3) Idem — II, 116

(4) Idem — II,

que mandei a meu Paq, só operari ao meu cam-
panheiro de transferencia, o eulão castrão de
Infantaria 13, Alfredo Eduardo da Cruz. Em 9.
Recibe resposta, num postal amigo, simples
mas bem alegre. ⁽¹⁾

Em 15 d'outubro, o Fernandes Duarte, as-
pirante d'administração militar, escreve-me
de Campolide, do acaupamento, entusiasta mé-
do com a revolução. ⁽²⁾

É no mesmo dia, um amigo empregado
do Paço, agradecendo uma carta q. lhe escrevi
perguntando pelo Paq, manda-me uma carta
amavel, achando tudo bem: « são dignos de
"maior elogio e pelo seu modo recto de procedi-
"mento, da simpatia geral.» ⁽³⁾ Ambos assim...

No dia 18, recabi uma carta do Dr. José
Sequeira, official medico d'arcos de, governo
das civil de Portalegre, respondendo a uma
carta, minha, pelo facto de eu lhe agradecer
umas referencias q. ele me fez, num discun-
so, quando tomou posse do governo civil do
seu distrito. ⁽⁴⁾ É uma carta interessante, q.

(1) Coleção postaes -

(2) Idem -

(3) Coleção cartas - II

(4) Idem - II

Nota:

Este meu 4º volume de "Memorias," de vida a coisas varias e variadas, saiu uma verdadeira trapalhada.

Comencei-o suspiriosamente em 1 de janeiro de 1810 e terminei-o agora, em julho de 1812, passando quasi dois annos, e quando por sobre a minha vida tem corrido os mais extraordinarios factos.

No entanto, ai fico, com o pebidio embora fraco para a historia de minha vida — com ainda pelas se parei capoz de continuar com estes volumes.

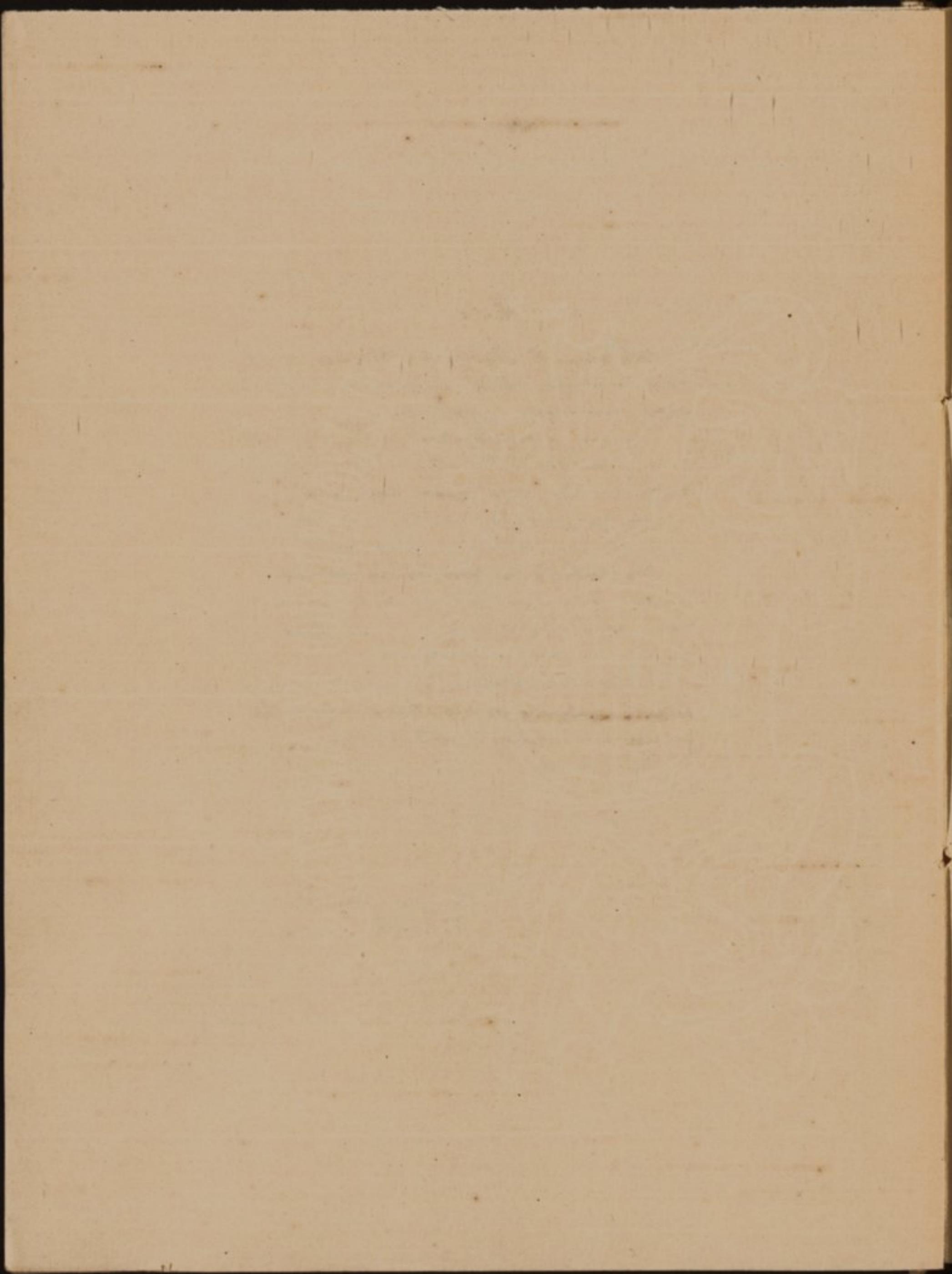
Seriau interressantes, escritos diariamente, quando os acontecimentos estao frescos e a memoria não abraiçoa.

Mas assim ...

.....

Esta minha vida! ...

Em 20 - julho - 1812.
Coimbra. ==



Índice A :

Janeiro	1
Março	13
Nota	20
A minha transferência para Infantaria 22	21
Em Portugal por duas vezes	77
O meu papel na revolução	93
Como eu colaborei na " <u>Alma nacional</u> "	132
O jardim-escola "João de Deus" de Coimbra, e as comissões auxiliares de Salenç de Minho e Miranda do Corvo	139
A " <u>Coimbra Pitagorica</u> "	146
O meu de regresso em Coimbra	151
A revolução. Algumas recordações e o q. se passou noutros pontos, etc.	156
Nota	163

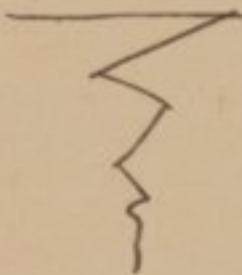
Índice B :

<u>Alma Nacional (A)</u> - - - - -	132
Almeida (Antonio José d')	132
" " (Tenente Correia d')	104
Alta do Chão - - - - -	81
Barras (coronel Alfredo Augusto de) - 23, 25, 27-31, 75	
Chagas (coronel Rago) - - - - -	107
<u>Coimbra Pitarasca</u> - - - - -	146
Comissão auxiliar de Valença do Minho - - - - -	140
" " " Miranda do Cerro - - - - -	13, 142
" de insperito ao ensino - - - - -	7
Costa Lobo (Dr. Franc.º Miranda de) - - - - -	47, 48
Cruz (Alfredo Eduardo de) - - - - -	5, 93 e seq. ^{6.}
Dous (João de) - conferencias. - - - - -	8, 12
" " - jardins, - escola - - - - -	137
Evora - - - - -	85
Floro Henriques - - - - -	102
Franco (Luis Augusto de Oliveira) - - - - -	100 e seq. ^{6.}
Infantaria n.º 23 - - - - -	7, 93 e seq. ^{6.}
Juens - - - - -	2, 6, 27, 29, 32
Leitão (Antonio) - - - - -	10
Ministerio da Guerra - - - - -	73
Monsarás (conde de) - - - - -	11
Monteiro (General Silva) - - - - -	3
Pacheco (Jacinto) - - - - -	79, 83, 85, 87, 126
Pereira J. ^o (Antonio Pires) - - - - -	105
" (General João Maria) - - - - -	30
Pimenta (José Augusto) - - - - -	33, 36
Portalegre - - - - -	77
Reis (Carlos Candido dos) - - - - -	117
Revolução (A) - - - - -	93, 156

Ribeiro (Halder) -----	78, 99
Transferencia para Jafar Garcia 22 -----	21

Adenda:

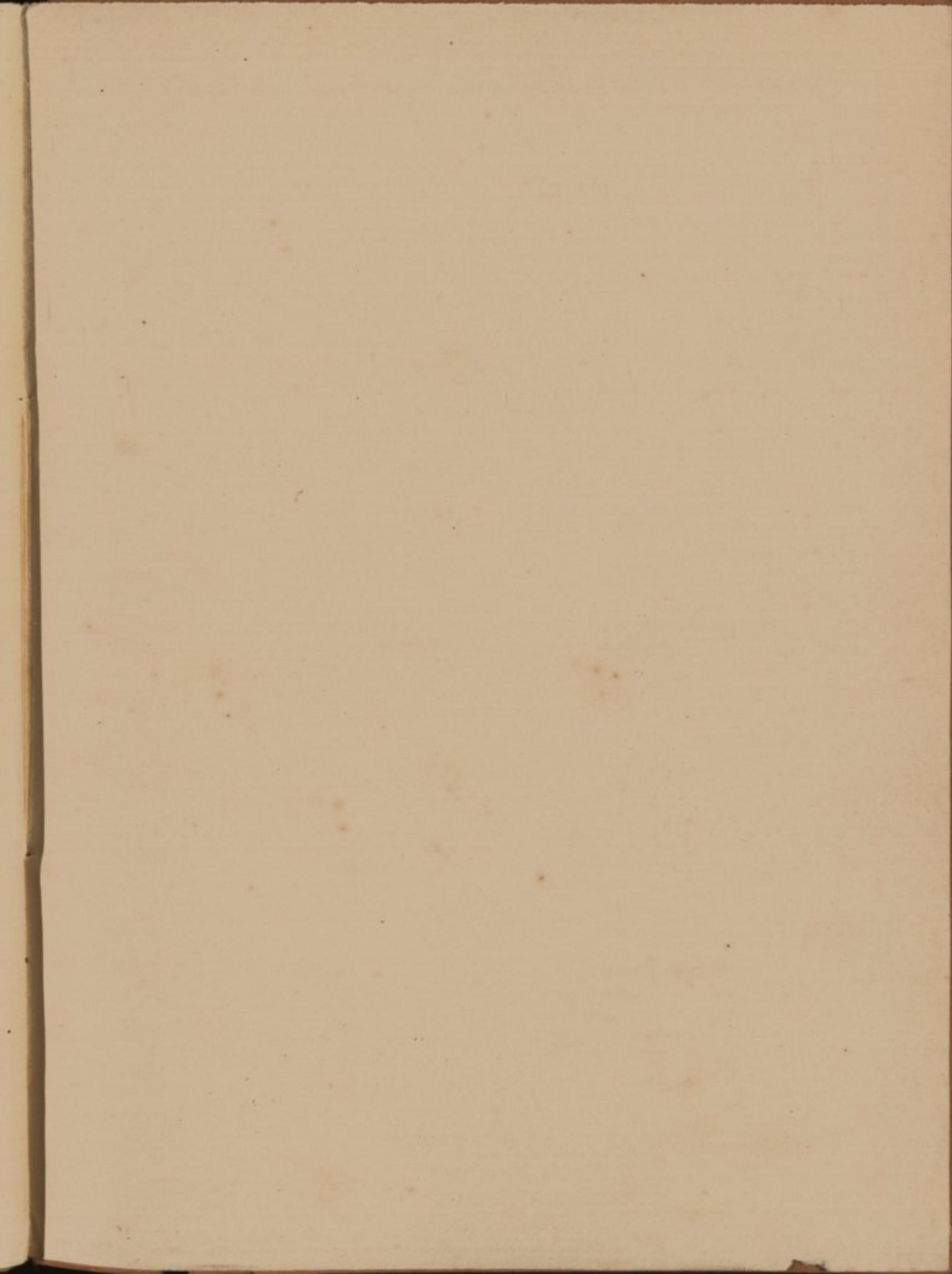
Duarte [José Fernandes] -----	32, 33, 44, 104
-------------------------------	-----------------



13 فنته زیند

فینس

کینگ
کمبرل
de St. Paul



3

N